



Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em Filosofia

Fernando Lopes de Aquino

Sublimação da lógica e atividade filosófica: uma leitura dos
§§89-133 das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein

Orientador: Dr. Marcelo Silva de Carvalho

Guarulhos

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDO LOPES DE AQUINO

SUBLIMAÇÃO DA LÓGICA E ATIVIDADE FILOSÓFICA:
UMA LEITURA DOS §§89-133 DAS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS* DE
WITTGENSTEIN

Tese de Doutorado em Filosofia apresentada ao
colegiado do Curso de Pós-Graduação em Filosofia
— Universidade Federal de São Paulo. Sob a
orientação do Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho.

Guarulhos — Maio de 2018

AQUINO, Fernando Lopes de.

Sublimação da lógica e atividade filosófica : uma leitura dos §§89-133 das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein / Fernando Lopes de Aquino. – São Paulo, 2018.

144 f.

Tese de doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Filosofia, 2018.

Orientador: Marcelo Silva de Carvalho.

Título em inglês: *Sublimation of logic and philosophical activity: A reading of §§89-133 of the philosophical investigations.*

1. Sublimação. 2. Lógica. 3. Filosofia. 4. Wittgenstein. I. Carvalho, Marcelo. II. Título.

Para Sofia e Clarice

*Ao Wilson,
in memoriam*

AGRADECIMENTOS

Dentre tantas pessoas que contribuíram com este trabalho, agradeço em especial a Kelly, companheira e suporte durante os anos de construção deste trabalho, e ao Prof. Dr. Marcelo Carvalho, meu orientador e amigo, por seu respeito e profundo conhecimento nas interlocuções que tivemos.

*Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo cães que também existem, e tudo isto me pesa como uma condenação ao exílio. E
tudo isto é estrangeiro, como tudo.*

*Álvaro de Campos
Tabacaria, In. "Poemas"*

RESUMO

Um dos principais objetivos das *Investigações filosóficas* é o de tentar reorientar o uso de termos filosóficos que supostamente evidenciam algo de essencial, como proposição, nome, pensamento, linguagem, mundo etc., a partir do jogo de linguagem em que eles de fato são usados. O resultado desta proposta não é outro senão a explicitação de uma série de ilusões, geradas quando os filósofos *sublimam* uma determinada “forma de representação” e retiram estes termos do “solo áspero” em que eles se situam. Os parágrafos 89-133, tradicionalmente conhecidos como a única discussão metodológica das *Investigações*, é um dos recortes do livro que mais nos permite problematizar este debate. A pretensão desta pesquisa é a de circunscrever estas questões, levando em consideração tanto os comentários produzidos em torno destes parágrafos, quanto a dinâmica a partir do qual os textos das *Investigações* foram produzidos. Este percurso possibilita a construção de um ponto de vista sobre a reflexão wittgensteiniana sobre a linguagem ainda mais radical do que a maioria dos comentários a estas passagens afirmam, onde o lugar da experiência e da prática assumem uma posição fundamental.

Palavras-chave: lógica; sublime; linguagem; representação; experiência; filosofia

ABSTRACT

One of the main objectives of Philosophical Investigations is to try to reorient the use of philosophical terms that supposedly evidence something essential such as proposition, name, thought, language, world, etc., from the language game in which they are actually used. The result of this proposal is none other than the explanation of a series of illusions, generated when philosophers sublimate a certain "form of representation" and withdraw these terms from the "rough soil" in which they stand. The paragraphs 89-133, traditionally known as the only methodological discussion of the Investigations, is one of the book's clipping that most enables us to problematize this discussion. The intention of this research is to circumscribe these questions, taking into account both the comments produced around these paragraphs and the dynamics from which the texts of the Investigations were produced. This course makes it possible to construct a view on wittgensteinian reflection on the still more radical language than most of the commentaries to these passages assert, where the place of experience and practice assume a fundamental position.

keywords: logic; sublime; language; representation; experience; philosophy

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 Sobre o lugar e a relação dos §§89-133 nas Investigações filosóficas.....	15
1.1 Comentário geral sobre o lugar e a relação dos §§89-133.....	15
1.1.1 Sobre o lugar dos §§89-133 no contexto das <i>Investigações</i> e a dinâmica do livro.....	18
1.1.2 Sobre a especificidade dos “erros” que levam à sublimação da lógica e como entender a relação dos parágrafos 89-133 com o <i>Tractatus</i>	25
1.1.2.1 Sobre o que representa a sublimação segundo o ponto de vista tradicional: a precisão na definição do sentido.....	26
1.1.2.2 Sobre o que representa a novidade das <i>Investigações</i> em relação ao <i>Tractatus</i> segundo a leitura tradicional: o caso da sublimação da lógica e o exemplo dos §§81-88.....	35
1.1.2.2.1 O exemplo dos §§ 81-88.....	37
1.1.3 Opções “metodológicas” e suas implicações para a leitura das <i>Investigações</i>	43

Capítulo 2 Sobre a concepção de linguagem apresentada entre os parágrafos 1-88 e suas implicações para o debate sobre a sublimação da lógica.....	61
2.1 Uma “imagem” da essência da linguagem humana.....	61
2.1.1 A imagem agostiniana e o conceito de significado em questão: um aspecto central para o debate sobre a sublimação da lógica.....	66
2.1.1 Primeira indicação sobre a sublimação da lógica nas Investigações e alguns indicativos de como dimensionar a leitura dos parágrafos 89-133.....	74
2.2 Semelhanças de família e a determinação da essência da linguagem.....	84
Capítulo 3 Sobre a sublimação da lógica nos parágrafos 89-133.....	101
3.1 Paralelos e interlocuções com o <i>Tractatus</i> : buscando os princípios da ilusão.....	103
3.1.1 Algumas coordenadas sobre a concepção de linguagem do <i>Tractatus</i>	112
3.2 Sobre os parágrafos §§89-97: a questão gramatical, o conceito de análise e a proposição.....	120
3.2.1 Sobre a questão gramatical nos parágrafos §§89-90.....	120
3.2.2 Crítica ao conceito de análise entre os parágrafos §§90-91.....	129
3.2.3 Sobre o conceito de proposição, pensamento e imagem do mundo: §§94-95...134	
3.2 Sobre a contraposição do texto nos §§ 98-108.....	136
Considerações finais	143
Referências	146

INTRODUÇÃO

Em uma passagem central das reflexões desenvolvidas entre os parágrafos 89-133, lemos que as palavras precisam ser conduzidas de “seu emprego metafísico para o seu emprego cotidiano” (§116). Trata-se de um dos principais motes da investigação proposta ao longo da obra, buscando situar os termos filosóficos que supostamente evidenciam algo de essencial (como proposição, nome, pensamento, linguagem, mundo etc.) no jogo de linguagem em que eles de fato são usados. O resultado desta empresa não é outro senão a explicitação de uma série de ilusões geradas quando os filósofos retiram estes termos do “solo áspero” em que eles se situam, envolvendo-os em uma “bruma” que os impede de perceber a complexidade da linguagem.

O principal objetivo desta pesquisa é o de circunscrever o debate dos parágrafos 89-133, tradicionalmente vistos como uma discussão sobre o “método em filosofia”, e compreender a dimensão da perspectiva exemplificada pela citação do parágrafo 116. Para tanto, entendemos que é necessário considerar alguns dos aspectos “estruturais” do livro, como a relação desta seção com os trechos precedentes e a maneira como o material do período intermediário é utilizado.

Em primeiro lugar, precisamos reconhecer o valor das interlocuções produzidas ao longo do texto, bem como o papel que essa característica desempenha na irrupção de seus debates, como a discussão sobre o conceito de significado, compreensão, proposição, necessidade, lógica e assim por diante.¹ Igualmente significativo, a forma como o texto foi composto caracteriza uma outra espécie de diálogo, que apesar de ser particular ao autor e envolver os seus diferentes períodos de trabalhos e concepções defendidas em cada contexto, acaba reverberando na interpretação de pontos capitais ao livro.

Tanto os debates internos quanto a estruturação dos textos que constituem o livro produzem desdobramentos cruciais em relação ao que as *Investigações* representam, e uma vez exploradas tendem a destacar ainda mais o valor da obra². O Prefácio das *Investigações*, por exemplo, parece ser claro ao advertir que o texto apresentado deve tomar o *Tractatus* como pano de fundo, isto é, os [novos] pensamentos apresentados “apenas poderiam ser verdadeiramente compreendidos por oposição ao velho modo de pensar”. No entanto, ao considerarmos a estrutura do livro e seus debates internos, esta indicação se torna bem mais complexa.

A grande questão que precisa ser dimensionada é saber determinar em que medida o texto sinaliza para uma “alternativa” ao *Tractatus*, ou ainda, uma dissolução da aparente *profundidade* dos pressupostos que pautavam aquela obra. A maneira como os textos foram compostos, organizados e utilizados faz com que a premissa do Prefácio e seu potencial normativo se torne bem mais problemático diante das possibilidades de interpretação que estes pontos apresentam.

¹ Ainda que o texto sobre a sublimação da lógica (§§89-133) não evidencie uma interlocução tão marcante quanto em outros trechos, trata-se de um problema envolto nas discussões precedentes, e é exatamente por isso que destacamos a importância desta característica.

² No caso específico do recorte de parágrafos 89-133, esta perspectiva de trabalho tende a redimensionar boa parte das leituras tradicionalmente estabelecidas, que em sua maioria veem este trecho como um recorte com relativa autonomia e tratando especificamente da “perspectiva metodológica” de Wittgenstein no contexto de sua filosofia madura.

Portanto, ainda que a orientação seja direta, resta a dificuldade de se identificar em que medida o que é descrito nas *Investigações* explicita um tipo de “reposicionamento”, e o quê, especificamente, isso possui de novo.³ Neste caso, considerar textualmente as *Investigações*, sua estrutura e as sucessivas discussões que a compõem são uma forma mais propícia de caracterizar a maneira como Wittgenstein se porta em relação aos temas abordados.

No que diz respeito a esta singularidade, as seções de parágrafos 1-88 e, na sequência, 89-133, constituem-se como trechos paradigmáticos, sobretudo por explicitar com maior clareza a recusa da concepção agostiniana da linguagem e a sublimação da lógica que isto implica. Sob este viés, o debate envolvendo a natureza da lógica passa a ser considerado não como um novo tema, como propõem alguns comentadores, mas uma forma de especificar os desvios e ilusões de uma visão já presente desde o início do livro (e que entre o recorte dos §§89-133 será metaforicamente descrita de maneira tão etérea que o próprio “atrito ao caminhar” estará comprometido (§107))⁴.

Neste sentido, o percurso mais amplo das *Investigações* caracteriza-se como um processo de desconstrução de pressupostos que, desde a apresentação da imagem agostiniana no §1, são descritos como os responsáveis por enfeitiçar a visão dos filósofos

³Ainda que a história da recepção e estruturação da leitura das *Investigações* possa oferecer algumas pistas, ela também não é suficiente para encerrar o debate. Isto porque a estruturação dos textos foi marcada por várias escolhas póstumas que trazem uma série de dificuldades, observadas inclusive nas progressivas consolidações de leituras mais sistemáticas, em que hora o papel central da filosofia da psicologia é evidenciado, hora os problemas relacionados ao conhecimento, o papel da filosofia, o ceticismo ou o paradoxo em relação às regras, e assim por diante. De fato, estes temas são centrais para o projeto de Wittgenstein, e a maneira como eles são formulados e debatidos diz muito sobre a sua concepção madura. Contudo, é próprio da dinâmica do livro se recusar a determinar um único caminho para investigá-los, forçando o pensamento “em uma direção”. Segundo o tom propedêutico do Prefácio, a reflexão que se pretende desenvolver visa “explorar um vasto domínio do pensamento em todas as direções” (Prefácio). Apesar destas justificativas, tomar o texto como um tipo de labirinto não dissipa o incômodo causado quando se tenta delimitar o posicionamento de seu autor. Mais do que isso, tal condescendência relacionariam as diferentes posições que os diálogos evidenciam a uma “infinita variação de cinzas ou uma sala caleidoscópica de espelhos” (STERN. 2012. p.50), e como desdobramento, seria difícil levar a sério o fato de que há uma nova perspectiva sendo adotada e que esta posição é um contraponto ao *Tractatus*.

⁴Paralelamente, ao se evidenciar as ilusões que marcam a filosofia, também são lançadas algumas luzes sobre a natureza da atividade filosófica, redefinida a partir de noções como os jogos de linguagem e semelhanças de família (fundamentalmente abordados entre os §§1-88).

lançando-os à caça de quimeras. Como alternativa, Wittgenstein constrói por meio de vários passos sucessivos uma concepção que redefine a necessidade destes elementos, como a especificação da essência, de algo comum, um ideal de exatidão ou as regras como suposto fundamento para a linguagem.

Dentre os desenhos que resultam deste embate, a discussão sobre a lógica e sua sublimação (§§89-133) insere-se como mais um traço da crítica à sedução destes pressupostos, incluindo o próprio conceito de necessidade, que por ser visto como uma esfera teórica e anterior à experiência acaba explicitando o desvio metafísico do sentido em que a lógica se coloca como *a priori*. Com o percurso construído entre os §§89-133, este tema e as discussões anteriores são entrelaçados de maneira ainda mais definitiva.

Além disso, essas seções também oferecem uma abordagem crítica de Wittgenstein em relação ao seu próprio trabalho, com ecos que se estendem para além do *Tractatus* e inclui os textos do período intermediário. Particularmente quanto a amplitude da interlocução, é fundamental entender que isto fornece uma identidade muito precisa à “gênese da ilusão” construída nestes trechos, extrapolando a visão reduzida dos comentários tradicionalmente consolidados que apenas circunscrevem o debate a uma interpretação pontual do *Tractatus*.

O objetivo desta pesquisa é reconstruir estes passos, caracterizando a centralidade do debate dos §§89-133 e de como ele é um percurso chave para a reformulação da concepção madura de Wittgenstein sobre a linguagem, não apenas quanto ao ideal de exatidão que a maioria dos comentadores tradicionalmente exploram, mas a própria pressuposição de que deve existir uma esfera teórica e anterior ao uso que seja capaz de determinar a sua correção ou não.

Por fim, como a consequência deste trecho também tem implicações diretas sobre o papel da atividade filosófica, espera-se que a discussão sobre a sublimação da lógica permita-nos compreender a presença neste recorte de uma “proposta” de caracterização desta atividade. Sobretudo, em que medida ela se aproxima ou se distancia dos trabalhos anteriores de Wittgenstein.

CAPÍTULO 1

SOBRE O LUGAR E A RELAÇÃO DOS §§89-133 NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS

O objetivo deste capítulo é o de realizar uma análise das principais bibliografias produzidas sobre os parágrafos 89-133 e evidenciar as implicações de uma visão tradicionalmente compartilhada pelos comentaristas a respeito do significado deste recorte, também conhecido como um trecho envolvendo a única seção “metodológica” das *Investigações Filosóficas*. Nossa problematização se dará a partir de duas questões principais: 1) qual é o lugar destas passagens no contexto das *Investigações*?; 2) O que está em questão com o problema da sublimação da lógica (mais especificamente, de que forma as leituras mais usuais veem o *Tractatus* para problematizar a sublimação da lógica)?

1.1 COMENTÁRIO GERAL SOBRE O LUGAR E A RELAÇÃO DOS §§89-133

These considerations bring us up to the problem: In what sense is logic something sublime? For there seemed to pertain to logic a peculiar depth – a universal significance (PU §89).

A abertura da seção tradicionalmente conhecida como o debate metodológico das *Investigações* tem como primeiro passo levantar um questionamento sobre o sentido em que a lógica pode ser compreendida como “sublime”, ou seja, uma ponderação sobre a sua natureza e os supostos equívocos que a envolve. O que é fundamental destacar neste momento, no entanto, é que invariavelmente esta questão é tomada pelos comentadores como uma discussão sobre a própria investigação filosófica. Entre os trabalhos que seguem este mote⁵, a obra conjunta de Baker e Hacker é notadamente reconhecida como um parâmetro de leitura primordial, e é justamente o paradigma que ela fornece que gostaríamos de problematizar neste capítulo.

Em primeiro lugar, estes comentadores são fundamentais tanto por oferecerem uma exegese estruturando as diferentes seções das *Investigações*, quanto por estabelecerem algumas interpretações do que representa a concepção madura de Wittgenstein para a filosofia contemporânea. Particularmente em relação ao parágrafo 89 e o que representa a seção que ele anuncia, a análise formulada por Baker e Hacker desdobra-se na avaliação de ao menos dois pontos principais:

i) Primeiro, os autores compreendem que a “sublimação da lógica” envolve uma percepção equivocada, sobretudo uma valorização exagerada do papel que tradicionalmente é concedido à lógica formal na investigação filosófica da linguagem.

⁵ O objetivo deste capítulo não é expor todos os materiais já produzidos desde as primeiras interpretações das *Investigações*, mas destacar alguns dos princípios que norteiam a leitura mais ortodoxa. Sobretudo, busca-se perceber em que medida a consideração destes trabalhos evidencia uma certa tensão entre a recepção inicial dos textos de Wittgenstein a partir da década de 1970/80 e o que atualmente tem sido considerado pelos pesquisadores.

ii) Em segundo lugar, valorizam a ideia de que a partir deste trecho as *Investigações* caracterizam o “método” correto de investigação em filosofia a partir da explicitação dos equívocos do *Tractatus*.

Mais especificamente, para Baker e Hacker (2005), os dois pontos assinalados caracterizam a única discussão nas *Investigações* sobre a visão madura de Wittgenstein em relação à atividade filosófica⁶, os erros que tradicionalmente a envolvem e o que lhe seria mais próprio (V.1; Part I. p.251). Para os comentadores, o trecho aberto pelo §89 nos permite compreender tanto os equívocos que configuram a atividade filosófica, quanto as características que definem a verdadeira natureza desta prática.

Por esta razão, a seção aberta pelo parágrafo 89 é lida em estrito contraponto ao *Tractatus*, apresentando uma análise crítica das “armadilhas” que caracterizavam a investigação da linguagem no trabalho anterior de Wittgenstein e, como consequência, a descrição de uma nova concepção. Neste ponto, em particular, uma compreensão específica do *Tractatus*⁷ é destacada, que é a ideia de que um de seus principais fundamentos era o ideal de linguagem rigorosamente determinada.

A apresentação do projeto tractariano e sua contrapartida é então compreendida como uma forma de explicitar o comportamento do filósofo quando ele é envolvido pelos ardis que tradicionalmente constituem a prática filosófica. Assim, este mote caracterizaria as reflexões maduras de Wittgenstein sobre “*the methodological sins of the Tractatus*”. (V.1; Part II. p.252).

⁶Apresentaremos na seção seguinte a estrutura proposta por estes autores e as implicações teóricas implicadas.

⁷Como veremos adiante, trata-se de enfatizar o modo como o *Tractatus* definia o espaço lógico das proposições como um pressuposto para delimitação precisa dos conceitos.

Para além de seu diagnóstico, este ângulo de leitura também indica que a seção aberta pelo §89 discorre tanto sobre o “método filosófico” e sua relação com os erros do *Tractatus*, quanto sobre os elementos que *seduziram* o jovem Wittgenstein a conceber a sua investigação como sublime (§89). Ao final, o que se desenharia seria uma proposta livre de mal entendidos e uma indicação de como manter a investigação lógico-filosófica da linguagem sem incorrer em falsas profundidades.

Partindo destas indicações gerais e com o propósito de dimensionar a perspectiva que pauta a ortodoxia em torno desta seção, ao menos duas questões podem ser levantadas: 1) É realmente possível destacar o tema dos §§89-133 e concebê-los como uma discussão sobre a natureza da filosofia separada daquilo que a precede? 2) Caso a relação com os parágrafos precedentes seja mais complexa, qual seria a especificidade da crítica feita aos erros que levam à sublimação da lógica e como isto realmente se relaciona com o *Tractatus*?

1.1.1 SOBRE O LUGAR DOS §§89-133 NO CONTEXTO DAS *INVESTIGAÇÕES*

Como indicado acima, um dos pressupostos que tradicionalmente determina a leitura dos parágrafos 89 ao 133 é a ideia de que estas passagens possuem um lugar específico nas *Investigações*, dispondo de uma espécie de “autonomia” temática. Segundo a formulação de Baker e Hacker, trata-se das observações finais de Wittgenstein sobre a prática filosófica e as “armadilhas” que a envolvem. Em geral, esta é a perspectiva que mais tem orientado a leitura desta seção, e não é de admirar-se que Eike von Savigny, por exemplo, indique no início de um de seus artigos que não tenha encontrado nenhuma exceção a esta abordagem,

I have, in fact, not met with even one exception – that in section 89 to 133 (or to somewhere near 133) of the Philosophical Investigations, Wittgenstein is expounding his view of philosophy: of what it can and what it cannot achieve, of how it ought and how it ought not to be done. These passages are taken to express his metaphilosophy, in short (p.39).

Mais uma vez os comentários de Baker e Hacker podem ser destacados como o modelo de interpretação questionado por Savigny, justamente por consolidarem a leitura de que nestas passagens Wittgenstein apresenta as suas últimas observações sobre filosofia, método e os erros do *Tractatus* (Vol. 1 part II. p.xii). Como temos indicado, esta é a tese que se encontra no centro da discussão proposta por estes comentadores, orientando na sequência os demais pesquisadores.

De maneira mais pontual, a proposta de Baker e Hacker estrutura a discussão dos parágrafos 89-133 a partir de dois trechos complementares. A primeira parte teria como propósito explicitar criticamente os erros do *Tractatus* (§§89-108a), enquanto a segunda ofereceria uma série de observações de natureza mais “construtiva” acerca do método correto em filosofia (§§108b-133), isto é, um modo de evitar os erros descritos na parte anterior.

Ainda seguindo a estrutura do texto, os autores enfatizam que as fontes originais destes dois trechos datam de períodos diferentes, e que se de um lado a primeira parte foi composta por volta de 1937 (§§89-108a), a segunda (§§108b-133), por sua vez, já estaria pronta em 1930-32. Particularmente em relação à segunda parte, os autores fazem questão de ressaltar que este trecho estava originalmente presente no capítulo “Filosofia” do *Big Typescript*, e que o foco de sua problematização era justamente a natureza da atividade filosófica.

It is noteworthy that the general conception of philosophy that informs Wittgenstein's later work emerged already in 1930–1. The 1937 reflections, by contrast, are backward-looking, reflecting on what misunderstandings

informed the Tractatus conception of logic and logico-philosophical investigations. These dominate §§89–108 (2005. Vol.1 Part2 p.191).

Sob a perspectiva de Baker e Hacker, a datação original do material oferece uma identidade muito própria para a seção aberta pelo parágrafo 89, principalmente em relação às considerações sobre a natureza da atividade filosófica. Neste caso, a admiração presente no comentário é a de que a suposta concepção madura de Wittgenstein sobre o tema já estava praticamente concluída desde 1930-1.

De um ponto de vista crítico, no entanto, surpreende o fato de que estes autores definam as suas leituras seguindo os mesmos pressupostos adotados por Wittgenstein no início da década de 1930, ou seja, como uma reflexão que desde a sua formulação original não teria mais sofrido qualquer alteração significativa. Assim, especificamente em relação à posição que os parágrafos 89-133 ocupam nas *Investigações*, uma vez que o texto que serviu de fonte para sua discussão dispunha originalmente de um capítulo separado (o capítulo “Filosofia”, do *Big Typescript*), os autores entenderão que o uso deste material na organização tardia de Wittgenstein também deve possuir uma autonomia semelhante⁸.

Contrariando esta proposta, nem mesmo a proeminência das sentenças iniciais do §89 é suficientemente clara para evidenciar a posição que este recorte deve dispor no contexto das *Investigações*. Se o trecho é um “novo” tópico (como a discussão sobre o método) ou o desdobramento de um tema abordado anteriormente é algo que inevitavelmente precisa ser questionado por aqueles que abordam o texto.

Stern (2012), por exemplo, propõe já no início de sua análise que a relação destas passagens com os textos precedentes é bem mais problemática do que aquilo que tradicionalmente se compreende. Em primeiro lugar, observa Stern, há uma proximidade muito grande entre a sentença inicial do §89 e o exemplo dos postes de sinalização dos §85-

⁸A questão, como veremos, é que não se trata apenas de atribuir a estas passagens uma autonomia como “seção”, mas também pressupor que a mesma concepção do que seja a filosofia no *Big Typescript* permanece nas *Investigações*.

§87, como se esta sentença apontasse para várias direções. Mas há também uma “ambiguidade” que na verdade é o resultado de alguns equívocos na tradução para o inglês, que sugere que,

O problema discutido anteriormente *conduz a um outro* problema correlacionado a este, a respeito da sublimação da lógica (STERN, 2012. p.185).

Este é um viés igualmente compartilhado por Savigny (1996), que ao reconhecer a mesma imprecisão na tradução inglesa, simplesmente dispõe da versão original para explicitar que o tema do parágrafo 89 já está em pauta desde muito antes deste trecho.

“Wir stehen mit diesen Überlegungen an dem Ort, wo das Problem steht” means that by *considerations which preceded §89 we already got involved into the problem, rather than just being directed toward it* (1991. p.40).

A relevância da reflexão de Savigny reside, portanto, em um ponto ainda mais profundo do que a referência de Stern, pois uma vez destacado que *já estamos envolvidos no problema*, isto significa que o tema discutido nesta seção está intrinsecamente relacionado com o debate precedente, e que o texto não é um “capítulo separado” dos demais. Assim, o que está em questão é o fato de que a compreensão do debate associa-se a recuos específicos, e que o seu entendimento pode ganhar uma configuração com diferentes contornos, dependendo da escolha e ênfase dada aos trechos anteriores.

Neste caso, o que realmente importa não é apenas se o texto mantém alguma relação com as passagens precedentes, o que obviamente demanda um conhecimento das interlocuções anteriores, mas principalmente saber especificar a *qual* parte anterior ele está conectado, e como isto insere a discussão na dinâmica de reflexão que Wittgenstein propõe ao longo do livro como um todo. Tanto a análise de Stern quanto as observações de Savigny compartilham deste mesmo pressuposto, ressaltando de maneira oposta às leituras de Backer e

Hacker que a escolha das palavras feitas por Wittgenstein sugerem uma relação mais profunda entre o §89 e as discussões travadas previamente. Em suas palavras, Stern resume que,

Não devemos olhar apenas adiante, para aquilo que é dito no restante do §89 e nas seções seguintes, mas também para trás, para o texto anterior, e considerar como surgiu ali o problema apresentado no §89 (STERN, 2012. p.186).

De fato, a “ambiguidade” destacada na tradução do texto pode soar um pouco exagerada, sobretudo se considerarmos que o próprio Stern não cita senão duas alternativas de interpretação. Ainda assim, como o texto não explicita quais são *exatamente* as considerações relevantes que “levam-nos” ao problema, deixando de informar para qual parte precedente devemos direcionar a nossa atenção, precisamos expor estas alternativas e evitar o caminho que define estas passagens como um tema destacado dos demais.

Na mesma medida, ainda que uma série de tópicos sejam relacionados aos parágrafos 89-133, a ressalva de que estas observações são feitas em contraponto ao *Tractatus*, precisamente como era no material original do *Big Typscript*, também tem como consequência uma valorização parcial do lugar e sentido que estas passagens ocupam no contexto das *Investigações*. Sobretudo, compromete-se a economia interna da obra e o modo como ela relaciona esta seção aos temas tratados anteriormente, onde a própria crítica ao *Tractatus* está inserida em um cenário mais amplo de discussão.

Não se trata, obviamente, de recusarmos a importância do debate sobre a natureza da atividade filosófica nesta seção (§§89-133), e que isto envolve uma contraposição entre as visões do *Tractatus* e das *Investigações*. O que deve ser ressaltado, no entanto, é que dependendo da forma como se dimensiona o uso dos materiais do período intermediário e como os pressupostos que constituem o *Tractatus* são caracterizados, a amplitude da crítica e

da concepção que Wittgenstein está apresentando neste trecho das *Investigações* pode ser drasticamente limitada.

Exatamente pela ausência deste comedimento, não é de se espantar que os §§89-133 sejam tradicionalmente caracterizados como um “capítulo” destacado do livro e, em grande medida, separado dos demais temas. De forma semelhante, e como veremos na sequência, o que é definido como “sublime” segundo a interpretação dominante parece aproximar-se muito mais dos objetivos que o *Big Typescript* pretendia alcançar ao criticar o *Tractatus* do que aquilo que as *Investigações* procuram debater.

Uma forma de olhar o texto visualizando não só a óbvia complexidade histórica de sua composição, mas também a economia interna que pauta os 133 primeiros parágrafos das *Investigações*, é ressaltar que as reflexões destas passagens estão inscritas na dinâmica do livro, formando um percurso que passo a passo conduz à construção de uma nova concepção do uso da linguagem. Adotando esta postura, o debate sobre a lógica ou sobre o método em filosofia deixam de ser vistos como *novos* problemas e passam a exercer um papel ainda mais central no debate sobre as dificuldades envolvidas na concepção de significado que Wittgenstein se opõe desde o início da obra.

Embora simples, este mote de leitura implica deixar de seguir alguns dos principais pontos relacionados à ortodoxia que direciona os comentários desta seção, e de imediato dois motivos interligados⁹ poderiam ser destacados para representar tal afastamento:

i) Em primeiro lugar, olhar o §89 como parte de um percurso mais amplo significa dizer que o trecho sobre a natureza da lógica ou sobre o método em filosofia não é um

⁹Resumidamente, as duas características que pautam as leituras tradicionais são: i) o texto versa sobre a natureza da atividade filosófica, uma espécie de discussão sobre o método em filosofia e, ii) é um ponto com relativa autonomia em relação ao conjunto do livro, ainda que relacionado com um recorte precedente (§§81-88). O objetivo deste capítulo também envolve problematizar este último ponto.

“capítulo” separado das seções precedentes, mas um trecho relacionado com o debate iniciado desde o primeiro parágrafo das *Investigações*, e que apesar de possuir diferentes facetas, estas seções estão diretamente conectadas e configuram a concepção geral do livro;

ii) Em segundo lugar, e como veremos na sequência, ampliar a interlocução destas passagens também significa dizer que a discussão sobre a sublimação da lógica ou sobre o método em filosofia não se restringe a um único pressuposto, como os fundamentos da concepção tractariana. Particularmente, a ênfase dada a este ponto assinala tanto o que os comentadores compreendem como “sublimação da lógica” no contexto do *Tractatus*, quanto o que as *Investigações* apresentam como novidade.

1.1.2 SOBRE A ESPECIFICIDADE DOS “ERROS” QUE LEVAM À SUBLIMAÇÃO DA LÓGICA E COMO ENTENDER A RELAÇÃO DOS PARÁGRAFOS 89-133 COM O *TRACTATUS*

Atrelado à suposição de que há uma dimensão metodológica definindo o debate dos parágrafos 89-133, os comentários tradicionalmente estabelecidos também defendem que a discussão destas passagens ancora-se em uma série de críticas aos ideais e mal entendidos que caracterizam a investigação lógica da linguagem, sobretudo, a idealização de seu papel na determinação plena do sentido. Mais ainda, o pressuposto adotado é o de que estes mal-entendidos podem ser destacados a partir dos objetivos almejados pelo *Tractatus*, e é portanto esta a interlocução que deveria ser explorada.

A questão, entretanto, é que ainda que a discussão sobre a natureza da atividade filosófica desempenhe um papel central entre os parágrafos 89-133, e sua constituição se estabeleça a partir de uma contraposição entre o *Tractatus* e as *Investigações*, dimensionar a tensão envolvendo este embate é um mais passo importante para compreendermos que tipo de concepção de fato é proposta nesta seção. Para tanto, além das considerações feitas no tópico anterior, sobre o lugar destes parágrafos no contexto mais amplo das *Investigações*, precisamos observar como os comentadores tradicionalmente entendem a “novidade” proposta por este trecho.

Em grande medida, este mote implica reconsiderarmos as características da concepção “metodológica” do *Tractatus*, até então destacada pelas interpretações mais usuais como aquilo que tornava a primeira concepção de Wittgenstein uma investigação sublime. Sob a ótica tradicional, dois pontos podem ser destacados: i) *O rigor na definição conceitual é um dos elementos centrais caracterizando a sublimação da lógica;* ii) *A novidade proposta pelas Investigações envolve a flexibilização da determinação rígida do sentido.*

1.1.2.1 SOBRE O QUE REPRESENTA A SUBLIMAÇÃO SEGUNDO O PONTO DE VISTA TRADICIONAL: A PRECISÃO NA DEFINIÇÃO DO SENTIDO

Entre as leituras tradicionalmente fixadas, a interpretação de que o principal objetivo dos §§89-133 é o de considerar a natureza da atividade filosófica, e que esta caracterização é construída a partir de uma crítica ao *Tractatus*, é um dos elementos mais centrais. Este mote é adotado sobretudo porque se entende que o pressuposto metodológico do *Tractatus* era marcado pela ideia de que ao final da análise lógica da linguagem seríamos capazes de revelar a sua essência, igualmente compartilhada pelo mundo. Ao ser gradativamente especificada,

esta leitura relacionará a sublimação diretamente à tese de que o aspecto mais geral e universal da linguagem não só encontra-se oculto sob a superfície de nossas formas de expressão cotidiana, mas que isto pode ser desvelado a partir de uma análise de nossas sentenças (análise que se efetiva a partir do uso da lógica formal),

The idea that this can be achieved by an investigation of the nature of the proposition, i.e. the sentence in its projective relationship to the world, marks the first steps of the linguistic turn in twentieth-century philosophy. (Part I. p.335).

A partir deste ponto de vista é possível construir uma relação muito próxima entre o tema tratado no §89 e um aspecto central do conceito de análise, que é a pressuposição de uma plena determinação do sentido, revelada pela explicitação das proposições elementares. Metodologicamente, a forte presença desta característica na interpretação de Baker e Hacker oferece uma chave de leitura bastante pontual para a compreensão da seção aberta pelo §89.

Em primeiro lugar, a sublimação e os erros envolvendo a prática filosófica estariam particularmente conectados com a idealização de uma linguagem cujo rigor é o oposto da ambiguidade experimentada pelas formas de expressão cotidiana¹⁰. Trata-se, segundo Baker e Hacker, de uma relação muito próxima com o pressuposto adotado por Frege e pelo jovem Wittgenstein de que as leis da lógica não comportam quaisquer tipo de vagueza. Para os comentadores:

The discussion of vagueness and determinacy of sense raised the Fregean and Tractatus fear that if there are any vague concept-words, the laws of logic will not apply to them.

Entre outros aspectos, Baker e Hacker entendem que no contexto do *Tractatus* Wittgenstein não apenas sucumbiu a esta ideia, mas principalmente, que por conta deste

¹⁰Como veremos, esta é a razão pela qual as passagens decorrentes do §89 são vistas como uma forma de retomar o tema discutido a partir do §81, contexto em que as *Investigações* claramente se voltam para a crítica ao papel que a lógica desempenha não apenas na investigação filosófica da linguagem, mas também na consolidação de uma visão da linguagem como um cálculo rigidamente estabelecido.

pressuposto ele acabou sublimando a compreensão e o papel que termos como “linguagem”, “nome”, “objeto”, “mundo”, “proposição” etc., deveriam desempenhar na estruturação do uso da linguagem. Ou seja, que estas palavras não seriam expressões cotidianas, mas conceitos fundantes capazes de nos indicar a própria estrutura da linguagem e do mundo. O seu caráter normativo, portanto, estaria conectado a uma certa tendência de ver estes conceitos como especiais, habitando um lugar distinto das contingências de nosso solo concreto, mais rigorosos e necessariamente determinados.

A sequência de textos que decorre do §89 seria então uma forma de caracterizar criticamente os equívocos filosóficos de se tentar determinar a essência da linguagem nestes termos,

Now, in the discussion of the nature of philosophy in §§89–133, the mature Wittgenstein reconsiders these questions. §§89–108 are criticisms of the deepest methodological principles that had guided the Tractatus, and a repudiation of the ‘sublime’ conception of philosophy and of logical investigation that had informed it (p.11)¹¹.

¹¹Esta perspectiva, isto é, supor que as observações sobre a sublimação da lógica e sua relação com a atividade filosófica apresentam-se como uma reação aos equívocos do *Tractatus*, não se restringe aos comentários de Baker e Hacker. Como temos assinalado, trata-se, antes, de um “lugar comum” na leitura desta seção. Fogelin, por exemplo, comenta de forma semelhante que o que se segue do §89 é uma variação de observações pautada exatamente neste mote. Segundo Fogelin, “*The critique of the Tractatus is capped—and I think brought to a close— by a series of aphorisms concerning philosophy. Wittgenstein has shown, in a variety of ways, that our language is not everywhere bound by strict rules, senses need not be definite, concepts need not have essences associated with them, etc.*” (Fogelin. p.140). Como é possível notar com a citação, no entanto, o que é ainda mais importante nas considerações de Fogelin é o fato de que os equívocos que ele atribui ao *Tractatus* possuem a mesma característica proposta por Baker e Hacker. Trata-se de relacionar a discussão com a ideia de plena determinação do sentido, definindo as observações sobre filosofia e sublimação da lógica como o resultado de uma crítica a ideia de que a estrutura lógica das proposições é determinada por regras claras e estritas. Ainda segundo Fogelin, a determinação rígida dos conceitos era algo que moldava a primeira filosofia de Wittgenstein e, de uma forma muito particular, requeria da investigação lógica o que agora é definido pelo parágrafo 89 como uma sublimação. A ressalva, no entanto, é que como a leitura de Fogelin evita caracterizar estas passagens como uma investigação “metafilosófica”, a finalidade da crítica proposta pelas Investigações demonstra somente que pensar na lógica como uma forma de explicitar o que há de ideal na linguagem, uma estrutura rigorosamente determinada, por exemplo, não é algo que possa ser “descoberto”, como uma espécie de fundamento, mas exigido. Antes de tudo, a sublimação ocorreria a partir do momento em que uma determinada característica da linguagem é elevada a um status de modelo geral, “*We become absorbed in certain similes and distort phenomena to fit under them*” (Fogelin. p.141). Para usar o vocabulário de Baker e Hacker, requerimentos como o da plena determinação do sentido são como “armadilhas” que, presentes na prática filosófica, se tornaram o motivo pelo qual Wittgenstein elevou de forma exagerada o papel da lógica formal na investigação da linguagem, sublimando esta empresa. O trecho sobre a “natureza da investigação filosófica” seria assim o início de uma reflexão mais detida sobre os fundamentos de uma certa forma de se fazer filosofia e, baseando-se neste pressuposto, se contrapõe ao ideal tractariano de que a estrutura lógica da linguagem é determinada por regras claras e precisas.

De seus aspectos mais importantes, o ponto que estes comentadores destacam envolve, em primeiro lugar, a ideia de que a revisão proposta pelo §89 abrange a suposição de que a *investigação lógico-filosófica da linguagem* deve se voltar para a busca do que há de mais elevado ou puro, em termos de rigor na definição do sentido. Em segundo lugar, também está colocado em questão a compreensão de que o contexto de interlocução dessas passagens e dos tópicos seguintes é marcado pelas refutações das concepções presentes no *Tractatus*, uma vez que a promessa tractariana era justamente a de oferecer uma precisão rigorosa na investigação da essência da linguagem.

Ambos os aspectos seriam tomados como uma forma de caracterizar o período em que Wittgenstein compreendia que a vagueza e indeterminação exibidas pelas expressões ordinárias eram apenas “*a surface-grammatical phenomenon that disappears on analysis*” (BAKER; HACKER. 2003, p.179), e que ao final podemos dizer que a linguagem se define como um “cálculo rígido”. Nos dois casos é visível o fato de que o ideal emergente é composto pela ideia de que as expressões ordinárias da linguagem, por serem imprecisas, exigem uma formalização mais rigorosamente determinada, “*as if it took the logician to shew people at last what a proper sentence looked like*” (PU §81).

De forma semelhante, sob este viés é como se a lógica fosse concebida como uma investigação voltada para algo mais puro que a linguagem cotidiana, e por isso mesmo intocada por sua inexatidão, o que torna o trabalho em filosofia um esclarecimento – ou mesmo a construção, como nos casos de Frege e Russell – da estrutura velada sob a superfície da linguagem, isto é, aquilo que pode explicitar as regras que realmente determinam o significado de seus termos¹².

Neste caso, é preciso enfatizar mais uma vez que a compreensão do debate sobre a sublimação da lógica e sobre a natureza da filosofia envolve uma explicitação da maneira

¹²Além disto, o ponto central a se destacar é que a crítica proposta pelos §§81-133 teria como função apresentar a novidade das Investigações em relação à concepção tractariana; e que esta novidade é a fluidez dos conceitos.

como a concepção anterior de Wittgenstein entendia a relação entre a lógica e a linguagem natural. É neste ponto, inclusive, que os comentadores evidenciam uma espécie de “tentação” filosófica na origem dos mal entendidos do *Tractatus*, considerando isto como parte essencial do que seja a “sublimação”. Sigamos com o itinerário propostos pelos comentaristas.

Reconstruindo o percurso da discussão,¹³ Baker e Hacker consideram a matematização da lógica a partir do final do século XIX e início do século XX e como isto permitiu à filosofia levar adiante o projeto de uma linguagem universal. Da mesma forma, ressaltam como isto possibilitou aos filósofos compararem o uso cotidiano da linguagem natural com as articulações irrepreensíveis da lógica formal. Assim, a crença de que o significado estrito e claro de um termo deve possuir limites rígidos, determinado por regras que alcancem todo tipo de eventualidade, tornou-se cada vez mais viva. A questão, segundo Baker e Hacker, é que,

W., when he wrote the Tractatus, succumbed to it, thinking that the vagueness and indeterminacy exhibited by natural language is only a surface-grammatical phenomenon that disappears on analysis (p. 179).

O que os comentadores destacam, portanto, é como o jovem Wittgenstein se deslumbrou com a ideia de um sentido plenamente determinado, defendendo que as leis da lógica não poderiam ser aplicadas a conceitos que possuem algum tipo de vagueza. Uma vez que a principal exigência requerida pela lógica é a de que uma proposição deve possuir fronteiras claras e precisas, o *Tractatus* seguiria este mote para consolidar o seu projeto,

For if concepts have indeterminate boundaries, one cannot argue with respect to any and every object that either it falls under such-and-such a concept or it does not (p.11).

É a partir deste pressuposto, afirmam Baker e Hacker, que surge um dos maiores equívocos envolvendo a lógica e a linguagem natural, comparando os cálculos da primeira

¹³Lembrando, novamente, que Baker e Hacker estabelecem uma relação muito próxima entre o tema dos §81 e seguintes e a sublimação da lógica.

com o uso dos termos da linguagem ordinária. O que é colocado em questão é exatamente a ideia de que a linguagem usual é “imperfeita” ou “desajustada”, e que as regras rígidas da lógica oferecem um modelo ideal a ser alcançado. Neste ponto os autores prosseguem afirmando que ainda que existam diferenças significativas entre os projetos de Frege e do jovem Wittgenstein, ambos assumem pressupostos semelhantes.

No caso de Frege, a lógica seria explicitamente concebida como um *ideal* ao qual a linguagem natural simplesmente não se ajusta, e é por isso que existe a necessidade de construção de uma linguagem como a *Begriffsschrift*, que supostamente converge para a precisão deste modelo. A sublimação desta proposta, segundo os comentadores, advém do fato de a concepção fregeana pressupor uma investigação que corrobore a ideia de que a lógica nos permite descrever as leis que regem o pensamento, independente de seu conteúdo, oferecendo uma descrição da estrutura de tudo aquilo que é possível. Do ponto de vista desta interpretação, a ideia de que construímos “linguagens ideais” equivocadamente leva ao equívoco de supor que elas são melhores ou mais completas que a linguagem cotidiana,

So this logic is not the logic of our language and thought, but the logic for an ideal language that none of us speaks, that is not involved in the bustle of life, that is not used in the expression and manifestations of the human soul — and, in that sense a logic for a vacuum (for empty space bereft of air (cf. PI §107; a similar metaphor is invoked in §130) (BAKER; HACKER. 2005. p.180).

Como veremos adiante, Baker e Hacker defendem que o aspecto etéreo deste ideal começará a ser posto em questão pelas *Investigações* justamente na medida em que a dinâmica dos jogos de linguagem passa a ser mais valorizada. É também com esta mesma dinâmica que a crítica madura de Wittgenstein abrangerá a concepção transcendental do *Tractatus* e a defesa da ideia de que toda vagueza e indeterminação do sentido desaparecem

ao fim do processo de análise¹⁴.

¹⁴No caso do *Tractatus*, ainda que a sua concepção defendesse que a linguagem natural encontra-se em ordem como está, ela também prescrevia que a sua forma mais aparente oculta o que a linguagem possui de essencial.

Para o *Tractatus*, a estrutura de toda linguagem, sua condição de possibilidade para representação com sentido, é um pressuposto central e precisa ser tomada como o resultado de uma investigação, algo como o seu esclarecimento lógico. Segundo Baker e Hacker, é contra esta “tentação” que Wittgenstein se volta no contexto das *Investigações*, debatendo a partir do §89 em que medida isto é apenas um pressuposto, e não o resultado da análise.

O que é mais evidente para Baker e Hacker, no entanto, é o fato de que a sublimação mencionada no §89 é mais uma forma de falar do papel que a lógica formal desempenha na investigação filosófica da linguagem, e que uma parte central de suas argumentações gira em torno da suposição de que isto está relacionado com o erro de querer superar a vagueza e indeterminação do sentido. É também neste ponto que a leitura destes comentadores ressalta a relação do tema com o que é tratado no §81 (o que também envolve um pressuposto específico quanto a relação das *Investigações* com outros textos do período intermediário).

Para Baker e Hacker, o tema da vagueza e da indeterminação do sentido de fato não é evidente nas passagens iniciais do §89, mas sutilmente indicado com um “estas considerações nos levam ao problema”, o que nos permite questionar quais são, do ponto de vista destes autores, “estas considerações”? Para ambos, como a indeterminação dos conceitos é um tema abordado sobretudo entre os parágrafos 65-88, isto quer dizer que Wittgenstein menciona *este* conjunto de textos e o modo como eles tratam a demanda por definições precisas como ponto de partida para a discussão sobre a sublimação da lógica.

§§65–88 examined the reasons why the quest for the essence of the proposition and of language was chimerical — rooted in preconceptions and dogmatism. One source of the dogmatism was a misconception about the nature of logic and the relationship between logic and natural language. The transition from that discussion to §§89–133 is perfectly natural.
(BAKER; HACKER. 2005)

A seção aberta pelo §89 apresenta-se assim como uma continuidade do debate travado entre os §§65-88, que ao estabelecer como “quimérica” a busca pela essência da proposição e da linguagem nos termos de uma descrição de suas marcas características, isto é, em termos de determinação das condições necessárias e suficientes para a aplicação de um conceito, tem profunda repercussão sobre a lógica,

§§65–88 investigate misconceived demands on concept-words and their explanation: e.g. that they be defined by characteristic marks, that they be everywhere circumscribed by rules, that the rules for their use budget for every possible eventuality. (BAKER; HACKER. 2005)

No entanto, o que é importante ressaltar é que o desdobramento das questões discutidas nos §§65-88 para o tema da sublimação da lógica ocorre exatamente porque a investigação da essência da linguagem possui suas raízes em suposições e dogmatismos nutridos por uma compreensão equivocada da relação entre a lógica e a linguagem natural. Supostamente, este aspecto torna a passagem do parágrafo 89 uma transição natural na discussão iniciada pelo parágrafo 65, oferecendo uma configuração bastante pontual da sublimação.

These points about ‘exact’ ‘inexact’ and related terms shed further light on W.’s repudiation of the idea that using language is operating a calculus according to strict rules (§81). The sequel, §§89–108, explores what leads philosophers (and what led W.) to become bedazzled by an ‘ideal’ of exactness, of determinacy of sense, of crystalline purity — in short, by a misconception of logic, its role and nature (see §§100–8 and Exg.). And this in turn led to a misconception of the nature of philosophy itself (BAKER; HACKER. 2005).

Uma vez que a noção de semelhanças de família¹⁵, explicitamente introduzida a partir do §65, implica que os conceitos devem ser vistos sob a perspectiva de sua “indeterminação de sentido” ou “imprecisão”, é inevitável que Wittgenstein se questione a partir de agora sobre

¹⁵O conceito de semelhanças de família será trabalhado com mais cuidado no próximo capítulo.

o papel da lógica e sua relação com a linguagem natural. Semelhantemente, o próprio estatuto da investigação lógica, e portanto da atividade filosófica, deverão ser repensados (89-108a)¹⁶.

1.1.2.2 SOBRE O QUE REPRESENTA A NOVIDADE DAS *INVESTIGAÇÕES* EM RELAÇÃO AO *TRACTATUS* SEGUNDO A LEITURA TRADICIONAL: O CASO DA SUBLIMAÇÃO DA LÓGICA E O EXEMPLO DOS §§81-88

Conforme a descrição apresentada nos tópicos anteriores, há um ponto em relação às fontes originais da seção sobre a sublimação da lógica e sobre a natureza da filosofia que deve ser levado em consideração quando tentamos compreender estes temas. Segundo Baker e Hacker, a composição dos parágrafos 89-133 dispõe de dois blocos distintos e tem como base

¹⁶É importante ressaltar ainda que sob a ótica proposta por esta leitura, a seção que vai do §65 ao §88 também pode ser subdividida, pois segundo Baker e Hacker o trecho que mais aborda a discussão sobre a vagueza e a relação de maneira explícita com a sublimação da lógica são os parágrafos 81-88. Por isto mesmo este recorte será visto pelos autores como uma digressão essencial para a compreensão da posição adotada por Wittgenstein. A leitura mais detalhada dos parágrafos 81-88 terá nos comentários de Baker e Hacker implicação não apenas sobre o tema desenvolvido nos parágrafos 89-133, mas também sobre a caracterização daquilo que marca a diferença entre os primeiros trabalhos de Wittgenstein e a sua filosofia madura. Na realidade, o tema debatido a partir do §81 já estabelecerá uma crítica à ideia de que a lógica deve “pautar” a linguagem ordinária, demonstrando que um dos principais resultados alcançados pela noção de semelhanças de família é que não há nada de errado com os conceitos que não cumprem com a exigência lógica de limites rígidos. O ponto, portanto, é que no recorte dos §§81-88 Wittgenstein ainda não expõe o que resta para a lógica após a explicitação da noção de semelhanças de família, tampouco que tipo de relação ela deveria manter com a linguagem natural. Suas breves menções apenas reforçam a ideia de que a lógica não é nem a gramática profunda das linguagens naturais, como propunha o *Tractatus*, nem a gramática superficial de linguagens “não naturais” como a *Conceitografia* de Frege, chamadas de ideais. O que é brevemente indicado pelos §§81-88, sob o ponto de vista dos comentários de Baker e Hacker, é que a lógica é um padrão formal para julgarmos a validade dos argumentos, constituindo-se parcialmente como aquilo que chamamos de “pensamento” e “raciocínio” (Cf. p.180). Mas sobretudo que a explicitação completa da natureza da lógica e de sua relação com a linguagem natural é descrita com mais detalhes apenas a partir do §89, evidenciando os equívocos de supor que o uso da linguagem se compara a uma operação ou cálculo e que o papel da filosofia é explicitar isto. Assim, a sequência do texto (89-133) configura-se justamente como a tentativa de dissolução desses equívocos, mostrando como o ideal descrito nestas passagens desdobra-se da ilusão de fixar-se em algo mais “puro” que as expressões ordinárias. Conforme as leituras tradicionalmente mais consolidadas dos parágrafos 81-88 salientam, o trecho sobre a sublimação da lógica não passaria de um trabalho de aprofundamento da crítica a má compreensão do papel desempenhado pelo “ideal” que paira sobre a lógica, mas sobretudo, destacando que o que é expresso pela primeira sentença do §89 representa uma “investigação lógico-filosófica da linguagem” que, por estar encerrada em um princípio de exatidão, volta-se para a busca de algo mais elevado do que a linguagem cotidiana. É significativo notar, porém, que ainda que a indeterminação da linguagem seja um fator preponderante na configuração da visão sublimada da lógica, as discussões travadas no contexto dos parágrafos 81-88 fazem parte de uma ruptura ainda mais radical, tratando da caracterização do significado a partir de uma dinâmica em que qualquer antecedência teórica em relação ao uso da linguagem não tem mais o seu lugar, ou que o carácter normativo das regras só pode ser considerado adequadamente se não for alienado de uma prática efetivamente imersa nas mais variadas formas de vida.

para o desenvolvimento de alguns tópicos os manuscritos do *Big Typescript* que datam de 1930-32 e 1937.

Sobretudo, o destaque que esta estruturação propõe é o seguinte: como parte do material das *Investigações* (108b-133) já encontrava-se pronto entre 1930-32, sendo em sua origem base para o capítulo “Filosofia” do *Big Typescript*, a sua reorganização nos trabalhos tardios de Wittgenstein deve refletir tanto a “autonomia” temática que o texto dispunha no primeiro manuscrito, quanto a mesma concepção sobre filosofia.

O princípio desta abordagem é o de que as concepções da primeira metade da década de 1930 são uma espécie de parâmetro para interpretar as *Investigações*, como se a reflexão de Wittgenstein tivesse mantido-se praticamente inalterada. Em termos mais explícitos, Glock segue este mote e destaca a importância do *Big Typescript* para afirmar que o texto simplesmente,

Marca o fim do período de transição, pois ele já contém sua concepção madura de significado, intencionalidade e *filosofia* (Glock, 2001. p.15).

Esta maneira pela qual os textos do período intermediário são interpretados tornou-se um parâmetro entre os comentadores e uma espécie de chave de leitura para compreensão de algumas passagens e temas das *Investigações*. As implicações deste ponto recaem não apenas sobre a discussão tratada entre os §§89-133, mas também sobre o tipo de mudança conceitual que as *Investigações* apresentam em relação aos trabalhos anteriores de Wittgenstein.¹⁷

¹⁷Em outros termos, a questão é considerarmos em que medida as *Investigações* sustentam ou não a mesma perspectiva adotada durante a composição de textos como o *Big Typescript* ou a *Gramática filosófica*. Para Stern, por exemplo, a relação entre as *Investigações* e o material composto no início da década de 1930 é bem mais complexa do que aquilo que as interpretações mais conhecidas postulam, sendo pouco plausível que os textos tardios de Wittgenstein continuem a defender o mesmo “programa” apresentado no período intermediário. Especificamente em relação a seção sobre a sublimação da lógica e sobre a natureza da filosofia, o ponto fundamental para que a leitura destas passagens seja reorientada, para além de uma simples continuação das ideias do período intermediário, é tentar situá-las num contexto mais amplo das *Investigações*, pois, “Extrair uma “concepção geral de filosofia” da seleção de um punhado de passagens surpreendentes envolve inúmeras petições de princípio” (STERN. 2012. p.191). Antes de tudo, apesar das *Investigações* disporem de passagens do *Big Typescript* para problematizar tópicos como significação, nomeação, regras etc., o sentido que estes textos possuem no contexto tardio da filosofia de Wittgenstein é muito distinto do material escrito entre 1930-34. Sobretudo, como tem nos mostrado algumas pesquisas recentes, as concepções propostas pelo *Big Typescript* ou pela *Gramática Filosófica* ainda são, em muitos pontos, distintas do que propõem as *Investigações*. De fato, um dos principais perigos de se voltar para os escritos de Wittgenstein da primeira metade dos anos 30, e

Para Stern, no entanto, a caracterização proposta pelos comentários tradicionais ainda estão ancoradas em um princípio metodológico incapaz de dimensionar o real amadurecimento filosófico de Wittgenstein, isto é, a radicalidade que ele apresenta em relação às concepções do período intermediário. É o caso de leituras como a de Baker e Hacker, que em relação à determinação rígida do sentido defende que *a grande mudança* proposta pelas *Investigações* limita-se a uma postura mais consciente em relação ao uso da lógica formal como um modelo ideal para a linguagem ordinária, agora vista como imersa em práticas humanas concretas.

O que é estranho, no entanto, é que uma abordagem mais “consciente” em relação às dinâmicas envolvendo os chamados jogos de linguagem já pode ser destacada desde o contexto do período intermediário, e é aqui que se encontra o grande problema da interpretação proposta por Baker e Hacker. De certo forma, o equívoco metodológico que podemos destacar envolve um tipo de projeção das concepções intermediárias de Wittgenstein sobre o contexto de sua filosofia madura.

1.1.2.2.1 O EXEMPLO DOS §§ 81-88

Seguindo a análise proposta pelos comentários de Baker e Hacker, a “ilusão” determinando a sublimação da lógica no contexto do *Tractatus* envolvia sobretudo a ideia de que a investigação lógica da linguagem poderia nos levar a encontrar coisas como uma

especialmente para o material mais conhecido, como o capítulo “Filosofia” do *Big Typescript, Blue Book, Brown Book*, é que ainda que eles sejam, em vários sentidos, muito similares às *Investigações Filosóficas*, eles são em geral muito mais sistemáticos e dogmáticos (STERN, 2012. p.188).

correlação essencial entre os chamados “nomes reais” e os “objetos simples” da realidade, ambos postulados como o estágio final do processo de análise,

In this way, logico-linguistic investigation appeared to be sublime (see Exg. §89). For it seemed to lead directly to insights into the essential nature of the world, into the logico-metaphysical forms of all things (BAKER; HACKER. 2005. Vol.I p.93).

Ainda segundo os autores, a consequência de se pressupor uma análise final das expressões no contexto tractariano trazia como implicação um tipo de *purificação* da linguagem usual, tornando a sublimação um processo pelo qual as expressões ordinárias são justificadas por algo mais elevado, uma instância intocada pelas imperfeições dos usos concretos. Sob esta perspectiva, Wittgenstein estaria pensando na lógica como um cálculo perfeito capaz de modelar a linguagem cotidiana a partir de suas regras sempre claras e rígidas.

O que as *Investigações* trariam de novo para este debate seria justamente a valorização de dinâmicas que demonstram a incompatibilidade deste “rigor” com o uso real da linguagem. De acordo com as leituras de Baker e Hacker, a nova perspectiva apresentada pelas *Investigações* (§§89-133) redimensiona a ideia de plena determinação do sentido e pondera em que medida a noção de limites claros é, na verdade, parte de uma “tentação filosófica” que leva os filósofos, incluindo o próprio Wittgenstein, a considerarem a linguagem ordinária como imperfeita. Como exemplo, Backer e Hacker comentam a concepção que Wittgenstein tinha no *Tractatus*,

Thinking that the vagueness and indeterminacy exhibited by natural language is only a surface-grammatical phenomenon that disappears on analysis (BAKER; HACKER. 2005. p.179).

É exatamente neste ponto que encontramos na análise destes comentadores algumas correlações entre a discussão do §89 e o que fora tratado no §81, onde aparece pela primeira

vez uma crítica mais explícita à ideia de que a lógica é “uma linguagem mais perfeita do que a cotidiana”. Para Baker e Hacker, no entanto, a reflexão que é montada pelo parágrafo 81 só alcança maior profundidade com a seção seguinte (§§89-133), embora já apresente uma série de observações “flexibilizando” a concepção de conceitos rigorosamente delimitados e o projeto de investigação da linguagem nestes termos.

O que decorre do parágrafo 81 seria, assim, os primeiros passos ressaltando como a rigidez pressuposta pela investigação lógica da linguagem é incompatível com o uso efetivo de termos que, ao contrário da abstração que os colocam como fundamentos da linguagem, na verdade estão imersos em práticas humanas bastante concretas. Segundo Baker e Hacker, esta discussão revelaria a transição e a caracterização do embate entre uma concepção mais rígida e a flexibilização deste rigor.

Seguindo este viés, o diálogo decorrente do parágrafo 81 teria como propósito considerar apenas a pretensão do *Tractatus* de superar *toda* a vagueza da linguagem, constatando (§§81-88 das *Investigações*) que esta determinação não ocorre em *todos os casos*. Como consequência, estes recortes são considerados um desenho do próprio amadurecimento da concepção de linguagem de Wittgenstein, contrastando o *Tractatus* e a posição adotada nas *Investigações*.

A adoção desta posição não é, entretanto, despreziosa. Isto porque o panorama que se arma quando se destaca que a interlocução do parágrafo 81 remete-se apenas ao *Tractatus* é a de que a contraposição se refere estritamente à recusa da visão do cálculo em *termos rígidos*, mas não que o uso da linguagem continue fundamentado por alguns pressupostos¹⁸. É exatamente esta a perspectiva adotada pelas observações de Fogelin, mais um exemplo sinalizando a diferença entre as primeiras e as últimas caracterizações de Wittgenstein sobre a linguagem nestes termos:

¹⁸É exatamente aqui que os comentários mais recentes às PU contribuem para a problematização desta visão.

Throughout his philosophical career Wittgenstein recognized that our actual language seems wholly lacking in the purity and rigor the logician demands. In the Tractarian period he discounted this vagueness, ambiguity, indeterminacy, etc., and argued that this logically pure structure must somehow underlie our everyday language. Language, that is our everyday language, disguises thought. It takes a man of great insight, a logician, to tell us what we really mean. In the Investigations, Wittgenstein takes this vagueness, indeterminacy and ambiguity as revealing the structure of thought itself (FOGELIN. 1995. p.136).

Para a leitura tradicional, estes são os elementos em questão com a refutação proposta pelos parágrafos 81-88, que criticam e recusam a rigidez do modelo rigoroso do cálculo. Para Baker e Hacker, a mudança em relação à ideia de que há uma estrutura lógica rigidamente estabelecida e subjacente à linguagem ordinária passou a ocorrer justamente no momento em que a analogia entre os *jogos* e a linguagem adquiriram maior centralidade, sobretudo por enfatizar, entre outros fatores, a integração de “*práticas humanas*”.¹⁹Conforme Carvalho,

Baker e Hacker apresentam a concepção de “jogo de linguagem” como o substituto do conceito de cálculo com regras fixas, enfatizando que nas *Investigações* encontramos uma descrição da linguagem como atividade normativa, sem que isto implique em que os conceitos e regras têm limites claros em todas as situações possíveis (as regras da linguagem, que fazem dela uma atividade normativa, são como as de um jogo) (CARVALHO. 2013. p.4)

Neste caso, a relação de determinação do sentido já apontaria fundamentalmente para o contexto de criação e interação social, envolvendo não apenas as relações entre os termos da proposição, mas os acordos humanos e suas reações. Baker e Hacker falam dos

¹⁹Um pouco antes de mencionar a “tentação filosófica” à qual Wittgenstein havia sucumbido no período do *Tractatus*, explicitando com isso qual o contexto de interlocução presente nos §§81-88 das *Investigações*, os autores assinalam ainda a relação entre o §81 e alguns parágrafos que o precedem, em especial, os §§79-80, onde é possível notar como algumas palavras são usadas sem limites precisos, isto é, como: “*The rules for the use of our words do not budget for every conceivable eventuality*” (BAKER; HACKER. 2005. p.179). Já indicando a perspectiva que suas interpretações irão seguir, ao considerar a posição adotada por Wittgenstein nesse trecho Baker e Hacker mostram que as *Investigações* apontariam criticamente para a “imprecisão” que envolve a significação, se contrapondo à pretensão do *Tractatus* de tentar determinar as condições para o sentido em toda e qualquer circunstância.

jogos e da linguagem como uma *atividade humana* que por ser compartilhada pressupõe habilidades e reações comuns (BAKER; HACKER. 2005. p.52).

Ainda segundo a leitura destes autores, a analogia entre os “jogos” e a linguagem teria adquirido já nos primeiros passos de sua utilização um significado peculiar para as reflexões de Wittgenstein, alterando a concepção presente no *Tractatus* de que a totalidade das proposições dispõem de uma única *forma geral* e que isto define o que é a linguagem. Para estes autores, a partir do início da década de 1930 Wittgenstein já compreendia que os jogos expandem a concepção do *Tractatus*, e não só definem uma prática efetiva, mas exemplificam características importantes da própria noção de semelhanças de família, que é um dos elementos centrais das *Investigações* no debate sobre significado:

The concept of a game is not specified by a list of necessary and sufficient conditions. Rather, it is characteristically explained (and can perfectly well be explained) by reference to a series of examples and a similarity-ride. Games, in all their variety, form a family, united by numerous overlapping similarities, rather than by a set of characteristic marks shared by all games (BAKER; HACKER. 2005. p.51).

O que podemos notar aqui, no entanto, é uma espécie de projeção de uma perspectiva que é conceitualmente trabalhada no contexto do período intermediário, o que nos leva a supor que a posição destes autores ainda guarda alguma reserva quanto a sua aparente radicalidade. No centro das discussões de Baker e Hacker permanece intocado o fato de que apesar de não haver limites rígidos no processo de delimitação da linguagem, os jogos continuam submetidos às regras, e o mesmo ocorreria com a linguagem, que precisa pressupor tais parâmetros para se estruturar adequadamente.

O que é central para os autores, portanto, é que as regras de um jogo são constitutivas, assim como as regras da gramática são para a linguagem, não apenas durante a composição dos textos do período intermediário, mas também em algumas seções das *Investigações*, como os parágrafos §§81-88. O que é desenhado na leitura de Baker e

Hacker é a valorização de uma noção de cálculo que ao ser confrontada com a analogia dos jogos torna-se mais “fluida”, isto é, composta por regras que não visam abarcar todas as circunstâncias. A crítica exposta a partir do §81 seria justamente uma maneira de caracterizar este embate, enunciando em que medida a lógica passou a ser tomada como uma investigação *sublime*.

No entanto, ainda que seja acertada a tese de que a analogia com os jogos evidencia a pluralidade de formas proposicionais, e que inicialmente Wittgenstein concebe esta diversidade em consonância com a ideia de cálculo, o problema principal desta interpretação é a projeção de uma visão que pertence ao contexto intermediário sobre as *Investigações*, como se esta perspectiva fosse mantida na constituição do significado até a redação final do texto, podendo ser observada, por exemplo, nos §§81-88.

Conforme destacam as leituras mais recentes, há uma grande incompatibilidade entre os pressupostos envolvidos neste tipo de interpretação e aquilo que revela o próprio texto das *Investigações*. Sobretudo, afirma Stephen Mulhall (2009), as novas interpretações destas passagens devem envolver uma crítica profunda da compreensão de que, “*the shift in analogy from calculus to game does not put in question the idea that language is a rule-governed activity*” (p.155).

1.1.3 OPÇÕES “METODOLÓGICAS” E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A LEITURA DAS INVESTIGAÇÕES

A explicitação de alguns pontos constituindo as abordagens tradicionalmente consolidadas dos §§89-133 nos permite observar que elas invariavelmente tem sido permeadas pela suposição de que estes parágrafos propõem uma reflexão metodológica e que sua discussão aborda: i) os erros envolvendo a investigação lógico-filosófica da linguagem e,

ii) que um dos principais problemas presentes nesta prática, e que leva à sublimação da lógica, é a ideia de que os conceitos devem possuir limites claros.

Sob esta ótica, a sublimação mencionada no §89 é definida como uma busca equivocada pela plena determinação do sentido, e a sua crítica tradicionalmente identificada como uma reação estrita à visão do *Tractatus*. A primeira observação a ser levantada em relação a esta abordagem é que ela leva adiante um mote que pautou o debate sobre a relação entre as *Investigações* e o *Tractatus* a partir de 1970/80. Esta perspectiva, no entanto, não se sustenta mais sem grandes objeções, sobretudo, por ser pouco consciente da especificidade dos textos do período intermediário.

Como a recepção do vasto material produzido por Wittgenstein ainda enfrentava uma série de dificuldades até 1970, os primeiros trabalhos de exegese destes textos ora colocavam as suas concepções intermediárias à margem do debate, ora simplesmente concebiam o seu conteúdo como uma visão compatível com as *Investigações*.²⁰ Esta última perspectiva particularmente tem sido adotada para tratar da suposta novidade das *Investigações* em relação à concepção de limites rígidos, o que também repercute sobre o debate a respeito da sublimação da lógica.

No caso dos comentários destacados anteriormente, em que os trabalhos de Baker e Hacker sobressaem como uma espécie de parâmetro, o que se nota é justamente a presença de uma abordagem metodológica fundamentada neste pressuposto, defendendo que textos como o *Big Typescript* ou a *Gramática Filosófica* podem ser tomados como chave de leitura para interpretar alguns conceitos usados por Wittgenstein nas *Investigações*.

²⁰Conforme Carvalho (2018), os primeiros trabalhos de leitura das *Investigações*, e que logo ganharam o status de ortodoxia, enfrentavam a dificuldade de lidar com um material ainda pouco sistematizado. Por esta razão, os parágrafos das *Investigações* cuja origem encontrava-se nos textos intermediários, sobretudo os mais obscuros e de difícil compreensão, foram lidos em seu contexto “original” como se isto pudesse oferecer indicações mais precisas sobre o seu sentido. Ainda segundo Carvalho, “*Los problemas derivados de este supuesto metodológico, de explicar las Investigaciones a partir del material intermedio sin suponer ruptura significativa entre ellos, se sitúan en la base de las principales críticas contemporáneas a las lecturas tradicionales de las Investigaciones. Esto se observa en particular en el debate sobre el mantenimiento o no por Wittgenstein de los conceptos de "gramática" y "reglas", que ocupan una posición determinante en su descripción del lenguaje y del significado en The Big Typescript y en la Gramática Filosófica*” (CARVALHO, 2018. p.2).

Visto por este ângulo, podemos seguir a crítica que Stephen Mulhall constrói especificamente contra a leitura de Hacker e destacar que, seguindo esta abordagem, é como se,

Wittgenstein's 1931 breakthrough consists in seeing that any such assumption amounts to dogmatism about what a rule of language must be; but to overcome that dogmatism, it suffices to recognize that language is 'loosely governed by rules that do not try (absurdly) to budget for all conceivable eventualities' (2009. p.155).

O trabalho desenvolvido pela literatura recente, no entanto, cada vez mais tem colocado em discussão esta interpretação, avaliando em que medida elas são determinadas por concepções do período intermediário. O que é relevante, neste caso, é o fato de que este pressuposto influi não apenas sobre a caracterização geral das *Investigações*, mas principalmente sobre a mudança de perspectiva dos trabalhos maduros de Wittgenstein em relação a conceitos como significado ou regras.

Segundo Carvalho, o resultado das novas pesquisas e sistematizações dos trabalhos intermediários de Wittgenstein cada vez mais tem proporcionado uma revisão substantiva tanto da compreensão da filosofia madura de Wittgenstein quanto das leituras tradicionais destes materiais (2018. p.2). De igual forma, a revisão dos comentários mais usuais também tem a vantagem de especificar a natureza dos textos do período intermediário e, assim, destacar de que forma as *Investigações* são mais um passo no processo de amadurecimento filosófico de seu autor, abandonando não apenas o projeto tractariano mas também ideias que configuram o seu período de transição e que ainda resguardam alguns pressupostos do *Tractatus*.

O resultado destas duas ponderações explicita a incompatibilidade entre a interpretação consolidada e o próprio texto das *Investigações*²¹, que quando visto a partir de

²¹Minha proposta neste tópico não consiste em avaliar os textos do chamado período intermediário, mas fundamentar-me nos trabalhos recentes que especificam as concepções destes materiais e problematizam as

sua economia interna e organização do debate apresenta um rompimento com algumas concepções filosóficas muito mais radicais do que se supõe a princípio. Segundo Carvalho, interpretações paradigmáticas como as que são dadas aos conceitos de gramática e regras, por exemplo, são uma excelente maneira de demonstrar como as leituras estabelecidas supõem uma continuidade inexistente no modo como Wittgenstein concebia estes termos.

Recorrendo a algumas afirmações de Hacker, Carvalho demonstra que esta é uma postura metodológica e exegetica que ainda hoje tem sido sustentada, apesar de suas implicações serem mais amplas para o debate filosófico. Segundo a posição de Hacker, exposta por Carvalho:

Hay muchas comprensiones, representaciones e interpretaciones equivocadas de la filosofía de Wittgenstein. [Una de ellas es] la suposición de que aquello que ha llamado “gramática” en las Investigaciones Filosóficas era fundamentalmente diferente de la concepción que tenía cuando escribió The Big Typescript y que esta tenía [en las Investigaciones] un papel más limitado (HACKER. 2013. In CARVALHO. 2018. p.2).

Para Carvalho, no entanto, a hipótese de Hacker de que não há nenhuma mudança significativa da concepção do *Big Typescript* para as *Investigações* é difícil de ser sustentada frente ao percurso proposto pelas *Investigações* – aqui falando especificamente do conceito de gramática, mas que pode ser estendido para outros termos. Antes de tudo, esta dificuldade ocorre porque o conceito de gramática sequer está tão presente nas *Investigações*, e quando mencionado diz respeito apenas “‘a la gramática’ de un determinado término, y no a un sistema de reglas que caracterizaría un lenguaje” (Carvalho, 2018. p.3). Ainda mais fundamental é o fato de que nas *Investigações* Wittgenstein desenvolve,

leituras tradicionais das *Investigações*. A partir disto, proponho uma leitura sobre a sublimação da lógica e sobre a atividade filosófica valorizando tanto a relação deste recorte com as passagens anteriores das *Investigações*, quanto a amplitude da crítica que eles fornecem (pensando no contexto geral de desenvolvimento filosófico de Wittgenstein). Por fim, o objetivo será propor uma leitura cuidadosa das *Investigações* buscando uma concepção de sublime mais ampla do que a apresentada tradicionalmente.

Una crítica dura y radical de la suposición de que una regla determina un uso. Como consecuencia, aunque hubiera un sistema de reglas, no se podría suponer que el lenguaje fuera dado o estructurado por él, pues, según las Investigaciones, no se pueden concebir las reglas por separado de su aplicación (Id. Ibid).

Seguindo a perspectiva desenhada pelas citações de Carvalho, o problema facilmente se estende para outros conceitos, pois o cerne da questão é o modo como as leituras tradicionalmente estabelecidas abordam as *Investigações*, a saber, tendo como parâmetro os textos do início da década de 1930 e desconsiderando qualquer tipo de mudança significativa nos trabalhos posteriores de Wittgenstein. A dificuldade envolvida neste mote é a de que no período intermediário Wittgenstein defende concepções explicitamente recusadas nas *Investigações*.

Como vimos, no caso da sublimação da lógica o que os comentários usuais destacam envolve principalmente a ideia de que este debate procura romper com a noção de cálculo *segundo regras rígidas*. Para Baker e Hacker, por exemplo, esta concepção seria uma “poderosa tentação filosófica” e é justamente isto que recortes como as seções §§81-88 e §§89-133 problematizam. Apesar destes comentadores afirmarem que a analogia com os jogos “substitui” a noção de cálculo, flexibilizando o seu rigor, o que não está em questão é a ideia de que a linguagem é uma atividade governada por regras. O ponto em discussão envolve apenas a noção de regras rígidas e fechadas.

É precisamente em relação a este ponto que a análise do período intermediário e seu confronto direto com as *Investigações* nos oferece indicações claras da radicalidade proposta pelos últimos trabalhos de Wittgenstein. Da mesma forma, também assinala que tipo de enfoque as concepções do período intermediário devem receber. Sobretudo, expõe Carvalho,

Não como esboços preliminares do trabalho posterior, como pode frequentemente parecer, na medida em que muitos textos deste período são aproveitados nas *Investigações*, mas como um conjunto de concepções estruturadas, em grande medida vinculadas a pressupostos do *Tractatus*, que são posteriormente abandonadas e explicitamente criticadas (2016. p.3).

Como vimos, as leituras mais usuais entendem que com a discussão do §81 Wittgenstein utiliza-se da dinâmica dos jogos de linguagem para flexibilizar a rigidez na definição conceitual, então suposta como núcleo do projeto tractariano. No entanto, ainda que a noção de cálculo com limites rígidos esteja presente no contexto tractariano, o pleno desenvolvimento desta concepção só pode ser destacado no contexto do período intermediário.

Assim, as interlocuções que as *Investigações* propõem, tanto no contexto do §81 quanto a partir do 89, dispõem de um alcance muito mais amplo, atingindo concepções intermediárias que ainda seguem alguns dos pressupostos da primeira filosofia de Wittgenstein. Medina, por exemplo, opta por traçar este itinerário analisando o retorno de Wittgenstein a Cambridge, em 1929, destacando que apesar de suas críticas atingirem pontos centrais de seu trabalho anterior, como por exemplo a suposição de que ao final do processo de análise encontraríamos “nomes simples” que se referem a “objetos simples”²², elas ainda estão comprometidas com pressupostos fundamentais do *Tractatus*.

Segundo Medina, se por um lado a visão que Wittgenstein passou a ter sobre a linguagem neste momento não comportava mais o referencialismo do *Tractatus*, por outro, ressalta o comentador, os primeiros passos de Wittgenstein ainda são um período de reconstrução, e naturalmente mantém alguns elementos de sua antiga visão, como a ideia de que os sinais lógicos, “*have a combinatorial (not a representational) essence*” (*idem*).

²²O projeto que Wittgenstein inicia neste período também dispõe de uma tentativa de salvar um dos núcleos do *Tractatus*, qual seja, a tese da independência das proposições elementares. A construção de uma linguagem fenomenológica será parte desta tentativa. Para mais detalhes, ver os trabalhos de M. Carvalho; J. V. G. Cuter; M. Engelmann; B. Prado Neto. (2017).

Ainda que o *Tractatus* suponha um “cálculo subjacente de proposições elementares em que as sentenças complexas podem ser resolvidas” (Idem. p.58), é somente no contexto da primeira metade de 1930 que a noção de regras desempenhará um papel central no pensamento de Wittgenstein. Neste caso, a “essência combinatória” das proposições elementares é vista como uma regra, ou gramática, determinando os usos dos termos na linguagem.

Para além disto, a noção de regras desenvolvida no início de 1930 se torna essencial para a valorização do conceito de *uso*, entendido como uma ação que é determinada por um sistema totalmente arbitrário, afastando-se do referencialismo residual do *Tractatus* e ressaltando a dinâmica que o signo sofre ao se constituir como signo. Nos termos propostos pela *Gramática Filosófica*, “*What I want to say is that to be a sign a thing must be dynamic, not static*” (PG §17).

De maneira mais pontual, esta dinâmica envolverá as possibilidades de conexões que os nomes possuem entre si, isto é, a “gramática” das relações e o modo como elas determinam o significado de um termo. O que é importante ressaltar, no entanto, é que já nos primeiros anos da década de 1930 Wittgenstein apontava para a importância de uma *prática* efetiva, apesar de situá-la no interior de um sistema cujas relações se estabelecem a partir da própria gramática.

A ideia de *atividade*, portanto, já desempenhava um papel fundamental no pensamento de Wittgenstein desde esse período, e como é possível notar com algumas passagens deste contexto, as nuances entre a prática e as regras já eram evidentes:

Qual é o signo de que alguém entende um jogo? Ele deve poder recitar as regras? Não é também um critério que ele possa jogar o jogo, isto é, que ele realmente o jogue, mesmo que fique atarantado quando lhe perguntarem as regras? Aprendemos o jogo apenas porque nos contam as

regras e não também quando o vemos ser jogado? Naturalmente, uma pessoa muitas vezes dirá a si mesma enquanto observa “Ah!, então essa é a regra”, e ela pode, talvez, anotar as regras enquanto as observa, mas, com certeza, existe algo como aprender o jogo sem regras explícitas (PG. 2003. I. 26. p.44).

Curiosamente, a noção de uso aqui explicitada não desconsidera o fato de que ele é determinado por um sistema de regras. Na verdade, neste caso a regra é a própria condição de possibilidade para os signos estabelecerem algum sentido. A gramática, sua arbitrariedade e a ideia de cálculo que isto implica recebem neste contexto uma notoriedade sem precedentes no pensamento de Wittgenstein. Conforme a descrição de Carvalho,

En cambio, la gramática, o el sistema de reglas que caracteriza un lenguaje, se presenta como autónoma y arbitraria: no puede justificarse por ninguna referencia a algo “exterior” al propio sistema de reglas; no se puede ya concebir que las reglas, el lenguaje, se ajuste a hechos, a un “mundo” independiente de ellas (2018. p.6).

Em contraste com o projeto de análise do *Tractatus*, em que o que Wittgenstein almeja é determinar a natureza de qualquer sentença a partir da estrutura das proposições elementares e sua relação com o mundo, no período intermediário o que é colocado no centro da discussão é o esclarecimento das “regras” implícitas que nos permite reconhecer o sentido de nossas descrições, determinando de fato o significado de um termo.

Segundo Engelmann, esta perspectiva já se encontrava presente no primeiro projeto de trabalho organizado por Wittgenstein, logo após o seu retorno a filosofia. As *Observações Filosóficas* reconhecem desde o início que as regras implícitas na linguagem formam a sua gramática, e que uma vez esclarecidas e apresentadas de maneira “perspícua” permite-nos compreender todo o sistema de representação. O que é mais importante, no entanto, é que em contraposição ao *Tractatus* esta nova forma de proceder não supõe a criação de uma notação especial,

Não necessitamos primeiramente inventar uma nova linguagem ou construir um novo simbolismo; a linguagem ordinária já é a linguagem, desde que esteja livre das obscuridades (WWK, 45. *apud* Engelmann. p.38).

Na visão de Engelmann, tanto o simbolismo notacional do *Tractatus*, quanto o projeto fenomenológico de 1929 seriam alcançados por meio “do esclarecimento e apresentação das regras implícitas na linguagem” (p.38)²³. Deste modo, torna-se nítido que o que Wittgenstein ressalta neste contexto é a função determinante que as regras desempenham na constituição da linguagem, ainda que elas não sejam (já neste período) pensadas de forma rígida ou fechada.

Apesar de o conceito de análise ser abandonado, e com ele a ideia de que ao final do processo encontram-se nomes simples em conexão com objetos simples, a noção de cálculo ou regras da nova concepção formulada no início de 1930 ainda representa um tipo residual de referencialismo do *Tractatus*. A gramática da linguagem, nestes termos, desempenha um papel de anteparo das significações, por isso Carvalho explica,

Así, en un procedimiento que de esta perspectiva es fundamentalmente negativo, en la medida en que ya no se puede suponer que los nombres refieren, queda sólo la posibilidad de decir de ellos las relaciones que mantienen con otros nombres, sólo queda presentar su "uso", o mejor, su gramática, la red de relaciones en la que adquieren significado (2018. p.6).

O que será característico do período intermediário, explica Carvalho, é que na ausência de uma relação entre linguagem e mundo, o que resta é o sistema de relações dos termos na linguagem, e como isto garante os seus significados. Nos termos da Gramática Filosófica,

²³Como se vê, o papel e a natureza da atividade filosófica ainda se encontram no centro da discussão, pois apesar de a concepção de análise do *Tractatus* e da suposição de que há proposições elementares serem abandonados, é a compreensão da “gramática” dos termos na linguagem que nos permite indicar os seus limites e dissolver os falsos problemas filosóficos.

A gramática não é responsável por nenhuma realidade. São as regras gramaticais que determinam o significado (que o constituem) e, portanto, elas próprias não são responsáveis por qualquer significado e, nessa medida, são arbitrárias (WITTGENSTEIN. 2003. X. 133. p.139).

O *uso*, caracterizado como fundamento para o significado, decorre de um sistema, e portanto supõe um conjunto de regras ou uma gramática determinando as suas possibilidades. O que é central, no entanto, é que já no contexto do período intermediário esta determinação não será pensada em termos rígidos, o que significa que a interlocução dos parágrafos 81-88, supostamente limitada a um confronto entre o *Tractatus* e as *Investigações*, não é tão simples.

Como vimos, Baker e Hacker consideram que quando Wittgenstein escreveu o *Tractatus* ele sucumbiu à tentação de pensar que a determinação do sentido deve ser precisa, que esta era uma exigência lógica e que portanto a vagueza e indeterminação exibida pela linguagem natural deveria desaparecer após o processo de análise (BAKER; HACKER. 2005. p.179). Sob esta ótica, a crítica proposta pelas *Investigações* pretende estabelecer que as regras para o uso de nossas palavras não são assim rigorosas e não alcançam todas as circunstâncias. Ao contrário, elas comportariam certa fluidez. (BAKER; HACKER. 2005. p.179). Para estes comentadores, a maneira mais clara de entendermos isto é observando o uso que Wittgenstein faz de exemplos como os tratados pelos parágrafos §§79-80²⁴, em que as *Investigações* supostamente esclarecem que a linguagem não é um “*calculus with rigid rules that provide for all possible circumstances*” (BAKER; HACKER. 2005. p.184).

Entre outros aspectos, um dos elementos que levaram Wittgenstein a reconhecer que as definições conceituais comportam certa fluidez envolvia o uso de conceitos gerais como “folha” ou nomes próprios como “Moisés” – daí a relação direta do §81 com os §§79-80, onde Wittgenstein trata justamente deste último caso. Nas considerações de Baker e Hacker,

²⁴Convém notar que este exemplo já é usado por Wittgenstein nos primeiros anos após o seu retorno à filosofia, presente tanto na Gramática Filosófica quanto no Big Typescript

o fundamental é entendermos que o §81 leva em consideração as passagens precedentes e o fato de os nomes próprios serem usados sem um significado preciso e fixo,

Consider this example. If one says “Moses did not exist”, this may mean various things. It may mean: the Israelites did not have a single leader when they withdrew from Egypt – or: their leader was not called Moses – or: there cannot have been anyone who accomplished all that the Bible relates of Moses – or: etc. etc (cf. PU §79).

A crítica promovida pelo §81 estaria, portanto, direcionada ao que este caso específico representa, e a contraposição ao papel determinante das regras se limitaria a uma concepção que pretende dar conta de todos os casos, um tipo de “tentação filosófica” circunscrita ao *Tractatus*. Sob esta ótica, o uso do método dos jogos de linguagem forneceram a Wittgenstein não apenas um contraponto à dieta unilateral do seu antigo trabalho, expondo que a linguagem na verdade pode ser usada de diferentes formas, mas também um modelo mais “flexível”, cuja relação de determinação do sentido poderia ser comparado a uma atividade inserida em um contexto de criação ou interação social:

Playing games, like speaking, is a human activity, and the existence of shared games, like a shared language, presupposes common reactions, propensities and abilities (BAKER; HACKER. 2005. p.52).

O que, entretanto, esta proposta de leitura mantém intocado é que apesar de haver uma crítica e uma revisão ao modelo de cálculo com regras fixas, os jogos ainda são tomados como uma atividade governada por regras. Apoiados em uma citação da *Gramática Filosófica*, Baker e Hacker interpretam que ainda que haja maior “flexibilidade” no contexto das *Investigações*:

The rules of a game are constitutive rules, as are rules of grammar. Unlike those of a calculus (but like the rules of language), they are not ‘closed’; they do not attempt to budget for all eventualities (BAKER; HACKER. 2005. p.52).

Novamente, o que a leitura de Baker e Hacker destaca é que a partir da comparação com os jogos a ideia de uma linguagem governada por regras ganha maior flexibilidade, isto é, apesar de permanecer a relação de determinação ela é muito mais flexível, sem dar conta de todas as circunstâncias imagináveis. Como destacado anteriormente, e em contraponto a esta interpretação, o contexto de reflexões do período intermediário aponta para o fato de que neste momento Wittgenstein já era favorável à concepção de linguagem como um cálculo segundo regras fixas e, *simultaneamente*, contrário à delimitação precisa dos conceitos em todos os casos.

A perspectiva adotada por comentários como os de Baker e Hacker simplesmente pressupõem uma continuidade conceitual entre o período intermediário e as *Investigações* que, neste caso, não existe. No contexto do *Big Typescript*, por exemplo, Wittgenstein expõe exaustivamente uma série de casos tentando ressaltar a impossibilidade de concebermos as regras como capazes de abranger todos os casos imagináveis, delimitando completamente os conceitos. O que aparece no §79 das *Investigações*, acerca do nome próprio “Moisés”, salvo alguns detalhes já está presente no *Big Typescript*.

Russell would say that we can define the name Moses by different descriptions (“the man whose name was ‘Moses’ and who lived at that time in that place”, or “the man – whatever he was then called – who led the Israelites through the desert” or “the man who as a baby was fished out of the Nile by the pharaoh’s daughter”, etc., etc.). Depending on whether we accept one or another definition, the sentence “Moses existed” acquires a different sense, and so too does every other sentence about Moses (BT 58; 28 p.197e).

Como demonstram Baker e Hacker, citados anteriormente, o §81 está diretamente concatenado com os §§79-80, justamente porque nestes dois parágrafos Wittgenstein evidencia o fato de que nem todos os conceitos são rigidamente delimitados. O problema é que isto já é explícito desde o *Big Typescript*, por isso o mote destes comentadores é na

verdade uma concepção do período intermediário sendo projetada sobre o contexto das *Investigações*.

De maneira contraposta, o que realmente ocorre a partir do §81 das *Investigações* não envolve apenas o fato de a nossa linguagem ordinária jamais se adequar a uma teoria ou conseguir alcançar um modelo ideal como o que se espelha na lógica do *Tractatus*, mas que pressupostos como estes – ou mesmo os do período intermediário, já com a convicção de que a delimitação exata dos conceitos em todos os casos nem sempre é possível – ainda estão relacionados a uma má compreensão do modo como usamos a linguagem.

Wittgenstein claramente assegura nas *Investigações* que a linguagem está em perfeita ordem da maneira como está e, sobretudo, que qualquer linguagem “ideal” que possa ser construída não deve se sobrepor à linguagem comum, como se sua vagueza ou ambiguidade legitimasse a busca por alguma essência oculta, uma estrutura lógica ou um sistema de regras fixas e capazes de delimitar com precisão os conceitos, “*as if our usual forms of expression were, essentially, unanalysed; as if there were something hidden in them that had to be brought to light*” (PU §91).

Já no §81b Wittgenstein fala de conceitos que uma vez esclarecidos nos fariam entender por que somos levados a acreditar que quem pronuncia uma frase faz isso segundo um cálculo com regras determinadas. Essa crítica terá profunda implicação para o debate seguinte, pois os conceitos que Wittgenstein aponta nesta parte são “entender, querer dizer (meinen) e pensar” (IF §81b), todos relacionados com a ideia de “seguir regra”. Para Stern,

A principal questão colocada é se a explicação em particular, e a linguagem em geral, é melhor entendida como um conjunto de procedimentos sistemáticos e governados por regras; ou se ela é melhor entendida caso sejamos igualmente atentos a como ela é *ad hoc* e dependente de circunstâncias e de um contexto particular (STERN, 2012. p.176).

Entre os §§81-88, logo após a afirmação de que quem pronuncia uma palavra e lhe dá significação faz isso segundo regras fixas, já temos uma problematização do que há de central nestas passagens. O que se mostra, em primeiro lugar, é que a própria ideia de “regras segundo a qual alguém procede” não é clara. Levando em consideração o que foi exposto anteriormente, os §§81-88 não seriam uma crítica circunscrita apenas à concepção de regra para “todos as circunstâncias”, mas também à leitura cujo pressuposto é a ideia de que há casos em que as regras não conseguem delimitar completamente um conceito.

O que é preciso ressaltar é justamente a especificidade das críticas no contexto dos §§81-88. Segundo o §82, por exemplo, existem várias alternativas para definirmos o que significa a própria expressão “regra segundo a qual ele procede”, tais como:

The hypothesis that satisfactorily describes his use of word, which we observe; or the rule which he looks up when he uses signs; or the one which gives us in reply if we ask him what his rule is? (PU §82).

Além disso, casos como esses não esgotam as demais dúvidas que poderiam ser levantadas e, como sugere o exemplo do §83, há jogos cujas regras podem ser interpretadas como algo que se modifica no seu próprio decurso. A interpretação na verdade “pressupõe” que se segue uma regra, mas isso nem parece acontecer, nem é necessário que ocorra. A questão, portanto, não envolve apenas o fato de que a aplicação da regra não alcança todos os casos, mas que a própria ideia de uma regra supostamente oculta em nossas práticas e capaz de determinar sua significação é extremamente problemática.

O que Wittgenstein assinala tem uma profunda relação com a ideia de que seguir regras envolve as circunstâncias específicas em que essas práticas ocorrem. Isso dá ensejo para se debater o fato de que fora de contexto nenhuma regra é por si só isenta de dúvida, e que por isso “podemos imaginar uma regra que regule o emprego da regra” (IF §84). Esta reflexão levará a cabo o jogo de linguagem do parágrafo 86, cujo fator preponderante é

justamente a ideia de que uma regra sempre pode suscitar outras interpretações, gerando o paradoxo do texto, como se as elucidações pairassem no ar.

De maneira central, estas passagens explicitam a inadequação de leituras como as de Baker e Hacker, uma vez que os pontos fixos presumivelmente capazes de interromper o estabelecimento sucessivo de regras para explicar a sua efetivação são profundamente problematizados. O jogo de linguagem de que fala o §86, por exemplo, mostra que alguém pode aprender a ler uma tabela traçando uma série de traços horizontais e procurando uma figura enquanto a percorre com o dedo da esquerda para a direita. Esta poderia ser uma regra e até poderíamos anexá-la à tabela. Como questiona Wittgenstein, porém, esta regra não poderia requerer uma outra explicação? E a explicação não seria uma regra para a regra? E assim não poderíamos ir indefinidamente suscitando outras regras?

Stern (2012) mostra com grande perspicácia que esse jogo de linguagem é bastante análogo ao que aparece no §2, em que a discussão objetivava justamente problematizar a ideia de que o significado pode estar atrelado a um objeto que a palavra substitui, cuja definição ostensiva seria o seu corolário. Igualmente, o §86 demonstra o equívoco de se pensar que o significado remete a outros signos:

Pois a explicação de palavras em termos de signos pressupõe que uma forma habitual de responder a palavras e signos seja dada, da mesma maneira que nossa prática ordinária da ostensão pressupõe que acompanhemos a linha formada a partir do dedo apontado pelo falante, e não a partir de seu antebraço (2012. p.180).

Assim, teríamos novamente um paradoxo colocado por Wittgenstein, como o suscitado pela definição ostensiva. Do mesmo modo como a definição ostensiva pressupõe uma série de elementos para que um determinado significado seja apreendido (caso houvesse outros elementos pressupostos, novos objetivos seriam alcançados) (IF §6), no §86 a interpretação de uma regra traz como problema o fato de que esta sempre pode ser

seguida de uma maneira diferente ou suscitar outras regras para que ela seja esclarecida. A questão é que não podemos suscitar indefinidamente uma regra para esclarecer a aplicação de outra regra.

Conforme Stern (2012. p.181), Wittgenstein já havia antecipado a resposta para esse problema no §85, quando discutiu a função da regra como “poste de sinalização”. Não se trata de precisar a ação ou de excluir toda a ambiguidade, o que temos que compreender é que qualquer apoio objetivo para a interpretação que não considere efetivamente a sua prática é um equívoco:

A rule stands there like a sign-post. - Does the sign-post leave no doubt open about the way I have to go? Does it shew which direction I am to take when I have passed it; whether along the road or the footpath or cross-country? But where is it said which way I am to follow it; wheter in the direction of its finger or (e.g) in the opposite one? - And if there were, not a single sign-post, but a chain of adjacent ones or of chalk marks on the ground – is there only one way of interpreting them? - So I can say, the sign-post does after all leave no room for doubt. Or rather: it sometimes leaves room for doubt and sometimes not. And now this is no longer a philosophical proposition, but an empirical one (PU §85).

Ser um indicador de direção, como sugere o §85, não significa que afastaremos todas as dúvidas, mas que este indicador deixa de ser uma “proposição filosófica” e passa a ser encarado como uma “proposição empírica” (IF §85). Em outros termos, a questão é lançada para o terreno da prática, espaço no qual, de modo irreduzível, as regras de fato ganham as suas significações. Uma prática, entretanto, que deve ser tomada em sua completa autonomia.

CAPÍTULO 2

SOBRE A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM APRESENTADA ENTRE OS PARÁGRAFOS 1-88 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DEBATE SOBRE A SUBLIMAÇÃO DA LÓGICA

O objetivo deste capítulo é o de desenvolver uma análise geral dos primeiros 88 parágrafos das *Investigações* e, com isso, expor alguns termos e conceitos que evidenciem a nova concepção de linguagem apresentada por Wittgenstein em suas reflexões maduras. Espera-se que estas ponderações contribuam para dimensionar a amplitude da crítica proposta pela discussão sobre a sublimação da lógica e sobre a natureza da atividade filosófica a partir do §89.

2.1 UMA “IMAGEM” DA ESSÊNCIA DA LINGUAGEM HUMANA

Uma das formas de considerarmos a maneira pela qual Wittgenstein se reposiciona em relação aos temas abordados nas *Investigações* é acompanharmos textualmente as discussões presentes ao longo do livro. Neste caso, os §§1-88 são de extrema relevância, e

não só porque é um trecho tradicionalmente visto como a versão preliminar das *Investigações*, mas sobretudo pelos temas abordados e pela forma como eles são criticados neste recorte²⁵.

Este conjunto de parágrafos é, na verdade, um longo processo de crítica a uma perspectiva sobre a linguagem que fundamenta a citação das *Confissões* de Agostinho, utilizada no parágrafo de abertura das *Investigações*. Em especial, a suposição do bispo de Hipona de como aprendemos a linguagem e do que lhe parece ser essencial neste fenômeno. Textualmente, a citação apresenta Agostinho descrevendo não apenas o modo como ele, quando criança, teria aprendido a linguagem, mas todo um sistema de comunicação. Em suas palavras:

“Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E, quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos” (AGOSTINHO. *Confissões* I/8).

Ainda que a citação se apresente como a grande interlocução do texto, é importante compreendermos *como* esta discussão ocorre, pois não se trata de restringir o diálogo ao pensador patristico, mas de se concentrar na chancela de uma determinada “concepção” da

²⁵A sucessão de temas e a maneira como eles são debatidos entre os §§1-88 também são profundamente relevantes para a compreensão da discussão sobre a sublimação da lógica, pois são uma forma de especificar os desvios e ilusões de uma visão sobre a linguagem que impõe a necessidade de procedimentos que levam a esta concepção. Os pressupostos básicos para compreensão do que se segue ao §89 já seriam, portanto, indicados desde a abertura das *Investigações*, e é por isso que cabe aqui uma análise do recorte que precede ao §89, sobretudo a crítica à citação de Agostinho no parágrafo 1 e a ideia de que isto representa uma imagem da linguagem.

essência da linguagem humana,²⁶ descrita nestas passagens iniciais como uma *imagem* e que uma vez vigente tende a se desdobrar em uma série de “dilemas” filosóficos – incluindo a sublimação da lógica.

Portanto, um dos traços iniciais da citação e que pode ser destacado neste momento é que a postura de Agostinho não é assim tão desprezível. Embora ele descreva de maneira trivial o modo como a linguagem é adquirida e usada, expondo sem muito compromisso o “jogo” praticado por aqueles que estão envolvidos com o seu aprendizado, o que Wittgenstein ressalta é que por detrás desta “simplicidade” na verdade esconde-se uma tomada de posição significativa²⁷.

Em termos mais explícitos, a suposta gênese do aprendizado da linguagem que Agostinho descreve pressupõe uma série de escolhas inevitavelmente comprometedoras.

²⁶Dois pontos principais parecem caracterizar o uso da citação de Agostinho. Em primeiro lugar, o que se desprende da apresentação da suposta “imagem da essência da linguagem humana” é algo que além de garantir o significado dos termos de maneira adequada, também estabelece alguns preceitos que necessariamente impõem tal ação, isto é, a própria ideia de que o uso da linguagem de alguma maneira deve ser precedido por uma dimensão teórica, seja ela de raiz platônica, fregeana ou mesmo tractariana. Em segundo lugar, além de ser um dos núcleos da discussão proposta pelos 88 primeiros parágrafos, esta atitude é provocativa e define uma das chaves para o entendimento da oposição instaurada ao longo do texto, explicitada na sequência de diferentes perspectivas temáticas e históricas, isto é, dirigidas não apenas a alguns nomes da tradição filosófica e suas visões, mas, especialmente, ao que fundamenta esse legado. Assim, a citação das *Confissões* ou de qualquer outro autor vinculado a esta imagem deve ser visto como um ponto reelaborado de diferentes maneiras e, portanto, algo que surge não apenas como a representação de uma “concepção”, mas como um passo de um percurso ainda mais amplo e que abarca grande parte da história da filosofia.

²⁷Comentando a naturalidade dessa “imagem”, Warren Goldfarb faz a seguinte descrição: “*My primary reaction to the citation from the Confessions, read by itself, is to think that what it expresses is obvious – it seems trivial, prosaic, well-nigh unobjectionable. It is just a harmless elaboration of the observations that early in life children learn what things are called, and learn to express their wants and needs verbally. It hardly goes beyond the level of commonplace*” (GOLDFARB. 1983. p.268). Para Goldfarb, muitos comentadores de fato aceitaram a trivialidade da imagem apresentada por Agostinho, e isto, para ele, é algo extremamente problemático. Ainda segundo o autor, na verdade Wittgenstein está propondo exatamente o contrário, isto é, o que ele deseja é nos chocar e mostrar quantas coisas são pressupostas em uma concepção que parece óbvia. Dito de outra forma: “*Wittgenstein is, already in §1, pointing to unclarity of what it is to have a conception of language (...) He is suggesting that despite its commonplace air the quotation can be taken as expressing a way of looking at language that is in its very core philosophical*” (GOLDFARB. 1983. p.268). Comentando esse trecho de Goldfarb, Stern diz ainda que apesar de o propósito de Wittgenstein ter implicações tanto em um sentido ordinário quanto filosófico, sua principal preocupação é mostrar que os problemas filosóficos se desdobram do sentido comum pressuposto no uso ordinário da linguagem (STERN. 2012. p.122). O ponto é que Wittgenstein não parte de uma apresentação sofisticada, e de fato as *Confissões* não estão oferecendo uma concepção teórica da essência da linguagem, elas não se constituem como uma obra nestes termos e o que Agostinho faz é simplesmente relembrar (a partir de determinados pressupostos) como ele, e as crianças em geral, aprenderam desde cedo a nomear as coisas e a expressar verbalmente seus desejos. É neste sentido que se coloca em questão a obviedade da imagem, pois é a partir dela que se desdobram diversas teorizações sobre como a linguagem deve funcionar. Por isso Wittgenstein: “Não começa com a filosofia sistemática, ou com a história da filosofia, mas com as estruturas de pensamento, com as formas de falar, que podem nos levar a formular tais teorias filosóficas”. (STERN. 2012. p.122).

Como não se trata de uma teoria formalmente acabada, é contra esta aparente falta de ambição da citação que Wittgenstein se posicionará, pois é nisto que reside o seu encanto (e é também este o vínculo mais estreito entre os primeiros 88 parágrafos e os temas debatidos a partir do parágrafo 89).

Entre outros aspectos, isto significa que o cerne da questão não se resume ao erro e a sua “correção”, uma teoria equivocada e outra correta que a contrapõe. Antes, são as exigências oriundas de uma ilusão que devem ser combatidas, pois ao contrário de se ater às trivialidades dos jogos de linguagem, ela nos força a se posicionar como alguém que *deve* tentar descrever as “sutilezas” mais características que envolvem o uso correto da linguagem, como se isto de fato fosse um procedimento *necessário*²⁸.

Sob o ponto de vista crítico das *Investigações*, a descrição de Agostinho de fato não deve ser compreendida como uma definição teórica de como é a linguagem. O que é importante ressaltar é como ela parte de “pressupostos” que caracterizam as concepções mais sistemáticas, e que isto impede que a linguagem, enquanto fenômeno, seja vista em sua mais simples transparência e como parte de nossa “história natural”²⁹.

Nos termos propostos por Glock (19. p.4), o que é designado de visão agostiniana aproxima-se mais de um “paradigma proto-teórico” que por ser compartilhado por aqueles

²⁸O que é ainda mais interessante na citação das Confissões é que o que Agostinho faz na citação não deixa de ser a descrição de uma atividade, algo similar ao que será desenvolvido em boa parte das *Investigações*. Este ponto é importante para assinalar que não é o mero recurso metodológico que distanciará os autores, mas o pressuposto adotado por cada um. Em contraposição ao que faz Agostinho, a descrição de várias cenas em que a explicação do significado se coloca como questão central é, ao mesmo tempo, feita por Wittgenstein com o propósito de distanciar-se dos pressupostos adotados pelo bispo de Hipona, especialmente naquilo que parece ser uma opção para “fundamentar” a linguagem. Ao se dirigir à linguagem, Wittgenstein não tomará, por assim dizer, um ponto de vista alheio ao seu contexto, tentando conformar a realidade a um modelo previamente estabelecido, mas ao contrário, buscará valorizar esta dinâmica percebendo como os significados são estabelecidos neste jogo. Justamente por isso, a tentativa de evidenciar a essência da linguagem, do pensamento e da proposição como um modo de apreender o objeto e representá-lo [em última instância, substituí-lo] através de signos, parecerá para Wittgenstein o motivo pelo qual a atividade dos filósofos é envolvida em uma espécie de “névoa”, uma vez que ou tentam construir um modo de garantir esse vínculo, aperfeiçoando tal modelo, ou então, pressupõe essa caracterização para edificar suas teorias sobre a linguagem.

²⁹Por isso mesmo, a explicitação desta visão pouco “perspícua” é colocada como uma das grandes ambições do texto. Um processo de explicitação que poderá ser notado em diferentes passagens, inclusive no contexto de debate sobre a sublimação da lógica e a discussão acerca da especificidade da atividade filosófica, trecho que se configura como clara explicitação das dificuldades geradas pela adoção dos elementos presentes na visão agostiniana.

que raciocinam sobre o tema, “subjaz de forma tácita a teorias filosóficas mais sofisticadas”.³⁰Sob uma ótica parecida, Carvalho expõe que:

O texto não parte da exposição de uma teoria sobre a linguagem, mas, pelo contrário, da identificação e comentário de uma certa imagem da linguagem, de que Agostinho, nessa passagem despreziosa e descompromissada das *Confissões*, é apenas uma expressão (p.38).

De fato, perceber que o texto não direciona as suas objeções a uma concepção específica, mas que procura ressaltar como as teorias surgem como expressões particulares de uma mesma imagem, oferece uma boa perspectiva de como olhar as *Investigações* e a natureza de sua proposta. Sobretudo, tendo como pressuposto a ideia de que a *imagem* presente na interlocução do texto nos constrange a aceitá-la como a descrição mais razoável de como é a verdadeira estrutura da linguagem.

O percurso mais amplo das *Investigações* é, neste sentido, um processo composto por passos que ao lançar luz sobre os elementos presentes na imagem agostiniana, desconstroem os pressupostos filosóficos responsáveis por enfeitiçar a visão dos filósofos e lançá-los à caça de quimeras. Neste sentido, o texto indica desde este ponto que os problemas que inquietam os filósofos são, na verdade, oriundos de um uso da linguagem que direcionam os questionamentos, como por exemplo aqueles voltados para a significação das palavras³¹.

Entre os desenhos que resultam deste embate, a discussão sobre a lógica e a sua sublimação aparece como um dos traços essenciais do reposicionamento de Wittgenstein, explicitando a que ponto podem chegar os problemas filosóficos quando a perspectiva proposta pela imagem agostiniana é adotada.

³⁰O próprio recurso à ostensão dos gestos, por exemplo, visto por Agostinho como um dos fundamentos para a definição dos termos, já caracterizará uma opção que inevitavelmente se desdobra em algumas exigências.

³¹Especificamente quanto ao redimensionamento do conceito de significado, as noções de jogos de linguagem e semelhanças de família que são apresentadas pelos parágrafos 1-88 explicitam estas armadilhas e redefinem aquilo que supostamente seria necessário para a significação, como a determinação da essência, algo comum, delimitação precisa dos conceitos ou regras como fundamento para a linguagem.

Inserido a partir do §89, esta discussão reelabora a crítica à sedução dos elementos descritos nos trechos anteriores a este recorte e tensiona a necessidade de algumas perguntas e respostas formuladas pela tradição (todas inseridas no interior de uma certa *imagem*). Entre outros pontos, a discussão incluirá o próprio conceito de necessidade, que por ser visto como uma esfera teórica e anterior à prática dos jogos de linguagem, acaba explicitando o desvio metafísico do sentido em que a lógica se coloca como *a priori*.

2.1.1 A *IMAGEM* AGOSTINIANA E O CONCEITO DE SIGNIFICADO EM QUESTÃO: UM ASPECTO CENTRAL PARA O DEBATE SOBRE A SUBLIMAÇÃO DA LÓGICA

Seguindo a indicação proposta logo acima, apesar de Agostinho ser um pensador admirado por Wittgenstein, a sua referência no primeiro parágrafo do livro tem um propósito de natureza geral, representando um *modo* de se portar diante da linguagem que inevitavelmente produz uma série de desvios teóricos. Assim, a descrição feita por Agostinho de como é o aprendizado da linguagem não deve ser compreendida como a apresentação de uma teoria, mas como uma *imagem* a partir do qual um grande número de observações filosóficas sobre a natureza da linguagem e do mundo são elaboradas – incluindo as propostas por Platão, Frege, Russell, ou o próprio Wittgenstein no *Tractatus*.

O aspecto central da citação é que ela não visa responder a nada, pois simplesmente antecede as perguntas apresentando uma imagem *a partir* do qual as questões são desdobradas, sobretudo a própria pergunta pelo significado da linguagem e a sua relação com o mundo. Nos termos das observações de Wittgenstein, a perspectiva de Agostinho oferece as *raízes* para a ideia de que,

Every word has a meaning. This meaning is correlated with the word. Is the object for which the word stands (PU, §1).

Fundamentalmente, com o desdobramento da imagem agostiniana, a linguagem e o mundo são vistos como duas ordens que apesar de distintas mantêm um contato muito particular³², o que para Wittgenstein restringe o significado dos termos na linguagem ao objeto nomeado, isto é, à ideia de que para cada palavra há algo no mundo correspondente.

Esta descrição seria então apresentada como a essência da linguagem humana e, nestes termos, constituiria toda a linguagem a partir do modelo da *nomeação* (e, como veremos adiante, da definição ostensiva). Seguindo este modelo, enquanto os nomes denotam os objetos do mundo, nas sentenças eles são combinados de uma forma específica, descrevendo os fatos possíveis da realidade. O que é essencial é que somente a partir da correspondência entre os termos na linguagem e os objetos do mundo que se impõe o problema da significação, isto é, teorias do significado que se originam da tentativa de apreensão da natureza da relação entre estas duas ordens distintas.³³

A caracterização da linguagem que a imagem agostiniana oferece é então um dos principais panos de fundo da crítica entre os parágrafos 1-88, e o primeiro movimento das *Investigações*, ainda situado no §1, passa a ser o de confrontá-la, demonstrando a sua inadequação ou insuficiência. Como principal elemento da crítica, o modo como efetivamente operamos com a linguagem é ressaltado, e ainda que se trate de um primeiro passo, no §1 já encontramos elementos suficientes para evidenciar a maior ambição do

³²Como entender a natureza deste vínculo ou o que há de comum entre estas duas ordens para que elas se relacionem é justamente o que leva às maiores dificuldades filosóficas.

³³ Como estabelecer a correspondência pressuposta nesta descrição e como definir o que há de estrutural nisto é justamente o que as formulações teóricas tentarão definir ao longo de diferentes tradições. Frege, Russell e o jovem Wittgenstein, por exemplo, seriam grandes expressões contemporâneas deste projeto, compartilhando o mesmo objetivo de descrição das condições a partir do qual uma proposição é capaz de representar o mundo. No caso específico destes autores, o uso de uma semântica formal para determinar a forma lógica da linguagem e alcançar a estrutura comum a toda variação linguística apresenta-se como grande interlocutor do debate sobre a sublimação deste projeto. Este tópico será melhor explorado no capítulo 3 deste trabalho.

texto, que é a de demonstrar em que medida, olhando para as nossas experiências mais concretas, a “imagem” agostiniana distorce a nossa compreensão do que seja a linguagem.

Assim, a reconstrução do percurso que as *Investigações* propõem parte de uma concepção completamente distinta, tomando o uso ordinário como base e diminuindo, segundo Carvalho, cada vez mais a distância entre conhecimento e uso, “a cada pergunta pelo ‘significado’, que deveria ser conhecido, pressuposto ao uso como a teoria seria à ação, mais se aproxima significado e uso, ‘conhecimento’ e ação” (2006. p.58). Deste modo, é significativo que o primeiro exemplo usado por Wittgenstein seja o caso de alguém que se dirige até uma quitanda com um bilhete com a sentença: “cinco maçãs vermelhas”,

He takes the slip to the shopkeeper, who open the drawer marked “apples”; then he looks up the word “red” in a table and finds a colour sample opposite it; then he says the series of cardinal numbers – I assume that he knows them by heart – up to the word “five” and for each number he takes an apple of same colour as the sample out of the drawer (PU, §1).

Ressaltando o terreno do uso em detrimento da pergunta “teórica” pelo significado, o exemplo apresenta um grande problema para a imagem agostiniana, pois apesar de o modelo de nomeação presente na descrição de Agostinho se ajustar ao “objeto” maçã, ele não dá conta daquilo que fazemos, por exemplo, com os números e cores.

“But how does he know where and how he is to look up the word 'red' and what he is to do with the word 'five'?”—Well, I assume that he acts as I have described. Explanations come to an end somewhere.—But what is the meaning of the word "five"?—No such thing was in question here, only how the word "five" is used” (PU, §1)

De acordo com a apresentação da concepção agostiniana, se perguntarmos pelo significado de “x”, um objeto que corresponde ao termo deve ser indicado. No caso de algumas palavras do bilhete (“cinco” e “vermelho”), a pergunta pelo significado deve confrontar-se com o fato de que *usamos* estes termos sem este tipo de referencialismo, e este

é o embaraço causado pelo exemplo, pois a explicação do significado ocorre seguindo outra dinâmica.

Como é possível notar, a contrapartida de Wittgenstein é desde o início a de quem apresenta uma descrição de como efetivamente operamos com as palavras. Na realidade, o resultado da valorização da ação é o próprio redimensionamento da pergunta pelo significado (que é um dos núcleos do modelo de nomeação). A crítica, por assim dizer, se situa *fora* da imagem de Agostinho e ressalta o “solo áspero” de nossa experiência. Com isso, o que fica evidente é que a concepção de significação proposta pela tradição é insuficiente para dar conta de todas as nossas experiências.

That philosophical concept of meaning has its place in a primitive idea of the way language functions. But one can also say that it is the idea of a language more primitive than ours (PU §2).

A principal observação deste trecho do §2 é a de que o modelo apresentado por Agostinho se restringe a um contexto em que a diferença entre os usos das palavras não está em questão. O exemplo formulado pelo bilhete evidencia justamente este ponto, pois ali os termos escritos exigem dos personagens que eles desempenhem funções diferentes com cada palavra. Para Wittgenstein, a generalização filosófica que pauta a postura de Agostinho não o deixa perceber que “esse sistema não é tudo aquilo que chamamos linguagem” (§2)³⁴.

Segundo Stern, esta é a forma de Wittgenstein começar a expor os limites da visão agostiniana e “abalar as preconcepções filosóficas” que a alimenta. Isto leva as *Investigações* a formular novos exemplos, como o dos “construtores”, ainda no §2. Neste caso, Wittgenstein apresenta uma situação em que a visão de Agostinho supostamente parece mais adequada. Em seu desenho, um construtor “A” solicita a um ajudante “B” que o auxilie. As palavras em uso deverão ser *cubo, lajota, colunas* etc.

³⁴Pouco a pouco as *Investigações* irão então problematizar esta imagem apresentando um caminho totalmente alternativo, em que os “problemas” então insolúveis e gerados pelo modelo tradicional de significação passam a ser vistos a partir de uma outra perspectiva.

A calls them out;— B brings the stone which he has learnt to bring at such-and-such a call.— Conceive this as a complete primitive language (PU §2).

Apesar de sua utilidade, Wittgenstein também considera que o exemplo ainda é um sistema de comunicação que não serve para caracterizar *tudo* o que entendemos por linguagem, e que vê-la dessa única maneira é generalizar uma experiência pontual. Contrariando a percepção de Agostinho do que seja a essência da linguagem, a descrição envolve um domínio “estritamente delimitado” (§2). A questão principal, no entanto, é ainda mais dramática, pois uma vez problematizada a pergunta pela significação segundo o modelo da nomeação, resta saber como é possível definir um uso correto dos termos na linguagem.

A relação entre nome e objeto, por exemplo, é posta em questão porque ela simplesmente pode querer dizer várias coisas, como os “nomes” cubo, pedra, lajota etc., que poderiam ser entendidos não como um objeto, mas uma ordem dada por aquele que o anuncia. Neste ponto a afirmação seguinte do §5 é fundamental:

If we look at the example in §1, we may perhaps get an inkling how much this general notion of the meaning of a word surrounds the working of language with a haze which makes clear vision impossible (PU §5).

O que Wittgenstein assinala é a própria radicalidade da crítica proposta e armada desde o início do livro, em que não apenas o modelo de nomeação ou de uma linguagem tomada como um espelho da realidade é posto em xeque (assim como a concepção de significado que isto implica), mas todo o conjunto de saberes construídos a partir desta perspectiva, incluindo a pressuposição de uma mediação necessária na relação entre os termos na linguagem e seu uso correto (um objeto, uma imagem mental ou uma regra, por exemplo). Segundo Carvalho,

De alguma forma, Wittgenstein parece dizer que a ação não pressupõe o conhecimento de que falava Agostinho (da relação de significação entre nome e objeto), e qual seja o conhecimento pressuposto será uma questão em aberto (2014. p.55).

Neste caso, a própria suposição de que podemos derivar o significado das palavras a partir da relação entre nome e objeto (seja qual for a teoria utilizada para compreender esta relação, o que elas compartilhariam seria a suposição desta imagem) é colocada em questão. A ideia de que o *uso* enfatiza as diferentes funções exercidas pelas palavras, e que isto torna o significado muito mais aberto e compreendido apenas no momento em que os termos são efetivamente empregados, aparece então como meio pelo qual o texto arma a sua contraposição.

Em seu desenvolvimento, as *Investigações* levanta um questionamento que, na verdade, é próprio do núcleo da contraposição de Wittgenstein, pois após ressaltar o papel do *uso* na explicação do significado, já no parágrafo 1, caberia a dúvida sobre o entendimento do que seria então a maneira correta de usar as palavras. Segundo Carvalho, esta é uma pergunta que o texto reformulará de diferentes maneiras, explicitando a contrapartida de Wittgenstein à imagem agostiniana. Neste sentido, o contraponto é em relação,

A afirmação da necessidade de uma mediação na relação entre a linguagem e seu uso, expressa aqui como exigência de um saber, de um pressuposto ao uso da linguagem, à sua relação com o mundo, que se situa fora dele (...), como se ao recorrer à mediação a “estranha” relação entre a palavra e seu uso fosse explicada (2016. p.55).

A princípio, o modelo agostiniano não só estabelece a existência de duas ordens distintas, nome e objeto, mas também postula que a base de seu relacionamento é um processo ostensivo de definição, ou seja, que estas duas ordens são articuladas por meio de um tipo de definição que ao final *aponta* para fora da linguagem e remete ao objeto no

mundo. No parágrafo 6 isto é caracterizado com Wittgenstein solicitando para que imaginemos uma tribo em que toda a linguagem se resume no jogo do §2. Neste caso, o ensino das palavras é descrito como um processo no qual um professor aponta várias vezes para um bloco proferindo a palavra apropriada.

An important part of the training will consist in the teacher's pointing to the objects, directing the child's attention to them, and at the same time uttering a word; for instance, the word "slab" as he points to that shape (PU §6).

A observação seguinte, no entanto, é a de que este ensino não pode ser chamado de definição ostensiva porque a criança ainda está aprendendo o vocabulário da tribo e não pode perguntar “como se chama isto?” (§6). Com isso, o que é colocado em questão é o fato de que a conexão entre palavra e objeto não é único mote para a linguagem, e, como será tratado na sequência, que mesmo as definições ostensivas podem produzir efeitos que dependem de um contexto, como especificar o papel que a palavra deve desempenhar na linguagem (§30).

Como as definições verbais supostamente trazem a possibilidade de ambiguidades e erros, pois em seu processo o que existe é uma expressão que leva a outra expressão, em uma regressão que só poderia ser interrompida por algo autoevidente, a definição ostensiva parecem ser o candidato ideal para romper com isto. Assim, supostamente seríamos levados direto ao objeto significado pelo termo na linguagem, não restando dúvida quanto ao seu significado. Sob este viés, o *isto* da definição ostensiva poderia ser compreendido como um topo “verdadeiro” de nome. Nos termos de Russell, “‘*This*’ is a proper name applied to the object to which I am now attendind” (RUSSELL. 1914. p.168).

É exatamente esta a concepção posta em xeque pelas *Investigações*, pois mesmo a definição ostensiva pressupõe um conjunto de regras compartilhadas. O que há de

fundamental nesta crítica, entretanto, é que ela já nos fornece algumas indicações do que representa a discussão sobre a sublimação da lógica discutidas entre os §§89-133. Acompanhemos pontualmente alguns dos elementos discutidos e como isto repercute sobre o contexto dos parágrafos 89-133.

2.1.1 PRIMEIRA INDICAÇÃO SOBRE A SUBLIMAÇÃO DA LÓGICA NAS *INVESTIGAÇÕES* E ALGUNS INDICATIVOS DE COMO DIMENSIONAR A LEITURA DOS PARÁGRAFOS 89-133

Após problematizar a relação entre nome e objeto (e a própria pergunta pela significação que este modelo implica) já nos parágrafos iniciais das *Investigações* (§2), resta ao texto levar adiante a crítica e explicitar o reposicionamento de Wittgenstein em relação a maneira como a descrição de Agostinho supõe ser a linguagem. Utilizando-se de jogos de linguagem mais primitivos, Wittgenstein explicita que a própria relação entre nome e objeto pode consistir em coisas que não são supostas por Agostinho.

No caso da proposição feita por Wittgenstein, a ideia é a de que o “significado” não depende da relação que a palavra tem com o objeto, mas de como ela insere-se nos mais diferentes tipos de jogos de linguagem, mesmo se tratando das definições ostensivas, que ao contrário do que supunha a visão agostiniana, também pode gerar as mais diversas interpretações.

No cerne desta perspectiva encontra-se então o interesse de Wittgenstein de *reduzir* a distância entre conhecimento e uso, redimensionando a própria indagação pelo “significado”. Nas palavras de Carvalho (2016), o ponto fundamental das passagens que se seguem a

apresentação da imagem agostiniana é que elas colocam em xeque a perspectiva segundo a qual deve existir um tipo de *conhecimento* (anterior a ação) determinando o uso correto dos termos na linguagem.

Como o modelo agostiniano de explicação do significado supõe que é necessário determinar com precisão o significado dos termos na linguagem, remetendo o nome a um objeto que o substitui, as chamadas definições ostensivas ganharão um destaque nas passagens seguintes. No caso do §6, particularmente, é exatamente esta a ideia criticada, justamente por ser concebida como o fundamento da linguagem.

Sob a perspectiva do modelo agostiniano, as definições ostensivas supostamente estabeleceriam o significado de maneira imediata, sem pressupor nenhuma “interpretação”. A crítica então proposta pelas *Investigações* versará sobre a ideia de que a ambiguidade também está presente neste ato, e que ele não exclui a possibilidade de diferentes leituras. Nos termos propostos pelo parágrafo 28, “a definição ostensiva poderia ser interpretada em cada caso como tal e diferentemente”.

Em suma, como neste contexto a crítica demonstra que a definição ostensiva requer que se estabeleça o “lugar da gramática” que a palavra deve ocupar (§29), ela não pode desempenhar o papel de fundamento último da significação, estabelecendo a ligação unívoca entre palavra e objeto, linguagem e mundo. Segundo as *Investigações*, há um contexto muito mais amplo pressuposto ao uso das definições ostensivas, e é isto que a imagem agostiniana parece não considerar, “Deve-se já saber (ou ser capaz de) algo, para se perguntar sobre a denominação. Mas o que se deve saber?” (§30).

Assim, o modelo de explicação do significado que passa ser questionado nas passagens seguintes, e visto como um tipo de *neblina* que precisa ser dissipada, é aquele que julga ser possível determinar o significado sem a explicitação de seus usos efetivos e do contexto em

que eles se situam. Quanto a este ponto, o parágrafo 38 das *Investigações* é na verdade bastante crucial, e não apenas porque o debate põe em pauta estas questões, mas também porque aparece pela primeira vez a menção a “sublimação da lógica” e o núcleo da argumentação de Wittgenstein³⁵.

Após descrever vários jogos de linguagem em que o caráter necessário da significação gerada pela definição ostensiva é colocada em xeque, os problemas filosóficos passam a ser descritos como fruto de um uso da linguagem alienado de uma prática efetiva, isto é, originados quando a linguagem está fora do seu contexto de uso e, portanto, “em férias”. Neste caso, o que representa a palavra “isto” no contexto de uso pelos filósofos é debatido exaustivamente.

Ao abordar o que seria propriamente um nome, no vocabulário de Russell, um “nome real”, Wittgenstein coloca a seguinte questão:

But what, for example, is the word "this" the name of in language-game (8) or the word "that" in the ostensive definition "that is called"?—If you do not want to produce confusion you will do best not to call these words names at all.—Yet, strange to say, the word "this" has been called the only genuine name; so that anything else we call a name was one only in an inexact, approximate sense (PU §38).

Entre os elementos que a citação destaca, dois pontos são capitais: i) em primeiro lugar, a concepção de que o “isto” designa o verdadeiro nome, que por ser o resultado final da

³⁵ Este pequeno excursus apresentando a primeira referência à sublimação da lógica da linguagem serve-nos para mostrar que embora o trecho discuta muitas das questões presentes nos §§89-108a, ainda se trata de uma abordagem inicial do tema, sobretudo porque a preocupação de Wittgenstein em 1937 é a de retomar estas passagens rearticulando cada ponto de ilusão e questionando-se sobre a origem deste processo. Por este motivo, a retomada destes pontos em 1937 (§§89-108a) também pode ser compreendida como uma forma de Wittgenstein explorar as lacunas deixadas em aberto pelo texto de 1936, ressaltando a sublimação e explicitando o que significa dizer que este processo “nasce quando a linguagem entra em férias”, no sentido de recortá-la de todos os seus usos reais (§38). Além de voltar a elaborar o tema, a redação do texto de 1937 faz uso dos desdobramentos da noção de semelhanças de família, já consolidada neste período, e identifica com maior precisão a tendência responsável pela sublimação da lógica de nossa linguagem, o que repercute igualmente sobre a própria lógica, enquanto instrumento primordial para este processo. O que é fundamental de se destacar, no entanto, é que o tema da sublimação da lógica está intrinsecamente relacionado ao diagnóstico que Wittgenstein prescreve ao longo dos 88 primeiros parágrafos, e que possui paradigmas intrinsecamente conectados, desenhando, ao final, uma imagem peculiar da lógica (adotada outrora pelo autor).

análise é mais rigoroso e preciso; ii) em segundo lugar, que conceber a definição ostensiva desta forma é inserir a linguagem em uma dinâmica “misteriosa”, distinta e “elevada” em relação ao seu uso concreto³⁶.

Como temos ressaltado, o contexto no qual estas afirmações estão inseridas é o do debate sobre a “definição ostensiva”, designada por Agostinho no parágrafo 1 como a “linguagem natural de todos os povos” e que pode ser representada tanto pela mímica quanto pelos movimentos dos membros ou jogos com os olhos. Neste ponto do livro, particularmente no parágrafo 38, a definição ostensiva é exemplificada através do pronome demonstrativo *isto*, ou seja, apontando-se para um objeto num primeiro momento e, na sequência, utilizando-se da palavra para substituir este gesto.

Entre outros aspectos, é fundamental ter em mente que a defesa desta concepção significa sustentar a visão agostiniana de que a essência da linguagem é “denominar objetos” (§1), e que a possibilidade de conectar a significação a algo no mundo de maneira *precisa* advém justamente da definição ostensiva. Assim, o *isto* representaria para os filósofos um nome mais genuíno (ou exato) em relação aos outros termos na linguagem.³⁷

³⁶Uma observação importante deve ser feita neste momento, pois apesar de o parágrafo 38 mencionar o ideal de precisão da linguagem, a sua crítica tem implicações muito mais profundas do que aquilo que os comentadores tradicionalmente enfatizam. Ainda que o tema da determinação e dos limites do sentido seja indicado a partir da estrutura referencialista que está por trás da discussão do parágrafo 38, o núcleo do debate envolve questões muito mais amplas e, entre outras coisas, a própria suposição de que a linguagem opera de uma forma “estranha” ou que há algo oculto sob o uso ordinário da linguagem será trabalhado.

³⁷Visto por este ângulo, um dos principais pressupostos metafísicos criticados no trecho que se seguirá ao §89 já é levado em consideração, nomeadamente, a suposição de que a essência da linguagem/pensamento reflete a ordem *a priori* do mundo, como se houvesse uma correlação (ou imagem do mundo) precisa entre linguagem e mundo. Ainda que se trate de contextos diferentes, a adoção desta suposta conexão será compreendida tanto na discussão que se segue ao §38 quanto no trecho posterior ao §89 como uma aspiração metafísica, um projeto que tenta investigar a essência da linguagem e do mundo. Trata-se, no entanto, não de uma repetição de temas, mas de um dos principais motes para discussão e compreensão do que representa a crítica à sublimação da lógica.

A questão que começa a ser levantada, porém, não é restrita a precisão da linguagem, mas a suposição de que há nomes *reais*, isto é, nomes que de fato são genuínos, como o demonstrativo *isto*, enquanto os outros não. Sob esta ótica, é como se o demonstrativo *isto* caracterizasse a nomeação como,

some remarkable act of mind, as it were a baptism of an object. And we can also say the word "this" to the object, as it were address the object as "this"—a queer use of this word, which doubtless only occurs in doing philosophy (IF §38).

No caso específico do parágrafo 38, a “ilusão” destacada é a de conceber o pronome demonstrativo como “verdadeiro nome”, assim como Russell o fez e que claramente ecoa nestes trechos. Tanto a “sublimação” da ideia de que a linguagem tem como fundamento “nomes” que conectam-se a “objetos” no mundo quanto o detalhe de que nem todos os nomes são de fato nomes reais (este ponto, em particular, é exposto e desenvolvido a partir do §39) são problematizados a partir destas passagens.

Um dos principais aspectos críticos das *Investigações*, já anunciado a partir do jogo de linguagem do parágrafo 2, será o de enfatizar que a nomeação não é capaz de oferecer um modelo adequado para todos os usos feitos da linguagem. E mais ainda, pois trata-se também de denunciar o equívoco de se pensar que o fundamento de toda relação de significação é o modelo ostensivo, como se este procedimento pudesse de fato remeter a linguagem ao mundo que ela representa sem qualquer ambiguidade.

Com os exemplos dos jogos de linguagem apresentados a partir do §2 Wittgenstein não só destaca o papel do *uso* na caracterização do “significado”, como também explicita que diferentes contextos em que este uso se dá podem gerar diferentes significações. Seguindo a perspectiva de Carvalho (2006), o uso de uma linguagem torna-se parte de um conjunto de jogos, de como agir ou reagir a certos sinais e, neste sentido,

O significado de uma palavra só se estabelece, como ocorre com qualquer outra ação, em meio a uma forma de vida – como Wittgenstein argumenta no caso da ostensão, que só pode ganhar o papel de uma “definição” no interior de um jogo com regras muito particulares (CARVALHO. 2006. p.64).

Outra característica importante a este debate é o fato de que a explicitação do uso ocorre por meio de exemplos, analogias e indicações que podem ser, em sua grande maioria, ambíguos ou *imprecisos*³⁸. Por esta razão, nem mesmo o pronome *isto* pode ser tomado como alternativa para precisar a significação. A crítica que é construída desde o parágrafo 2 compõe-se de uma série de exemplos que problematizam exatamente esta suposta capacidade das definições ostensivas de relacionar palavra e objeto.

Neste caso, as *Investigações* demonstram que as definições ostensivas ainda podem requerer mais de uma “interpretação”, que ela não exclui toda ambiguidade e que ainda é capaz de gerar uma regressão ao infinito (uma explicação que requer outra explicação, e assim por diante). Segundo Stern,

Que as palavras tenham um determinado significado nunca é apenas o resultado de uma única conexão entre palavra e coisa, pois mesmo quando se cria esta conexão, seus efeitos dependem de um contexto mais amplo (2012. p.144).

Com este pressuposto as *Investigações* atingem um dos núcleos da concepção agostiniana que é supor uma espécie de último anteparo das explicações (um objeto do mundo ou intermediários que rompem com as possíveis interpretações, como uma imagem mental, uma regra precisamente determinada etc.). A contraposição oferecida pela perspectiva das *Investigações* será justamente a de que nenhum estágio na linguagem é capaz de se alienar de

³⁸Como demonstra o parágrafo 69 das *Investigações*, “Como explicaríamos a alguém o que é um jogo? Creio que lhe descreveríamos jogos, e poderíamos acrescentar à descrição: Isto e outras coisas semelhantes chamamos de ‘jogos’”. E nós próprios sabemos mais?”.

um contexto efetivo, isto é, de uma certa familiaridade com as diferentes formas como os termos na linguagem são usados, mesmo se tratando das definições ostensivas.

Now one can ostensively define a proper name, the name of a colour, the name of a material, a numeral, the name of a point of the compass and so on. The definition of the number two, "That is called 'two' "—pointing to two nuts—is perfectly exact.—But how can two be defined like that? The person one gives the definition to doesn't know what one wants to call "two"; he will suppose that "two" is the name given to this group of nuts! —He may suppose this; but perhaps he does not. He might make the opposite mistake; when I want to assign a name to this group of nuts, he might understand it as a numeral. And he might equally well take the name of a person, of which I give an ostensive definition, as that of a colour, of a race, or even of a point of the compass. That is to say: an ostensive definition can be variously interpreted in every case (PU §28).

Esta discussão avança ao menos até os parágrafos 36-7, com pormenores muito próximos daqueles que marcam a discussão dos §§89-108a, como por exemplo o recurso a um “puro intermediário” que conecte linguagem e mundo. Uma das estratégias adotadas no final do parágrafo 37 é justamente a de que os problemas desdobrados dos pressupostos da imagem agostiniana parecem ser resolvidos quando apelamos para uma solução de caráter “espiritual”, ou seja, uma compreensão do significado como um processo oculto que anima os signos da linguagem e os relacionam aos objetos no mundo de maneira inequívoca.

What is the relation between name and thing named?—Well, what is it? Look at language-game (2) or at another one: there you can see the sort of thing this relation consists in. This relation may also consist, among many other things, in the fact that hearing the name calls before our mind the picture of what is named; and it also consists, among other things, in the name's being written on the thing named or being pronounced when that thing is pointed at (PU §37).

Ainda que o texto não pretenda recusar a presença de certas atividades mentais, como trazer à mente a imagem de um objeto quando pronunciamos o seu nome, a crítica se dirige explicitamente a capacidade destes “processos” garantirem que as palavras e as coisas sejam conectadas sem nenhuma ambiguidade. É precisamente a partir deste ponto que o texto se detém sobre a *tendência filosófica de sublimar a lógica da linguagem*, e mais ainda, pois insiste na apresentação desta concepção como um processo de significação que exclui o contexto de uso efetivo dos termos.

Este processo “espiritual” surge então como uma concepção estranha, introduzida para suprir uma necessidade situada no interior da *imagem* criticada desde o início do texto,

Lá onde nossa linguagem autoriza a presumir um corpo, e não existe corpo algum, lá desejaríamos dizer, existe um *espírito* (IF §36).

Como a discussão até então enfatizam que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (§23), é preciso considerar que as definições ostensivas apenas conferem significados graças ao seu pano de fundo pressuposto. Assim, a contrapartida das *Investigações* em relação à concepção de “significado” que a imagem agostiniana oferece é construída rejeitando a própria pergunta e o pressuposto de que há algo anterior ao uso, sobretudo, algo que determine de maneira precisa a possibilidade de um termo ser aplicado corretamente.

Neste sentido, o que soa “estranho” na interlocução é justamente o fato de se tentar suprimir as necessidades concretas que marcam o uso das palavras (*language goes on holiday*), o que faz com que o processo de mediação entre linguagem e realidade apresente-se desde este ponto como uma instância “misteriosa”. No centro desta discussão, Stern apontará que para Wittgenstein a sublimação da lógica da linguagem envolve a maneira peculiar pela

qual os filósofos utilizam-se da linguagem, recorrendo a intuições que apesar de aparentemente sólidas são, na verdade, fantasiosas,

Wittgenstein sustenta esse diagnóstico por meio da descrição detalhada de como nos equivocamos, como podemos ser levados do desejo de especificar em que consiste a nomeação à ilusão russelliana de que se captura melhor a essência da nomeação quando se aplica a palavra “isto” a um objeto imediatamente no centro de meu visual (STERN. 2012. p.153).

A princípio, esta caracterização justificaria interpretar a sublimação como uma forma de caracterizar a conexão entre palavra e coisa como algo *elevado* ou de natureza *espiritual*, como se o filósofo estivesse alcançando um domínio acima do ordinário. Conforme Stern, esta perspectiva poderia, inclusive, aproximar a ideia do campo semântico que marca o romantismo alemão. No entanto, ainda sob a ótica de Stern, se o objetivo do texto fosse realmente este, a escolha da palavra *sublimieren*, utilizada no §38, não seria a mais adequada, pois para a língua alemã a opção que designa o sublime romântico é *erhaben*.

A escolha do vocabulário feita por Wittgenstein (*sublimieren*), destaca Stern, possui uma relação muito próxima com os processos físicos que se alteram de um estado para outro sem uma fase intermediária, como a transição do estado sólido para o gasoso sem a fase líquida. Neste caso, o que o texto parece querer ressaltar é que a sublimação da lógica da linguagem ocorre quando os filósofos equivocadamente tentam,

Purificar ou refinar o material variado de nossas atividades cotidianas em algo puro e simples, semelhante à maneira como a destilação extrai álcool puro de um líquido fermentado, ou como um cristal puro pode ser diretamente formado a partir de uma nuvem de vapor. Esta leitura permite estabelecer uma conexão com a fala do interlocutor quando ele exige uma “pureza cristalina” (*IF* §97; §§107-8).

Neste caso, é como se as estratégias utilizadas pelos filósofos simplesmente transformassem o que há de mais concreto, o uso ordinário das palavras e seu “solo áspero”,

em uma espécie de vapor que turva a nossa visão, “uma neblina que torna impossível a visão clara”, para usar a referência anterior do §5.

2.2 SEMELHANÇAS DE FAMÍLIA E A DETERMINAÇÃO DA ESSÊNCIA DA LINGUAGEM

Um dos principais aspectos da concepção de linguagem exposta por meio da citação de Agostinho diz respeito a pergunta pela significação. Sobretudo, a ideia de que é necessário investigar e determinar com precisão o significado de um termo ou conceito antes de seu uso. O §65 aparece, neste contexto, condensando uma série de pressupostos relacionados a este preceito, ao menos em relação ao que tradicionalmente se entende pelo exercício filosófico que isto implica.

Em primeiro lugar, o parágrafo 65 apresenta a “busca pela essência da linguagem” como um requisito fundamental. Em seguida, o que parece ser um pressuposto também se torna o ponto de partida para outras concepções a respeito do trabalho conceitual, como a ideia de *algo comum* ou a *forma geral da proposição*, ou seja, maneiras diferentes de explicitar os procedimentos necessários para que um conceito realmente seja concebido e compreendido como tal:

Here we come up against the great question that lies behind all these considerations.—For someone might object against me: "You take the easy way out! You talk about all sorts of languagegames, but have nowhere said what the essence of a language-game, and hence of language, is: what is common to all these activities, and what makes them into language or

parts of language. So you let yourself off the very part of the investigation that once gave you yourself most headache, the part about the general form of propositions and of language" (PU §65).

Curiosamente, a sequência do texto mostra como Wittgenstein aquiesce à acusação de seu interlocutor e recusa-se a aceitar a tarefa que ele requer. Assim, Wittgenstein de fato afirma que não procede segundo os pressupostos apresentados e, portanto, não oferece nada de essencial ou comum aos diferentes tipos de jogos de linguagem que expôs. Além disso, indica que a linguagem faz parte de um processo muito mais complexo e diversificado, e que o que nos permite conceber todos estes processos como linguagem ou parte dela, não é, por exemplo, uma característica comum, mas uma série de parentescos que ora estão presentes, ora estão ausentes.

And this is true.—Instead of producing something common to all that we call language, I am saying that these phenomena have no one thing in common which makes us use the same word for all (PU §65).

Este é o mote para a noção de *semelhanças de família* ser apresentada como o núcleo da contraposição que caracterizará os §§65-88, e na medida em que a insinuação do interlocutor é corroborada, a questão ganha novas dimensões e levam Wittgenstein a desdobrar este aspecto como um dos elementos centrais de sua perspectiva madura. Visto por esse ângulo, o parágrafo 65 poderia ser considerado uma espécie de “introdução” à oposição de Wittgenstein e síntese de uma perspectiva diametralmente oposta à abordagem tradicional da linguagem.

A primeira característica do parágrafo a ser sublinhada é a de suspensão do compasso das investigações trilhadas até o §64, constatando uma “grande questão” por trás de todo o percurso e relacionando isto com a ideia de que o significado e uso de um conceito devem ser precedidos por sua exata explicitação. Desde o início essa característica se atrela à busca pela natureza da linguagem, também ressaltada no texto como o que

outrora havia provocado no próprio Wittgenstein grandes dores de cabeça, justamente por ter sido considerado naquele contexto um procedimento filosófico fundamental e por isso mesmo indispensável.

A interjeição pondera que o direcionamento das reflexões empreendidas até ali deveriam levar este fato em consideração, isto é, deveriam adotar o pressuposto de que investigar a essência da linguagem é algo preponderante em todo trabalho filosófico que se considera sério, não podendo ser assim tão subestimado, por isso a força da exclamação: “Você simplifica tudo!” (IF §65). É como se o interlocutor imputasse uma espécie de leviandade ao modo como o tema vem sendo tratado, uma vez que até o §64 Wittgenstein faz uso de uma série de jogos de linguagem, mas em nenhum momento explicita o que é essencial do jogo e, conseqüentemente, da própria linguagem.

Com isso o texto evidencia que um dos principais elementos discutidos é o próprio tratamento dado à significação das palavras ou conceitos, problematizado a partir da concepção agostiniana. Como contraposição aos pressupostos presentes nesta visão particular, Wittgenstein desenvolve os jogos de linguagem como modelos criados para chamar a nossa atenção. Em relação ao que propõe a citação de Agostinho, os jogos de linguagem servem, por exemplo, para problematizar a concepção de que a significação nos remete a um objeto físico e mental, pois, conforme o §1, “onde e como procurar a palavra ‘vermelho’, e o que fazer com a palavra “cinco”?” (§1).

Mas ainda que este seja um elemento fundamental para legitimar o uso dos jogos de linguagem, é preciso dizer também que eles são mais do que um conjunto de histórias capazes de problematizar a suposição de que há referências para todas as palavras, como no caso colocado pelo §1. Como comenta Stern, os jogos de linguagem possuem a grande vantagem de colocar certos pressupostos às claras e, nesse sentido, eles:

Servem como uma espécie de pantomima comportamental, uma apresentação em um palco público daqueles processos mentais que os filósofos com frequência consideraram que devem estar subjacentes à nossa atuação pública: relacionar a palavra “vermelho” com uma imagem mental da cor vermelha, relacionar nomes de numerais com procedimentos imaginários de contagem. Quando estes processos são apresentados como procedimentos públicos, eles parecem bastante sem vida (2012. p.137).

A partir do §65 a contraposição proposta por Wittgenstein enfatizará cada vez mais esse aspecto, insistindo que a consideração dos vários jogos de linguagem apresentados não deve ser conduzida pela suposição de que existe algo oculto, como a ideia de essência ou algo comum, subjacente ao nosso uso da linguagem. É exatamente em relação a isto que a noção de semelhanças de família é apresentada. A diferença é que, se comparado com os diálogos precedentes, o §65 é mais direto e exige que as “cartas” sejam colocadas na mesa, que Wittgenstein de fato se posicione em relação ao que ele pretende com a exposição dos jogos de linguagem.

De certo modo, é como se este parágrafo em particular estivesse indicando um problema que embora atrelado às discussões anteriores, merecesse um tratamento à parte, sobretudo porque delimita o caminho alternativo trilhado por Wittgenstein, marcando o seu reposicionamento em relação aos pressupostos subjacentes à ideia de significação que são apresentados desde o início do debate.

De imediato, o trecho nos apresenta a objeção do §65 como uma questão fundamental para que as discussões subsequentes possam transcorrer da maneira adequada. Ela abre o debate sobre como delimitar e conceber um conceito e parte, sobretudo, de três

elementos principais: i) a ideia de essência da linguagem, ii) o que há de comum entre os fenômenos que chamamos de linguagem e, iii) a forma geral da proposição e da linguagem.

O interlocutor realmente se incomoda com a forma como Wittgenstein procede, pois é como se ele simplesmente negligenciasse o que poderia ser capaz de conferir alguma unidade ou delimitação na investigação de conceitos que aparecem desde o início do texto, como “jogo” e “linguagem”, por exemplo. Para Wittgenstein, por sua vez, isto que parece ser uma oposição às suas ideias é na verdade o que lhe permite confirmar a falta de apreço por uma perspectiva que situou as palavras em um tipo de “superfície escorregadia”, distante demais dos “atritos” de nosso cotidiano (cf. IF §107).

Apesar de ter se colocado em outro contexto como um daqueles que mais contribuíram para que isso se desenvolvesse, basta perceber o lugar e a importância que o *Tractatus* e a sua referida “forma geral da proposição” ocupam na filosofia do século XX, Wittgenstein agora simplesmente dispensa o que parece ser um lugar comum da tradição – e o modo como se porta diante da objeção parece sinalizar nessa direção, pois embora a pergunta seja reconstruída de vários modos, ele não fornece respostas alternativas a cada uma delas, como se pretendesse substituir um argumento por outro melhor.

Na verdade, o problema é simplesmente abandonado, pois os pressupostos que o levam a ser formulado, como por exemplo a ideia de significação segundo o modelo de representação, presente na concepção de Agostinho ou mesmo no *Tractatus*, não são tomados como anteparo necessário para o uso da linguagem. É, portanto, nesse sentido que as considerações feitas a partir da noção de semelhanças de família caminham, buscando cada vez mais explicitar o uso por ele mesmo, e não voltado para uma espécie de formulação “teórica”.

Da mesma forma, embora autores como Frege e Ramsey, por exemplo, sejam citados entre os §§65-88, a ideia de que há algo subjacente a essas perspectivas ainda parece ser a principal característica desse recorte. Nestes termos, é como se o reposicionamento de Wittgenstein em relação à questão impusesse ao seu interlocutor ter que admitir que o que ele apresenta não é algo que compromete apenas alguns andares, mas algo que visa abalar a estrutura de todo o edifício construído a partir desses pressupostos.

A contraposição de Wittgenstein à ideia de que a essência ou algo comum são indispensáveis para que fenômenos como jogos ou linguagem tenham alguma unidade, como se fosse em virtude disso que empregamos para todos a mesma palavra, faz com que o típico exercício que perpassa quase toda a história da filosofia e se caracteriza pela exigência de trabalharmos com o conceito a partir de algo que defina claramente os seus limites seja simplesmente abandonado:

And this is true.—Instead of producing something common to all that we call language, I am saying that these phenomena have no one thing in common which makes us use the same word for all (IF §65).

Sua resposta a essa exigência é rigorosamente direta, afirmando que não há nada comum a esses fenômenos, ao menos não nos termos desejados por seu interlocutor. A linguagem é diversa e se usamos para todos os fenômenos que a compõe uma mesma palavra é apenas porque são aparentados uns com os outros de muitos modos diferentes, e nada mais. Por causa de seu parentesco, ou parentescos, chamamos a todos de “linguagem”, mas não há nada que nos permita conceber a unidade ou delimitação precisa como algo necessário.

Se o §65 começa exigindo que Wittgenstein seja franco em relação ao modo como ele procede, isto é, qual o objetivo de expor vários jogos de linguagem sem explicitar a sua essência ou que há de comum entre eles, o §66 e §67b ataca diretamente o pressuposto de

que há uma exigência a ser cumprida antes de empregarmos a todos a mesma palavra. Wittgenstein, então, pede ao seu interlocutor para que ele considere os processos que chamamos de “jogos”, referindo-se aos jogos de tabuleiro, de carta, de bola etc. Feito isso, é como se o texto apontasse dois modos antagônicos de abordar a questão.

O primeiro modo é aquele adotado pelo próprio interlocutor, e diz respeito ao pressuposto que ele carrega quando declara no começo do §65 que ao se enumerar os elementos que caem sob um conceito devemos especificar a sua essência ou o que é comum a todos eles; o segundo, posto por Wittgenstein, segue esse mesmo mote, mas expõe os exemplos e afirma que apesar de todos serem partes de um conceito não há uma essência ou algo comum que justifique isto.

Apenas para ilustrar a questão, poderíamos nos remeter à tradição grega e dizer que no caso de um diálogo platônico, por exemplo, a maneira como Wittgenstein procede causaria a típica, e quase maldosa, ironia socrática, quando este recebe como resposta não a definição da coisa em si, mas uma série de casos particulares:

És muito generoso, amigo, e extremamente liberal; pedem-te um, e dás um bando; em vez de algo simples, tamanha variedade (PLATÃO. 2001. 146d).

Enumerar casos exemplares é algo que simplesmente impede que o diálogo prossiga, e por isso Sócrates é sempre tão incisivo. Para Wittgenstein, no entanto, a pressuposição socrática não precisa ser considerada um imperativo:

Consider for example the proceedings that we call "games". I mean board-games, card-games, ball-games, Olympic games, and so on. What is common to them all?—Don't say: "There must be something common, or they would not be called 'games' "—but look and see whether there is anything common to all (IF §66).

A exposição de vários tipos de jogos e com eles a pergunta por aquilo que poderia ser considerado comum seria apenas um modo de atenuar a ânsia do interlocutor – ou mesmo a nossa precipitação habitual – de tomar como necessária essa procura, “*For if you look at them you will not see something that is common to all, but similarities, relationships, and a whole series of them at that*” (PU §66).

A existência de um elemento capaz de oferecer plena unidade aos conceitos, embora seja um pressuposto caro à tradição, ainda assim é um pressuposto, e não algo que decorre da nossa investigação sobre a natureza da linguagem. Este é um dos aspectos mais decisivos para a compreensão da perspectiva de Wittgenstein, marcando a transição entre a sua primeira filosofia e o que é apresentado nas *Investigações*. Segundo Monk, o próprio desenvolvimento do método dos jogos de linguagem seria um reflexo desta constatação, pois agora o filósofo de fato assumiu a posição de quem “não tem nada a dizer, mas apenas a mostrar” (1995. p.275).

Apesar de Wittgenstein ser categórico quanto a isto desde o início de sua contraposição, esta perspectiva não é facilmente aceita por seu interlocutor, daí a discussão se detalhar um pouco mais nos parágrafos seguintes, fazendo com que a oposição contra a noção de semelhanças de família seja cada vez mais desenvolvida. Já no §67, em que pela primeira vez aparece a expressão semelhanças de família, o interlocutor começa a se posicionar em relação a Wittgenstein de maneira mais pontual, apresentando algumas objeções ao seu modo de tratar a questão.

A primeira crítica direcionada a noção de semelhanças de família parte da desconfiança de que mesmo se essa ideia fosse aceita, ainda assim ela apresentaria uma propriedade comum, qual seja, capacidade de realizar certa disjunção entre os elementos que compõem o conceito. A isto Wittgenstein responde:

But if someone wished to say: "There is something common to all these constructions—namely the disjunction of all their common properties"—I should reply: Now you are only playing with words. One might as well say: "Something runs through the whole thread— namely the continuous overlapping of those fibres" (PU §67).

A hipótese é rapidamente refutada porque soa como um simples jogo com a palavra “comum”, fruto de sua má compreensão. Para Wittgenstein, se existe uma característica comum ela não deve ser concebida como oculta, e tão pouco a disjunção deveria ser vista como explicitando alguma coisa subjacente.

O que de fato parece interessante neste ponto é que o exemplo do termo geral “jogo”, apresentado nos §§65-66, é substituído a partir do §67b-c e §68 pelo conceito de “número”. Assim, o debate é transposto para o terreno controlado da matemática, que por sua vez, supostamente permitiria ao interlocutor contrapor-se à apresentação geral da noção de semelhanças de família através da ideia de necessidade de uma delimitação precisa daquilo que cai sob o conceito.

Para o interlocutor, esta é uma brecha para ele levantar a hipótese de que os conceitos podem ser compreendidos como que formando uma “família” através de espécies particulares. Assim, da mesma forma que o conceito de número é formado por conceitos isolados, como número cardinal, racional, real etc., os demais conceitos poderiam ser explicados como a soma lógica de subconceitos. Seria possível estender este princípio ao conceito de jogo ou a qualquer outro, e então concluir que todos se formam a partir de conceitos parciais que, conseqüentemente, possuem limites bem determinados (IF §68). Para Wittgenstein, a questão é ainda mais profunda:

For I can give the concept 'number' rigid limits in this way, that is, use the word "number" for a rigidly limited concept, but I can also use it so that the extension of the concept is not closed by a frontier (PU §68).

O pressuposto de que a definição conceitual deve ocorrer a partir da delimitação precisa de todos os atributos de um conceito torna-se problemática quando vista como necessária. Ainda que seja possível subscrever alguns elementos, como no caso do “número”, por exemplo, em última instância não conhecemos os seus limites. Baker e Hacker comentam essa passagem explicando que de fato a lista de subconceitos até poderia determinar o que se enquadra sob o conceito, como o que designamos como “número”, mas a questão é que não é assim que o usamos:

Mathematicians have from time to time introduced new kinds of entities (e.g. quaternions) which were subsumed under the concept of number though distinct from any previously recognized sub-concept (BAKER; HACKER. 2005. p.157).

A ideia de que a rígida delimitação circunscreveria a correta aplicação de um conceito – no caso de “número”, determinando uma série de aplicações já previstas –, embora possa ser feita, não condiz com o modo como eles de fato são usados, pois podemos aplicá-los de um jeito em que não estejam fechados desse modo.

Este ponto é particularmente importante, pois conforme assinala Stern (2012), algumas interpretações concluíram rápido demais que o argumento de Wittgenstein busca apenas oferecer contra-exemplos a uma teoria simplista. Na verdade, parece que “o objetivo maior é nos levar a ver como é equivocado procurar por uma teoria do significado ou por uma explicação sistemática do significado” (2012. p.174).

O núcleo da questão é a ideia de que para que um conceito possa ser usado adequadamente ele deve ser precedido por regras que o delimitam e determinam o seu sentido. O exemplo de como habitualmente empregamos a palavra “jogo”, mostrando que ele não está fechado e que não podemos indicar os seus limites, serve para ressaltar o fato de que:

A questão não é a imprecisão, o caráter difuso ou a porosidade de nossos conceitos, pois podemos, certamente, oferecer definições rigorosas de número, mas, antes, se alguma definição pode determinar como um termo é usado, pois toda definição de número é apenas uma definição de um tipo particular de número (STERN. 2012. p.175).

Wittgenstein insistirá neste ponto, ou seja, dirá que é bem provável que para alguma finalidade específica um limite seja traçado, mas isso não torna o conceito útil apenas a partir desta ação, não anulamos a sua utilidade quando não o fazemos, pois há situações em que essa determinação sequer se efetiva.

What still counts as a game and what no longer does? Can you give the boundary? No. You can draw one; for none has so far been drawn. (But that never troubled you before when you used the word "game".) (PU §68).

A serenidade com que essas ideias são apresentadas, porém, não se repercutem na voz do interlocutor, que ao contrário, manifesta grande perturbação e questiona se seria possível participar de um jogo sem regras claramente definidas, ou se poderíamos empregar uma palavra sem saber até onde vai o seu limite. Para ele, proceder dessa forma é como inutilizar o conceito.

Segundo Wittgenstein, não é que esse “jogo” esteja desprovido de regras, mas sim que sua prática não está *necessariamente* fundamentada nelas. Da mesma forma, não existem regras prevendo todas as ações do jogo, e quando explicamos a alguém o significado de um conceito, esta elucidação não é mais do que a explicitação do uso que fazemos do termo em questão. Em um trecho ainda de transição, mas já bastante próximo da perspectiva das *Investigações*, Wittgenstein indica algo sobre esse ponto da seguinte forma:

Não só não pensamos nas regras de uso – nas definições etc. – quando utilizamos a linguagem, como também não somos capazes de, na maior parte dos casos, fornecer essas regras quando isso nos é pedido. Somos

claramente incapazes de circunscrever os conceitos que utilizamos; não porque desconheçamos a sua verdadeira definição, mas porque não existe qualquer ‘definição’ (WITTGENSTEIN. 1992. p.58).

De maneira similar, as *Investigações* também se estruturam em oposição às definições em um sentido universal, deslocadas de um contexto particular. Sua perspectiva se volta para um uso que tanto prescinde do conhecimento de regras que o determine, quanto da capacidade de o delimitarmos completamente através de uma regra que prescreva todas as situações.

A indicação dessa proposta, porém, é feita gradualmente e em contraponto aos pressupostos presentes na fala do interlocutor – que por sua vez institui um diálogo mais amplo com boa parte da tradição. Stern, fazendo um comentário às passagens em que Wittgenstein dizia que Sócrates se preocupava com este mesmo aspecto conceitual, propõe que muito da filosofia tardia de Wittgenstein é um tipo de defesa dos interlocutores de Sócrates. A postura filosófica de Wittgenstein em seu período “tardio” é caracterizada desse modo porque para Sócrates o uso adequado de um conceito deveria ser sempre precedido pela apreensão de sua essência. Em sua réplica à Teeteto, quando este lhe fornece alguns casos particulares como resposta à sua pergunta, Sócrates diz:

Mas o que te perguntei, Teeteto, não foi isso: do que é que há conhecimento, nem quantos conhecimentos particulares pode haver; minha pergunta não visava a enumerá-los um por um; o que desejo saber é o que seja o conhecimento em si mesmo. Será que não me expribo bem? (PLATÃO. 2001. 146d).

Dessa forma, o fato de Wittgenstein se colocar como um interlocutor de Sócrates significa que ao contrário de aceitar os seus pressupostos, que inclusive é o que garante aos diálogos platônicos prosseguirem, ele simplesmente recusa a pergunta. Como ele havia escrito em uma passagem de *O Livro Azul*:

Quando Sócrates faz a pergunta “O que é o conhecimento?” ele nem sequer considera como uma resposta preliminar a enumeração de casos de conhecimento (1992. p.51).

E mais adiante,

Tal como o problema é posto, parece haver algo de errado com o uso comum da palavra “conhecimento”. Parece que não sabemos o que ela significa e que, por consequência, não temos, possivelmente, o direito de a utilizar (1992. p.60).

O percurso trilhado nas *Investigações* segue este mesmo rastro, isto é, de um lado o interlocutor continua sendo um ávido defensor da delimitação conceitual e, de outro, Wittgenstein apresentando o uso de exemplos como forma de trazer as palavras de volta de seu uso metafísico para o nosso uso cotidiano (*IF* §116).

Segundo Stern, o que Wittgenstein propõe é mostrar “o óbvio como uma forma de nos livrar da ilusão da crença de que podemos formular teorias filosóficas do significado, do conhecimento, da linguagem ou da ciência” (STERN. 2012. p.39). Quando perguntados, por exemplo, sobre a possibilidade de explicarmos a alguém o que é um jogo (*IF* §69), tal como Teeteto, diria Wittgenstein, podemos formular uma resposta nos remetendo à prática. Assim,

I imagine that we should describe games to him, and we might add: "This and similar things are called 'games'" (PU §69).

Para Wittgenstein, tal qual a ideia de essência, o ideal de exatidão estabelecido por seu interlocutor não é um pressuposto necessário, e sua ausência também não nos torna inaptos em relação ao uso que fazemos com as palavras:

When I give the description: "The ground was quite covered with plants"—do you want to say I don't know what I am talking about until I can give a definition of a plant? My meaning would be explained by, say, a drawing and the words "The ground looked roughly like this". Perhaps I even say "it looked exactly like this."—Then were just this grass and these leaves

there, arranged just like this? No, that is not what it means. And I should not accept any picture as exact, in this sense (PU §70).

Mais uma vez, não seria um total disparate notar como estes parágrafos (§§70-71) também dialogam com parte de uma herança filosófica interpenetrada por certa concepção de linguagem. Podemos, por exemplo, dizer que as discussões travadas a partir do §68 – que passam inclusive por um debate sobre as raízes platônicas ali presentes (Cf. BAKER; HACKER. 2005) –, conduzem às considerações de Frege, para quem a função das regras na explicitação de um conceito é tão fundamental que ele sequer poderia ser considerado um conceito se não estivesse claramente delimitado.

A apreensão de essências, como em Platão, é dispensada, mas o pressuposto de que devemos conferir limites claros ao conceito se quisermos torná-lo útil ainda é fundamental, pois para Frege os conceitos podem ser comparados a um “distrito” e, como diz Wittgenstein comentando essa ideia, “não se poderia absolutamente chamar de distrito um distrito vagamente delimitado. Isto é, nada podemos fazer com ele” (*IF* §71).

Como demonstra o §71, porém, quem exige uma definição precisa e a vê como pré-condição ao seu uso não percebe que a imprecisão é tão útil quanto a “exatidão”, que dizer: “Pare mais ou menos aqui”, também indica algo perfeitamente compreensível, “e exatamente assim explica-se o que é um jogo. Dão-se exemplos e quer-se que eles sejam compreendidos num certo sentido” (*IF* §71).

Embora distintas, as duas perspectivas serão recusadas por Wittgenstein. De um lado, a afirmação de que se eu não conheço aquilo que é essencial de um conceito não sei realmente do que estou falando e não posso usá-lo corretamente, e, de outro, a declaração de que se não há limites sequer posso concebê-lo conceitualmente. No caso da primeira postura, isto é, da busca pela essência da linguagem, de imediato os primeiros parágrafos do trecho 65-88 são claros em rejeitar essa forma de conceber a linguagem. A apresentação dos

jogos de linguagem e da noção de semelhanças de família são contrapontos à perguntas do tipo “O que é a linguagem?” e ao pressuposto de que sua resposta deve ser oferecida em termos de condições suficientes e necessárias. Como comenta Stern, porém,

Entretanto, pode-se rejeitar essas concepções socrática e tractariana da natureza da linguagem, e ainda afirmar que a linguagem tem uma natureza, mas que ela é bem mais complexa do que Sócrates, ou o autor do *Tractatus*, esperavam. Pois tudo aquilo que o narrador de fato diz que abandonou neste ponto é a ideia de que há algo comum a tudo aquilo que recebe a rubrica de linguagem. Ele agora afirma que “estes fenômenos não têm nada em comum que nos faz usar a mesma palavra para todos” (§65b) e, em vez disso, propõe que pensemos neles como relacionados uns com os outros de várias maneiras diferentes. (STERN. 2012. p.171).

Nesse sentido, é possível dizer que a discussão sobre a delimitação conceitual – que constitui a segunda postura citada logo acima – além de apresentada e debatida nos §§70-71, envolve uma concepção ainda mais complexa do modelo de linguagem contraposto por Wittgenstein. Por isso ela é retomada nos §§75-80, com a ressalva de que ali Wittgenstein também estabelece um debate sobre uma concepção de regras presente nos seus trabalhos intermediários e que, grosso modo, está diretamente ligado à discussão que se segue entre os §§81-88.

CAPÍTULO 3

SOBRE A SUBLIMAÇÃO DA LÓGICA NOS PARÁGRAFOS 89-133

Considerando as problematizações dos capítulos anteriores, o próximo passo desta pesquisa é o de oferecer uma leitura pontual dos parágrafos 89-133 e dimensionar a crítica proposta pelas *Investigações*. Trata-se de considerar a sublimação da lógica e o papel da atividade filosófica em consonância com a dinâmica interna dos primeiros 133 parágrafos, se contrapondo ao reducionismo tradicionalmente estabelecido entre os comentadores.

Após considerarmos alguns dos principais comentários às *Investigações* e analisarmos a perspectiva a partir do qual a discussão sobre a sublimação da lógica é abordada, cabe-nos retornar ao texto e evidenciar em que medida a formulação de sua crítica é ainda mais ampla do que aquilo que tradicionalmente é atribuído a esta seção. Sobretudo, é importante ressaltar que o trecho aberto pelo parágrafo 89 é interpenetrada pelas reflexões que o precedem, e que suas ponderações vão além de um debate sobre o pressuposto metodológico do *Tractatus* e sua determinação rigorosa do sentido. Na realidade, trata-se de um conjunto de elementos que

ao final caracterizam uma espécie de “ilusão” filosófica determinando nossa forma de compreender a experiência, e é isto que precisa ser redimensionado.

Como saldo das críticas que precedem esta seção e que são direcionadas ao modelo agostiniano de linguagem, até mesmo os atributos da lógica deverão ser repensados, incluindo a sua necessidade ou a sua natureza *a priori*. Todo o esforço de Wittgenstein neste recorte passa por um redimensionamento destes conceitos, explicitando a partir dos novos parâmetros apresentados pelas *Investigações* uma concepção da linguagem e do significado que, ao contrário de ancorar-se numa estrutura fixa e do “mais puro cristal”, se atrela a uma experiência ordinária, transitória e instável.

Assim, a primeira observação a ser levantada diz respeito à forma pela qual a leitura dos §§89-133 é estruturada, considerando, entre outros aspectos, a especificidade de seus passos, o percurso que a seção constrói e como a sua crítica está inserida na dinâmica geral do livro³⁹. Cada um destes pontos permite-nos ressaltar em que medida esta seção realiza desde o início algumas “escolhas” muito bem deliberadas, feitas ao longo de seu percurso com o propósito de desconstruir não só os pressupostos tractarianos, criticando as suas concepções e a maneira como a linguagem era investigada, mas também aquilo que seduziu os filósofos em diferentes tradições e contextos, incluindo algumas nuances das reflexões intermediárias de Wittgenstein.

Entre outros aspectos, é possível perceber que no contexto deste recorte das *Investigações* não cabe “provar” que a metodologia do *Tractatus* estava errada, mas sim oferecer uma retórica que vise a terapia do interlocutor, fazendo com que certos “modelos” ou “ideais” não sejam mais interpretados como algo transcendental, preciso e anterior ao uso efetivo da linguagem, mas recolocados sobre o solo áspero de nossas experiências concretas.

³⁹Por exemplo, no §89 temos a distinção entre filosofia e ciência, no 90 a ideia de que a investigação é gramatical, no 91 a suposição de que o procedimento de análise nos leva a compreensão da estrutura lógica da linguagem e assim por diante).

Em suma, o que se espera ao final do percurso dos 133 parágrafos das *Investigações* é que a linguagem não seja mais usada enquanto ela mesma está “de férias”.

3.1 PARALELOS E INTERLOCUÇÕES COM O *TRACTATUS*: BUSCANDO OS PRINCÍPIOS DA ILUSÃO

Ainda que a seção composta pelos §§89-133 não pareça dispor de uma interlocução tão marcante quanto em outros trechos das *Investigações*, isto não significa que este aspecto formal seja negligenciado nestas passagens. A questão é que tanto a sublimação da lógica quanto o método filosófico, tradicionalmente tomados como os principais temas deste recorte, são pensados a partir de um pano de fundo que caracteriza a interlocução do texto de uma maneira um pouco mais distinta. Como a parte precedente a esta seção apresenta uma imagem alternativa à concepção agostiniana, em que o significado é pensado a partir de seu vínculo com o uso (§43) e a noção de semelhanças de família (§65), tanto o modelo de delimitação exata quanto a concepção de lógica como sublime que isto implica precisarão ser problematizados.

Neste caso, apesar de haver um acerto de contas com o *Tractatus*, este livro não é, por si só, o objeto central da crítica (muito menos a sua suposta intenção de determinar plenamente o sentido da proposição, como advogam a maioria dos comentadores), mas um *modelo* capaz de explicitar como uma determinada ilusão filosófica é capaz de se tornar imensuravelmente elevada, sobretudo por supor que algumas propriedades formais e ocultas, compartilhadas entre a linguagem e o mundo, devem necessariamente ser investigadas. Mais ainda, que a “harmonia” entre pensamento, linguagem e realidade é algo misterioso e que entendendo a

natureza da proposição (também concebida como algo “estranho” (*IF* §93)) podemos dar cabo de decifrar este enigma.

O paralelo com a seção aberta pelo §65 é, na verdade, bastante revelador. Se naquela seção a “grande” pergunta pela unidade dos conceitos e da linguagem é praticamente “sufocada” pela apresentação da noção de semelhanças de família,⁴⁰ agora no §89 Wittgenstein deixa a questão correr solta, permitindo que o seu interlocutor apresente os pressupostos que ele carrega – e é justamente por poder apresentar a maneira como a essência da linguagem é investigada que as nuances da ilusão serão ressaltadas.

A consequência, neste caso, é que ao aceitar alguns pressupostos e seguir pelos caminhos que eles oferecem, a própria investigação será reduzida ao absurdo, na medida em que nos envia a caça de “quimeras” (*IF* §94). Ao final, o interlocutor deverá reconhecer o mundo de outra maneira, sem as angústias causadas pelas regras que ele mesmo se impôs.

The preconceived idea of crystalline purity can only be removed by turning our whole examination round. (One might say: the axis of reference of our examination must be rotated, but about the fixed point of our real need) (PU §108).

Dito isto, e com o objetivo de dimensionar que tipo de interlocução as *Investigações* mantém com o *Tractatus*, algumas coordenadas do primeiro projeto filosófico de Wittgenstein serão indicadas na sequência, mesmo que com pouca sistematicidade, pois a intenção não é a de aprofundar-se na complexa visão da lógica que Wittgenstein mantinha neste período, um tema que obviamente demandaria um trabalho à parte. Na verdade, o que visamos com estas linhas gerais é apenas assinalar o modo como as *Investigações* ecoam e contrastam com alguns princípios da primeira filosofia de Wittgenstein, em particular, a centralidade do

⁴⁰Nos termos do parágrafo 65: “E isto é verdade. - Em vez de indicar algo que é comum a tudo aquilo que chamamos de linguagem, digo que não há uma coisa comum a esses fenômenos, em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”.

conceito de análise, a pergunta pela essência da proposição, a exigência de uma determinação plena do sentido e a suposição de que a linguagem é um espelho do mundo.

Desde o seu início da seção aberta pelo parágrafo 89 o leitor se depara com um paradigma que pode ser compreendido como uma espécie de mote para a compreensão do texto. Trata-se da distinção entre a lógica, ou filosofia, e as ciências empíricas⁴¹. Segundo as observações do §89, a lógica parece possuir um estatuto diferente daquele que marca as ciências da natureza, e portanto,

Logic lay, it seemed, at the bottom of all the sciences.— For logical investigation explores the nature of all things. It seeks to see to the bottom of things and is not meant to concern itself whether what actually happens is this or that (PU §89).

A questão que circunda o tema destaca principalmente o caráter *necessário* das implicações lógicas, e sua diferença, p.ex., em relação à necessidade no campo da física – e é justamente por ser independente dos fenômenos empíricos que ela parece remeter a investigação a algo mais elevado, um “terceiro reino” ou coisa semelhante. Em outros termos, o conceito de *necessidade* que envolve a lógica e a investigação de como isto se relaciona com as leis do pensamento é desde o início indicado como um dos princípios pelos quais a busca por sua compreensão se tornou aparentemente superior. Segundo a exposição de Glock,

⁴¹ Mais adiante analisaremos como esta concepção é desenvolvida no parágrafo 89 e seguintes. Por enquanto, cabe-nos apenas ressaltar como o uso desta distinção de fato nos permite relacionar a seção inaugurada pelo §89 com os princípios da lógica do TLP.

Logical necessity is one of the perennial problems of philosophy. Statements like "g = 9.81 m/sec²" or "Radioactivity causes cancer" may be physically necessary, but they are contingent: they could be false, and be refuted by new experience. By contrast, it seems that statements like " $\neg(p \ \& \ \neg p)$ ", " $2 + 2 = 4$ ", and "All material objects are located in space" are logically necessary. They do not just happen to be true, since their being false is not merely extremely improbable, but inconceivable. By the same token, disciplines like logic, mathematics, and metaphysics, which seek to discover such truths, seem to be a priori, completely independent of experience (1996. p.198).

De um modo particular, essa perspectiva norteou desde o início a construção do *Tractatus*, levando à concepção de que a função da lógica, além de não se confundir com as ciências empíricas, é a de estabelecer as condições para qualquer experiência possível,

The great problem round which everything I write turns is: Is there an order in the world a priori, and if so what does it consist in? (NB 53)⁴².

Na realidade, mesmo antes do *Tractatus* a necessidade de se considerar as particularidades da lógica e a sua distinção em relação às demais ciências era um ponto fundamental para Wittgenstein, e não é por acaso que esta visão seja rechaçada como um dos princípios da ilusão filosófica criticada a partir do §89 das *Investigações*. Conforme as primeiras anotações de Wittgenstein da década de 1910, este pressuposto foi adotado não apenas como uma forma de compreender a natureza da lógica, mas a própria essência do mundo, já então pressuposta como uma estrutura fixa e inalterada capaz de ser espelhada pelas formas lógicas do pensamento.

Tratava-se de seguir o rastro de seus predecessores, Frege e Russell, embora isto tenha acontecido de uma maneira um pouco distinta, na medida em que questiona o próprio estatuto dos objetos lógicos. Ainda que Wittgenstein tenha sofrido influências dos trabalhos destes dois pensadores, seguindo de perto a ideia de que a característica essencial das verdades

⁴²Desde os primeiros tópicos da releitura proposta pelas *Investigações* isto representará a análise das condições necessárias e suficientes capazes de determinar se algo é de fato retratado com sentido.

lógicas eram totalmente independentes da experiência, e que isto deveria ser descoberto e evidenciado por uma disciplina especial, o projeto que o *Tractatus* tenta construir se distancia exatamente por levar adiante a distinção entre a lógica e as ciências empíricas.

Nestes termos, embora o *Tractatus* afirme que a lógica “aponta” para as características fundamentais do mundo, não se trata de uma ciência cujo interesse é o de descrever a natureza especial de seus objetos de análise – o que no caso de Russell, comenta Glock, relaciona-se com a descrição dos “*most pervasive traits of reality*” (p.198). O ponto a se destacar, e que segundo o *Tractatus* ficará ainda mais evidente, é que o papel dos operadores de verdade não são nomes de objetos de nenhuma espécie (TLP, 4.0312, 5.4, 4.441). Nesta mesma linha de interpretação, Medina afirma que,

Wittgenstein undercuts the misguided tendency to think of necessities as constituting an ontological realm that lies beyond the reach of our ordinary descriptions of the world (2002. p.9).

Na realidade, as verdades lógicas e a sua natureza necessária já eram entendidas por Wittgenstein como vazias de conteúdos mesmo antes do *Tractatus*, indicando que se há algum estatuto especial nestas proposições, isto não ocorre porque representam algum referente de natureza abstrata, mas porque refletem a “sintaxe” capaz de determinar se uma representação é dotada de sentido. Com isto, o objetivo de toda a investigação é alterado em relação aos predecessores de Wittgenstein, voltando-se para as *formas* do pensamento e do mundo, isto é, o sistema de regras capaz de estabelecer as condições de possibilidade para qualquer representação simbólica. Seguindo o exemplo de Glock,

The Law of Noncontradiction is neither a statement about the way people actually think, as psychologism maintained, nor about the most pervasive features of reality, as Russell had it, nor about abstract objects in a Platonist hinterworld. It reflects a linguistic rule which excludes a combination like "p & ~p" as nonsensical (1996. p.199).

Este viés também amplia a crítica que se arma a partir do parágrafo 89 das *Investigações*, pois delimita a concepção de Wittgenstein dos discursos filosófico e científico, ou a caracterização da natureza e distinção de seus problemas e de como resolvê-los. Em 1929, quando Wittgenstein passou a abandonar a ideia de que o que define o trabalho em filosofia é a tarefa de especificar o que é “essencial” em uma proposição, sobretudo a partir de uma análise mais elementar, ele indicou que em certa medida o *Tractatus* acreditava “que as proposições elementares poderiam ser especificadas em uma data posterior” (WCV. 1979. 182 *apud* CHILD. 2003, p.172), isto é, que o trabalho em filosofia era o de descobrir tais proposições elementares.

Podemos atingir algo que hoje não podemos ver ainda, que podemos descobrir algo totalmente novo (WCV. 1979. 182 *apud* CHILD. 2003, p.172).

A partir de suas primeiras críticas, já no início de 1930, em que a sua atenção se volta para o *uso* efetivo das proposições ordinárias, Wittgenstein indica que não era mais preciso “esperar por coisa alguma”, e que todos os movimentos deveriam ser feitos “no reino da gramática da nossa linguagem ordinária, e essa gramática já está aí” (WCV. 1979. 182 *apud* CHILD. 2003, p.172). Nos termos do §89 das *Investigações*,

Not, however, as if to this end we had to hunt out new facts; it is, rather, of the essence of our investigation that we do not seek to learn anything new by it. We want to understand something that is already in plain view. For this is what we seem in some sense not to understand (PU §89).

Ainda que alguns elementos sejam adicionados ou redimensionados posteriormente, a caracterização do que seja o “método” filosófico manterá o princípio de que toda a atenção deve estar voltada para o uso das proposições ordinárias, e não para aquilo que, conforme o *Tractatus*, deveria ser desvelado por um profundo processo de análise. A distância de seu projeto inicial já começa a ser explicitada desde este ponto, mesmo que

supostamente mantenha o pressuposto de que os problemas filosóficos são originados de um mal-entendido em relação a lógica de nossa linguagem.

Formerly, I myself spoke of a 'complete analysis', and I used to believe that philosophy had to give a definitive dissection of propositions so as to set out clearly all their connections and remove all possibilities of misunderstanding. I spoke as if there was a calculus in which such a dissection would be possible. (...) At the root of all this there was a false and idealized picture of the use of language (PG. p.211).

Assim, a partir do parágrafo 89, o sentido em que a investigação lógica se preocupa com a “essência do real” coloca como pano de fundo o próprio percurso de Wittgenstein em torno do papel da atividade filosófica, com a ressalva de que não se trata *apenas* de uma mudança em relação aos “princípios e erros” do *Tractatus*, mas que isto também envolve alguns pressupostos mantidos durante o período intermediário, como a centralidade do conceito de gramática, por exemplo⁴³.

Dessa maneira, o recorte das *Investigações* que se estende do parágrafo 89-133 se armaria apresentando tanto uma hipótese de leitura para o que seja a sublimação da lógica e a sua caracterização como uma ilusão, quanto uma reflexão sobre o papel da atividade filosófica e sua função de nos fazer perceber estes equívocos. A princípio, isto se dá como contraponto a duas ideias principais:

i) a suposição de que a investigação lógica penetra a essência de todas as coisas, sobretudo a essência da linguagem, pensamento e do mundo;

ii) ao sentido em que a filosofia se processa como articulação das regras que, de forma oculta, fundamentam o uso da linguagem.⁴⁴

⁴³Analísaremos mais adiante este ponto.

⁴⁴A questão que veremos mais adiante é que esta concepção da constituição da linguagem e do papel da filosofia já estariam presentes no contexto do *Big Typescript*, que como vimos é um texto que é “reutilizado” de

Levando estas características em consideração, o que se destaca na discussão sobre a sublimação da lógica no §89 das *Investigações*, presente a partir da distinção entre a lógica e as demais ciências, envolve tanto a suposição de que o estatuto das proposições necessárias refletem as condições pelas quais a realidade pode ser descrita ou pensada, quanto a ideia de que a análise lógica da linguagem pode explicitar a sintaxe capaz de determinar se uma proposição tem sentido. De uma perspectiva transcendental, em ambos os casos é como se a lógica pudesse ser descrita como o que *a priori* estabelece as condições de possibilidade para a representação dotada de sentido⁴⁵.

No caso do *Tractatus*, a teoria da figuração é uma das principais formas de levar adiante estes pressupostos, na medida em que estabelece como que a partir do processo de análise as proposições da lógica *mostram* as propriedades formais compartilhadas entre a linguagem e o mundo⁴⁶, como o papel da análise evidencia um tipo de “objeto real” correlacionado a um “nome real” e assim por diante. Toda a metafísica tractariana, claramente ecoando no início da seção aberta pelo parágrafo 89, consiste nestes pontos, e faz com que o acerto de contas das *Investigações* passe por uma reflexão cuidadosa sobre o pressuposto de que a natureza essencial da linguagem e do mundo pode ser evidenciada pela investigação lógica, exatamente por que:

forma condensada nesta seção das *Investigações*, embora o seu sentido seja bastante pontual. Como o pressuposto do *Big Typescript* ainda é o de que a compreensão da linguagem decorre de um conjunto de regras gramaticais, ainda que elas não sejam rigorosamente determinadas, o uso deste texto nas *Investigações* na realidade deve explicitar outros sentidos. Sobretudo, levando em consideração as críticas ao conceito tradicional de significado, este trecho das *Investigações* problematiza a distância entre significação e uso, bem como a suposta necessidade de uma mediação entre estas duas instâncias, seja através do pensamento ou, como quer o contexto intermediário, o conceito de regras.

⁴⁵ Seguindo o paralelo traçado por Santos entre a crítica lógica do TLP e a crítica kantiana, “A filosofia define-se como o conhecimento da estrutura essencial do mundo e de seus fundamentos absolutos. A crítica lógica da filosofia revela que o mundo tem uma estrutura essencial e tem fundamentos absolutos, mas que estes são, por princípio, inacessíveis à representação proposicional. Assim, o propósito da filosofia é legítimo e valioso; os meios que ela tradicionalmente julgou apropriados para cumprimento desse propósito é que são inadequados (SANTOS, 1994. p.110).

⁴⁶ Conforme uma carta destinada a Moore e datada de abril de 1904, “*Logical so-called propositions show the logical properties of language and therefore of the universe, but say nothing*” (NB p.7).

For there seemed to pertain to logic a peculiar depth—a universal significance. Logic lay, it seemed, at the bottom of all the sciences.— For logical investigation explores the nature of all things. It seeks to see to the bottom of things and is not meant to concern itself whether what actually happens is this or that.—It takes its rise, not from an interest in the facts of nature, nor from a need to grasp causal connexions: but from an urge to understand the basis, or essence,, of everything empirical (PU §89).

A visão e a busca do jovem Wittgenstein pela natureza e unidade da linguagem é inteiramente desenhada desde as primeiras sentenças deste trecho. A essência do mundo, sua ordem *a priori*, espelhada pelas formas lógicas presentes no pensamento e na linguagem, todos os pressupostos que não apenas marcam a identidade da interlocução, mas também as características da investigação lógica que gradualmente se tornou uma empresa sublime. Supondo um fundamento absoluto que precisa ser determinado pelo filósofo antes de qualquer procedimento, cada um destes aspectos é corroborado pelas proposições do *Tractatus* e, igualmente, espelhado a partir do parágrafo 89.

Apesar destas indicações, no entanto, é preciso ressaltar mais uma vez que ao utilizar-se de expressões no pretérito, como “em que medida”, “parecia”, “como se” etc., a retórica das *Investigações* não faz outra coisa senão permitir que o interlocutor leve adiante os seus pressupostos, demonstrando em que medida aceitar certos princípios implica em outros pontos que ao final se reduzem ao absurdo e “nos leva a caça de quimeras” (cf. *IF* §94).

3.1.1 ALGUMAS COORDENADAS SOBRE A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DO TRACTATUS

A investigação da natureza da proposição levada a cabo pelo *Tractatus* permite-nos ressaltar dois aspectos fundamentais: por um lado, é parte essencial da linguagem ser capaz de afigurar os fatos da realidade, o que a proposição 2.11 designa como a “existência e inexistência de estados de coisas”; por outro, a teoria da função de valores verdade revela-nos que a linguagem detém uma estrutura formal específica, capaz de delimitar o campo do que tem sentido, isto é, proposições que podem ser verdadeiras ou falsas.

Especificamente quanto ao aspecto formal da proposição, a investigação lógica da linguagem deve ater-se apenas naquilo que é essencial, o que ela possui de mais universal e que lhe confere alguma unidade. Como a forma gramatical da linguagem natural mascara a sua verdadeira forma lógica, e neste ponto é explícita a influência de Russell, torna-se compreensível a afirmação de que “toda filosofia é ‘crítica da linguagem’”. Do mesmo modo, uma vez que tal estrutura encontra-se abaixo da superfície, não é de se estranhar que Wittgenstein afirme que “a desconfiança da gramática é o primeiro requisito para se fazer filosofia” (NL 106; TLP 4.0031).

Voltaremos ao sentido desta desconfiança em relação à linguagem ordinária mais adiante. Por enquanto cabe-nos apenas notar que o *Tractatus* estabelece como ponto de partida de toda investigação a ideia de que a análise das proposições explicita o mecanismo que de fato institui as condições necessárias para a enunciação de afirmações dotadas de sentido, isto é, que esteja concentrada naquilo que é pressuposto para uma representação significativa⁴⁷.

Não por acaso, desde os *Notebooks* o propósito de Wittgenstein era o de “explicar a essência da proposição”, uns dos conceitos fundamentais de seu pensamento e que trará como

⁴⁷Como o conceito de forma lógica é visto como o elemento comum entre os elementos da figuração e o fato figurado, isto é o que há de essencial a ser visado pela análise lógica, ou seja, o que se apresenta como condição para a relação entre a proposição e o fato, anterior a qualquer experiência. Nos termos das Investigações: “a ordem *a priori* do mundo, isto é, a ordem das possibilidades que devem ser comum ao mundo e ao pensamento” (§97).

complemento a identificação da fronteira do que pode ou não ser expresso com sentido pela linguagem – e ainda, qual seria a natureza da atividade filosófica⁴⁸.

Novamente, o que deve ser frisado com esta caracterização é que oculto e sob a aparência da linguagem ordinária, aqui já definida como algo que mascara o essencial, encontra-se o que realmente interessa na investigação, a saber, a compreensão de sua “forma lógica”, que conseqüentemente nos impediria de sermos iludidos por uma gramática superficial, dizendo coisas das quais estamos formalmente proibidos.

Assim, atendo-se ao desenho da análise geral da linguagem, Wittgenstein escreve a partir de 4.001 que a linguagem pode ser compreendida como “a totalidade das proposições”⁴⁹, indicando em que medida a proposição, ela mesma um fato, é capaz de nos oferecer um retrato da realidade ao apontar para uma direção específica dentro do espaço lógico. Segundo o *Tractatus*, entretanto, isto só é possível porque a proposição detém a mesma forma lógica do fato figurado, o que é a condição para que ela diga algo com sentido – entendendo isto como “suas condições de verdade” (SANTOS. p.25).

Conforme o quadro montado pelo texto, as proposições podem ser caracterizadas de duas formas diferentes. Em primeiro lugar, através das proposições elementares, que são um modo específico de apresentar um estado de coisas a partir do momento em que:

⁴⁸ Nas consagradas palavras do Prefácio ao *Tractatus* que refletem esta posição: “O livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem. Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre o aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”. Ainda que as observações em torno do “método correto em filosofia” sejam expostas ao final do livro, já é possível notar desde o Prefácio que a caracterização dos limites precisos da linguagem implica que o que vier a infringi-los são simples contrassensos, um mal entendimento de sua estrutura lógica. Ao final, porém, é exatamente através de contrassensos que o livro se constitui, pois ainda segundo a advertência do texto: “O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado)”. Caminhando sobre esta linha tênue, o *Tractatus* procura traçar “de dentro”, como diz Wittgenstein, os limites da linguagem, e ao fazê-lo propõe uma análise de sua estrutura e capacidade de representação.

⁴⁹ Apesar de não explorarmos neste momento, convém indicar que o conceito de proposição neste trecho é um elemento fundamental para os desdobramentos críticos das Investigações (Cf. §§93-4).

Um nome toma o lugar de uma coisa, um outro, o de uma outra coisa, e estão ligados entre si, e assim o todo representa – como um quadro vivo – o estado de coisas (TLP 4.0311)⁵⁰.

Embora possa ser convencionado, o nome representa *algo*, isto é, o seu significado é o próprio objeto que ele nomeia. Quanto à proposição, desde as notas que serviram de base para a composição do *Tractatus*, é próprio de sua natureza constituir-se como uma estrutura articulada de nomes que figuram a realidade, e cujo valor de verdade é estabelecido a partir da correspondência entre os nomes que a configuram e os objetos em seus estados de coisas.

Segundo a formulação dos *Notebooks*,

⁵⁰Conforme a teoria da figuração exposta pelo *Tractatus*, a capacidade da linguagem de figurar a realidade repousa sobre as proposições elementares logicamente independentes. O objetivo da análise lógica da linguagem é o de chegar até elas e determinar as proposições mais simples e capazes de asserir um estado de coisas, pois “consistem em nomes em ligação imediata” (4.221). Caso a possibilidade de verdade de uma proposição dependa logicamente da verdade de outra proposição, o que se tem então é, na verdade, uma proposição complexa, que são funções de verdade de proposições elementares. Como contraponto, a marca característica de uma proposição elementar se revela como logicamente independente de outra proposição (4.211). Por sua vez, as proposições complexas constituem-se a partir das proposições elementares, relacionadas por meio dos operadores lógicos que determinam, a partir da constante lógica em aplicação ($\sim \wedge \vee \leftrightarrow$ etc.), qual é exatamente o seu valor de verdade. Cada um dos conectivos lógicos assinalaria uma regra de aplicação específica, determinando as condições de verdade da proposição que resulta da aplicação deste operador. Por meio da tabela de verdade, o *Tractatus* apresenta todo o quadro possível de relações lógicas entre as proposições, caracterizando ao final a forma lógica de toda a linguagem. Segundo Medina (2012), *If we were given “all elementary propositions,” we could determine what propositions can be constructed out of them and hence fix the whole range of logical possibilities expressible in language* (p.7). Além de ser indiferente ao conteúdo das proposições, convém salientar que este quadro formal é desenhado de maneira totalmente a priori, preocupando-se apenas em revelar a forma lógica das proposições. Ainda segundo Medina, dois casos especiais de proposições deixam de expressar a função de verdade, as tautologias e as contradições. No caso das tautologias, trata-se de proposições que são necessariamente verdadeiras, e no caso das contradições, necessariamente falsas. Ambas podem ter o seu valor reconhecido em virtude de sua forma lógica, mas tão somente porque não representam nada na realidade, isto é, “não representam nenhuma situação possível” (4.462). Conforme Medina, *Wittgenstein is trying to dissuade us from thinking about these peculiar symbolic constructions as expressions of a special kind of truth and falsehood about the world. As he remarks, a tautology is “unconditionally true” and “a contradiction is true on no condition,” not because they have special truth conditions, but rather, because they have “no truth-conditions” at all* (p.8). Como assinalado pelo *Tractatus*, o caráter necessário das proposições da lógica, ainda que compostas legitimamente, pois combinam os sinais de maneira correta, não figuram nenhum fato na realidade e por isso são meros contrassensos – a tautologia porque admite todas as situações possíveis, e a contradição porque não admite nenhuma (4.462). Esta característica não impede, entretanto, que as propriedades e relações internas das proposições lógicas sejam reveladas, (TLP 6.12) “Que as proposições da lógica sejam tautologias, isto mostra as propriedades formais – lógicas – da linguagem e do mundo”. Este ponto reforça, igualmente, a tese de que há coisas das quais não se pode falar, notadamente a própria estrutura da proposição, mas que podem ser mostradas. No caso das tautologias e contradições é disso que se trata, elas revelam a estrutura do simbolismo de representação.” *What the emptiness of tautologies and contradictions shows is precisely that necessities and impossibilities do not reside in an ontological realm that logical syntax has to mirror, but rather, that they reside in the logical form of our symbolisms, in the “logical scaffolding” surrounding our symbolic representations* (Medina. p.13). As proposições capazes de dizer algo com sentido são as que figuram a existência ou inexistência de estados coisas contingentes, o que exclui as tautologias e contradições, em que nenhum fato no mundo pode refutá-las ou negá-las. Conforme o TLP, quando falamos sobre o mundo, falamos de coisas contingentes, e portanto o que é necessário não está se referindo aos fatos.

Names are points, propositions arrows – they have sense. The sense of a proposition is determined by the two poles true and false (NB. p.102).

Assim entendida, a proposição pode ser vista como um “espelho” refletindo a conexão entre os elementos da afiguração e os objetos em seus estados de coisas⁵¹, e o que possibilita isto é justamente o fato de ambos estarem em uma relação logicamente coordenada. *A forma lógica*, compartilhada tanto pela figuração quanto pelo fato figurado, é o que garante esta relação. Como assinalado nos aforismos 2.14; 2.15 do *Tractatus*:

A figuração consiste em estarem seus elementos uns para os outros de uma determinada maneira.

Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras. Essa vinculação dos elementos da figuração chama-se sua estrutura; a possibilidade desta, sua forma de afiguração.

Neste contexto, a estrutura fundamental da linguagem se restringe a um modelo estritamente referencialista, pressuposto para figuração do que é denominado de “fatos” - uma caracterização que se desdobra da ontologia particular ao texto, em que o mundo se define não como um conjunto de objetos, mas de suas articulações⁵². Estas mesmas articulações são então representadas como um modelo da realidade, tendo os nomes no lugar das coisas, combinando-se de acordo com as mesmas articulações dos objetos na realidade e pintando um tipo de “quadro vivo” (Cf. TLP 4.0311). O que representa estas articulações é precisamente a proposição, sua expressão sensível.

⁵¹Segundo a versão preliminar desta concepção, datada de setembro de 1914: “*The general concept of the proposition carries with it a quite general concept of the coordination of proposition and situation: The solution to all my questions must be extremely simple. In the proposition a world is as it were put together experimentally. (As when in the law-court in Paris a motor-car accident is represented by means of dolls, etc.) This must yield the nature of truth straight away (if I were not blind). Let us think of hieroglyphic writing in which each word is a representation of what it stands for. Let us think also of the fact that actual pictures of situations can be right and wrong*”. (NB. p.7).

⁵²O que se pode notar é que cada fato na realidade, presente ou possível, poderia ser descrito por uma linguagem capaz de se articular e ser bivalente, isto é, se constituir como verdadeira ou falsa dependendo das relações que estabelece com a realidade.

Sobre este ponto, observa Santos (2010), é preciso observar a distinção que o texto estabelece entre o signo proposicional e a proposição, explicitando o que de fato *determina* se o sinal efetivamente se caracterizará como uma figuração. Para o *Tractatus*, na medida em que o *pensamento* projeta uma situação possível, ele desempenha um papel fundamental e se constitui como condição para o sinal proposicional realmente ser uma figuração verdadeira ou falsa da realidade. Segundo Santos,

O sinal proposicional é a face sensível da proposição, o pensamento que ela exprime é seu fundo oculto. A proposição é o sinal proposicional em sua relação projetiva com o mundo; é nessa relação, no pensamento, que se deve buscar o que faz a proposição uma figuração (SANTOS. 2010. p.70).

O que há de essencial na proposição seria assim mais do que um mero sinal escrito ou sonoro. Como sugere a proposição 3.1431 do *Tractatus*, também é possível imaginar objetos espaciais como sinais proposicionais, tais como mesa ou cadeira, por exemplo, e postular que a forma como eles são dispostos “exprime, nesse caso, o sentido da proposição”. Trata-se, portanto, de tomar estes objetos não por eles mesmos, mas como representação de uma determinada situação, vivificando-os simbolicamente a fim de que se tornem mais do que um mero fato bruto.

O mesmo se daria com os signos da linguagem, que sem o pensamento, supostamente o grande responsável por estabelecer as *relações projetivas* entre a linguagem e a realidade, seriam apenas a “face sensível da proposição”, isto é, um fato entre outros no mundo. É a partir desta projeção que os nomes, por si mesmos arbitrários, estabeleceriam um contato com os objetos que nomeiam, permitindo que suas relações possam ser representadas. Por isso mesmo, o sentido da proposição não dependerá da existência factual da combinação de objetos ou de seus representantes, mas de suas possibilidades, do que seria o caso se estivesse dessa ou daquela maneira.

Toda figuração com sentido, postulada como uma afirmação sobre os fatos na realidade, contém uma forma lógica que é a função de verdade de proposições elementares. Isto significa que a proposição deve possuir *um único* valor de verdade, que deve poder representar o que é ou o que poderia ser o caso. Neste contexto, a bipolaridade do enunciado configura-se como uma das notas características da proposição, ou seja, sua natureza distintiva no tocante a capacidade de ser uma representação com sentido depende essencialmente do fato de poder ser verdadeira ou falsa.

Neste ponto também é clara a ruptura do *Tractatus* com a concepção tradicional cuja suposição é a de que o nome é a menor parte do discurso significativo. Para o *Tractatus*, “só no contexto da proposição que um nome tem significado” (3.3), o que além de destacar o que pode ser atribuído ao nome e o que caberia à proposição, corrobora a importância da complexidade da proposição para o princípio da bipolaridade, uma vez que isto permite dissociar o seu sentido de seu valor de verdade.

No caso do nome, ou mesmo a concepção de que a proposição é um nome complexo, o seu sentido só se faria presente na medida em que nomeasse algo verdadeiro, pois proposições falsas não significam nada que é o caso. Como insiste Wittgenstein, porém, “A proposição em que se fala de um complexo será, caso ele não exista, não um contrassenso, mas simplesmente falsa” (TLP 3.24).

Como consequência, dois aspectos podem ser destacados da natureza bipolar da proposição e que estarão no cerne do tratamento dado pelo *Tractatus*. Primeiro, o sentido da proposição adquire um carácter absolutamente determinado, expondo como é a realidade por completo. Isto significa que as condições de verdade de uma proposição caracterizam, igualmente, suas condições de falsidade, sem margem para uma terceira via. Assim,

A realidade deve, por meio da proposição, ficar restrita a um sim ou não.
Para isso, deve ser completamente descrita por ela (TLP 4.023).

Em segundo lugar, a bipolaridade da proposição explicita a independência de seu sentido em relação ao seu valor de verdade, ou seja, não se trata apenas de poder compreendê-la sem o conhecimento prévio de sua verdade ou falsidade, mas que é *necessário* que isto ocorra desta forma. Como bem salienta o aforisma 4.024:

Entender uma proposição significa saber o que é o caso se ela for verdadeira.

(Pode-se, pois, entendê-la e não saber se ela é verdadeira).

Com o confronto com a realidade torna-se possível estabelecer a verdade ou a falsidade da proposição, isto é, se o estado de coisas que ela figura concorda com a realidade, obtém-se uma proposição verdadeira, se está em desacordo, então ela é falsa, “para reconhecer se a figuração é verdadeira ou falsa, devemos compará-la com a realidade” (2.223). O mais importante, no entanto, é que a *possibilidade* de representação de um estado de coisas, existente ou inexistente, marca a concepção de proposição do *Tractatus* (2.201-2.202).

Estes aspectos, ainda que reunidos de uma maneira um pouco solta, formam um conjunto de temas que estarão diretamente presentes na interlocução que compõem os parágrafos 89-133, e serão alvos de uma revisão radical de Wittgenstein. A concepção de uma estrutura rígida, necessária do pensamento, linguagem e realidade, bem como a concepção isomórfica que atravessa os tópicos acima apresentados serão lançados fora como parte de uma ilusão que precisa urgentemente ser dissipada.

3.2 SOBRE OS §§89-133 DAS *INVESTIGAÇÕES*: OS §§89-97 E A QUESTÃO GRAMATICAL, O CONCEITO DE ANÁLISE E A PROPOSIÇÃO

3.2.1 SOBRE A QUESTÃO GRAMATICAL: *IF* §§89-90

Uma vez apresentada a visão geral dos termos e conceitos do *Tractatus*, reunindo um conjunto de temas que ecoam nas passagens 89-133 das *Investigações*, podemos dialogar com o texto e redimensionar a amplitude de suas críticas. Sobretudo, tentar perceber em que medida a ênfase das leituras tradicionais sobre a ilusão do rigor na determinação do sentido é apenas *um* dos muitos pontos debatidos nesta seção.

De fato, algumas destas passagens das *Investigações* tendem a reforçar a ideia de que o que é significado por “lógica” nesta seção tem como função retratar um processo de *análise lógico-filosófica da linguagem* que permita a superação das dificuldades geradas pelas expressões ordinárias, marcando os aspectos da recusa à sublimação da lógica como uma reafirmação e aprofundamento de críticas que caracterizam, por exemplo, o debate dos parágrafos 81-88.

Como objeção a esta restrição na leitura, o próprio modo como o tema é abordado já no início do §89 serve para acentuar uma relação bem mais profunda. Como vimos, a introdução da pergunta sobre a sublimação da lógica parte de uma distinção fundamental entre a lógica e as ciências empíricas e, na verdade, reforça as razões gerais pelas quais a sua qualificação nestes termos “soaria” legítima⁵³,

For there seemed to pertain to logic a peculiar depth—a universal significance. Logic lay, it seemed, at the bottom of all the sciences (PU §89).

De acordo com a primeira definição do texto, a imagem que a lógica representa é a de que as verdades que lhe cabem compreender são por si mesmas de natureza distinta, configurando-se como a ordem *a priori* do mundo, o que é *necessariamente* verdadeiro e

⁵³ Além disso, o texto serve de base para a apresentação de um contraponto que marcará a segunda metade do recorte (§108-133), redefinindo o papel da investigação filosófica.

independente de qualquer fato em particular. Novamente, o que enuncia-se desde o início do parágrafo 89 é uma espécie de compreensão da lógica como anterior à experiência, ou mesmo independente dela, uma investigação da *essência* do real, sem a preocupação “com o isto ou aquilo do acontecimento concreto”, mas com a compreensão do “fundamento ou a essência de tudo que pertence à experiência” (*IF* §89b).

Caracterizado desta forma, o texto trata de elementos que vão além da questão relacionada à precisão dos termos na linguagem, ou pelo menos, que este é um aspecto desdobrado da aceitação de certos pressupostos, como a ideia de que o mundo tem uma natureza essencial e que as formas lógicas do pensamento e da linguagem podem representar esta ordem.

O desejo de ir além das contingências empíricas e “ver as coisas a fundo” seria o que de fato impulsiona a lógica, e a sublimação, neste sentido, pode ser vista como um tipo de “elevação” da linguagem (de sua estrutura mais profunda) em relação à experiência cotidiana. Na realidade, é como se ao olhar para a linguagem a única intenção do filósofo fosse a de tentar descobrir a sua estrutura, as conexões ou as regras que a constitui, e não o modo como ela efetivamente é usada.

Por esta razão, a investigação lógica⁵⁴ deve moldar-se por uma série de exigências, e não por acaso, ao se posicionar contra esta perspectiva Wittgenstein dirá que a sua “pureza” não lhe foi *entregue*, mas imposta (Cf. *IF* §107)⁵⁵. Podemos afirmar, desde este ponto, que a profundidade especial e garantia de universalidade que parecem pertencer à lógica (§89b) é o que de fato oferece o primeiro tom para a releitura do problema, mas é também a partir disto que perguntas como as de origem socrática, como “o que é...?”, evidenciarão a

⁵⁴Segundo os comentários de Baker e Hacker, esta característica marca a tradição analítica em termos bastante precisos: “*Analytic definitions specify the essence of the definiendum, and the philosophical quest for analytical definitions that originates with Socrates and Plato is a quest for the essence of things. Accordingly to this conception, philosophy is a sublime, supra-scientific, investigation into the nature of the world.*”, (G. Baker; P. Hacker. 2000. Vol I Part II. p.10)

⁵⁵O texto refere-se aqui aos resultados do *Tractatus*.

especificidade da atividade filosófica como algo relacionado à compreensão da linguagem. Sobre este aspecto, apesar da distinção entre o estatuto filosófico e o das ciências empíricas ser mantido nas *Investigações*, algumas nuances do texto precisam ser elucidadas.

A parte final do parágrafo 89, lançando mão de uma nova citação de Agostinho referente à definição do que é o tempo, redireciona o sentido em que a investigação lógica se preocupa com a “essência do real”. Segundo o texto,

Augustine says in the Confessions "quid est ergo tempus? si nemo ex me quaerat scio; si quaerenti explicare velim, nescio".—This could not be said about a question of natural science ("What is the specific gravity of hydrogen?" for instance). Something that we know when no one asks us, but no longer know when we are supposed to give an account of it, is something that we need to remind ourselves of (PU §89).

Além de sua relação com a questão socrática, o exemplo canônico de Agostinho também é apresentado como uma forma de especificar em que medida os problemas filosóficos, neste caso a pergunta sobre o tempo, se desdobram de uma ilusão gerada por “certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem” (§90). Neste caso, a passagem também contribui para a caracterização inicial do trabalho filosófico como o de explicitação da forma lógica do que é enunciado com sentido, que como consequência eliminaria os erros e contrassensos gerados por um mal entendimento da linguagem⁵⁶. É o que defendem, por exemplo, Baker e Hacker, afirmando que a citação de Agostinho ainda serve para levar adiante o princípio de que,

We proceed by examining the grammar of the language and reminding ourselves of what makes sense. For what is (logically) possible just is what makes sense. This examination is to be conducted not by depth analysis

⁵⁶A interlocução com o *Tractatus*, neste caso, é preponderante. Sobretudo naquilo que é evidenciado em tópicos como 4.112, onde se afirma justamente que o fim da filosofia pode ser definido como o esclarecimento lógico da linguagem, “A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações. O resultado da filosofia não são ‘proposições filosóficas’, mas é tornar proposições claras. Cumpre à filosofia tornar claros e determinar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos”.

(§§91–2), but by calling to mind the familiar kinds of statements we make, and grouping them in a surveyable arrangement (p.203 v.2).

Sob esta perspectiva, os autores compreendem que a aparente contradição experimentada pelo Bispo de Hipona, “aquilo que se sabe quando ninguém nos interroga, mas não se sabe mais quando devemos explicar” (§89), ainda é usada como um meio de desdobrar da investigação pela essência que tipo de papel desempenha os critérios gramaticais e o processo de análise envolvendo a questão.

Tomado como exemplo, o caso de Agostinho demonstraria que saber uma palavra na verdade requer o domínio de seu uso, ainda regulado por um conjunto de regras autônomas, e que os problemas filosóficos surgem da falta de um entendimento mais substancial deste escopo, no sentido de que ao explicá-lo é preciso trazê-lo “à lembrança” (§89) para se obter uma visão mais panorâmica (§122).

É verdade que no contexto das anotações do *Blue book* a utilização do exemplo de Agostinho e a sua caracterização ocupavam um percurso mais detalhado do que o das *Investigações*, deixando evidente que Wittgenstein explorava esta passagem como um tipo de perplexidade gerada pelos equívocos filosóficos⁵⁷:

Como é possível a medição do tempo? O passado não pode ser medido, porque passou, e o futuro não pode ser medido porque ainda não existe. E o presente não pode ser medido porque não tem extensão (*BB*. p.58).

A perplexidade, neste caso, parece ser a de quem acredita na impossibilidade de medir o tempo dado a sua natureza supostamente enigmática. Como deve haver uma razão para o mistério, isto que faz com que o diagnóstico traçado apresente a dificuldade como algo que se desdobra das “analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem” (§90). Ainda segundo o *Blue Book*,

⁵⁷ Consequentemente, uma teoria filosófica sobre o tempo. Conforme Baker e Hacker: *Having ‘reminded himself’ of the way temporal expressions are used, Augustine unfortunately fails to arrange the grammatical data in such a way that the problems dissolve, and instead produces a philosophical ‘theory’ (see Confessions, XI, §20)*. G. Baker; P. Hacker. 2000. Vol I Part II. p.204.

Agostinho, poderíamos dizer, pensa sobre o processo de medir um comprimento: digamos, a distância entre duas marcas em uma fita em movimento que passa e da qual podemos somente ver um pequeno pedaço (o presente) em frente de nós. Solucionar esse enigma consistirá em comparar o que queremos dizer por “medição” [a gramática da palavra “medição”], quando aplicada à distância em uma fita em movimento, com a gramática da palavra quando aplicado ao tempo. (BB. p.79)

O que deve ser considerado, entretanto, é que a interlocução das *Investigações* com o exemplo de Agostinho também reflete as concepções dos textos do período intermediário, em que o conceito de regras e gramática como o anteparo das significações de fato se tornam centrais. Neste ponto, Wittgenstein começa a valorizar a experiência com a gramática da linguagem ordinária sem se preocupar com uma análise completa ou uma generalização desse contato, valorizando, igualmente, a atividade filosófica como “correção do uso da linguagem”.

Justamente na seção 90 do *Big Typescript*, intitulada “*Philosophy. The clarification of the use of language*”, em que alguns trechos serão citados nas *Investigações*, esta concepção será explorada com maiores detalhes. Citando Lichtenberg, Wittgenstein diz:

“*Our entire philosophy is correction of the use of language, and therefore the correction of a philosophy – of the most general philosophy*” (BT 90. p.312).

A indicação é a de uma correção do uso da linguagem que permita superar certos equívocos filosóficos, aliás, prossegue o texto, aqueles mais inerradicáveis, que habitam os mais profundos hábitos de pensamentos e que resultam em uma confusão gramatical. Em certo sentido, estes equívocos estariam gravados na linguagem e precisariam ser indicados como “falsos caminhos”:

And thus we see one person after another walking down the same paths and we already know where he will make a turn, where he will keep going

straight ahead without noticing the turn, etc., etc. Therefore wherever false paths branch off I ought to put up signs to help in getting past the dangerous spots. (BT 90. 312e).

Esta sinalização, afirma a seção 90 do BT, ofereceria à filosofia a possibilidade de deixar de fazer as mesmas indagações que desde os gregos a tem inquietado, justamente porque são perguntas que se originam de uma mesma estrutura de linguagem, uma mesma “trilha”, por assim dizer, que a leva sempre a se ocupar com os mesmos problemas.

But those who say that don't understand the reason it must be so. That reason is that our language has remained constant and keeps seducing us into asking the same questions. So long as there is a verb “be” that seems to function like “eat” and “drink”, so long as there are the adjectives “identical”, “true”, “false”, “possible”, so long as there is talk about a flow of time and an expanse of space, etc., etc., humans will continue to bump up against the same mysterious difficulties, and stare at something that no explanation seems able to remove (Id. Ibid).

Ora, tanto as perguntas quanto as respostas formuladas para elas, afirma o texto, seriam determinadas pelos pressupostos mais profundos e que habitam a linguagem, e é neste sentido que poderíamos entender a citação do parágrafo 103 das *Investigações*:

The ideal, as we think of it, is unshakable. You can never get outside it; you must always turn back. There is no outside; outside you cannot breathe.—Where does this idea come from? It is like a pair of glasses on our nose through which we see whatever we look at. It never occurs to us to take them off (PU §103).

A distância entre a seção inaugurada pelo §89 e o processo de “análise” do *Tractatus*, ou mesmo os textos do período intermediário, está em não supor algo “oculto”, abaixo da superfície da linguagem, determinando a sua prática, mas sim “compreender o que já esteja diante de nossos olhos” (§89). Para as *Investigações*, diferente do contexto intermediário, a lógica, ou a gramática, não devem ser tomados como instâncias autônomas

em relação à experiência. Na citação de Agostinho, ordenar a linguagem a fim de compreender os seus usos e as suas diferentes analogias é apenas uma forma de fazer valer a máxima de que não há nada de errado com a linguagem ordinária⁵⁸.

O que está colocado em questão, e que portanto será alvo das críticas seguintes, é a concepção de que apesar de sua aparência, *deve* haver uma ordem “inviolável” em toda linguagem, uma estrutura que se apresenta como um pressuposto necessário para o discurso correto sobre os fenômenos⁵⁹ (§90) e que precisa ser apreendido pelo processo de análise.

⁵⁸De um ponto de vista crítico, o texto toma como referência e objeto de interlocução as perspectivas de Russell e do jovem Wittgenstein (citadas mais acima), cuja concepção compartilhada era a de que a linguagem corrente, ao mascarar sua verdadeira estrutura lógica, é responsável por levar-nos a realizar algumas analogias que embora tenham a aparência de profundidades são, na verdade, muito impróprias. Neste caso, o emprego de uma mesma palavra para designar uma infinidade de significados diferentes também é responsável por criar uma série de percalços para o seu correto entendimento. Conforme a advertência do próprio *Tractatus*, “Para evitar esses equívocos, devemos empregar uma notação que os exclua, não empregando o mesmo sinal em símbolos diferentes e não empregando superficialmente da mesma maneira sinais que designem de maneiras diferentes. Uma notação, portanto, que obedeça à gramática lógica – à sintaxe lógica” (3.325). E assim também prescrevia Wittgenstein em *Some Remarks on Logical Form* (SRLF), texto posterior ao *Tractatus* e que já redimensiona as características deste projeto, “*The idea is to express in an appropriate symbolism what in ordinary language leads to endless misunderstandings. [...] where it [a linguagem ordinária] uses one term in an infinity of different meanings, we must replace it by a symbolism which gives a clear picture of the logical structure, excludes pseudo-propositions, and uses its terms unambiguously*” (1993. pp. 29-30). Caracterizado dessa forma, tanto o *Tractatus* quanto o texto de SRLF ressaltam a necessidade de um procedimento de análise das formas habituais da linguagem a fim de evidenciar a estrutura responsável pela relação entre as sentenças e os fatos de maneira precisa, algo como a “essência da linguagem, das proposições e do pensamento”. Com este procedimento, não só seria possível garantir a conexão exata das palavras com o mundo, sem as ambiguidades e os mal-entendidos das expressões usuais, mas também evidenciar o que é um problema filosófico e qual a maneira correta de abordá-lo. Entre outras características, também está refletida na discussão a concepção de Russell, cujo mérito, segundo o próprio *Tractatus*, foi o de ter demonstrado que a forma lógica aparente das proposições não espelha a sua forma real (4.0031). Para Russell, no entanto, isto insere a reflexão lógica na tarefa de instauração de uma linguagem perfeita (ideal), que talvez nunca se efetive, é verdade, mas que ainda assim deveria ser posta como meta a se perseguir. Em sua interpretação do *Tractatus*, Russell equivocadamente também atribui esse objetivo ao próprio Wittgenstein: “Importa-lhe as condições de um simbolismo acurado, isto é, um simbolismo em que uma sentença “signifique” algo bem definido. Na prática, a linguagem é sempre mais ou menos vaga, de modo a nunca ser completamente preciso o que se afirma.(...) Importam ao sr. Wittgenstein as condições de uma linguagem logicamente perfeita” (p.114). Ao contrário do que pensava Russell, porém, o *Tractatus* concebe que apesar de a linguagem, em suas formas habituais, esconder sua verdadeira sintaxe, isto é, as regras gramaticais que a fundamenta e a governa de maneira rigorosamente precisa, isso não implica que ela seja imperfeita e tenha que se aproximar de um simbolismo ideal. Em termos lógicos, assegura a proposição 4.002, a linguagem encontra-se em ordem assim como está, e pode exprimir todo sentido. Segundo o *Tractatus*, o que de fato ocorre é que graças à enorme complexidade que a linguagem possui, enquanto “parte do organismo humano, e não menos complicado que ele” (4.002), a sua forma lógica não pode ser imediatamente reconhecida. No entanto, ainda que exista uma desconfiança com a linguagem usual, nada há que possa ser pensado ou dito de forma “ilógica” (3.03) – o que significa que para Wittgenstein, no *Tractatus*, a limitação da linguagem ordinária está relacionada apenas ao fato de que ela mascara sua verdadeira forma. Esta mesma concepção, e a crítica à proposta de Russell, reaparecerá nos termos do parágrafo 98: “Por um lado, é claro que cada frase de nossa linguagem ‘está em ordem, tal como está’. Isto é, que nós não aspiramos a um ideal: como se nossas frases habituais e vagas não tivessem ainda um sentido totalmente irrepreensível e como se tivéssemos primeiramente de construir uma linguagem perfeita”.

⁵⁹Discurso nos termos do §89, isto é, visando a essência de todas as coisas.

Por esta razão, a suposta *necessidade* que o conceito de análise traz é na sequência colocada no centro da discussão.

Our investigation is therefore a grammatical one. Such an investigation sheds light on our problem by clearing misunderstandings away. Misunderstandings concerning the use of words, caused, among other things, by certain analogies between the forms of expression in different regions of language.—Some of them can be removed by substituting one form of expression for another; this may be called an "analysis" of our forms of expression, for the process is sometimes like one of taking a thing apart (PU §90).

Como indicado, esta perspectiva de como trabalhar com a linguagem está embebida das concepções do período intermediário. Seu uso nas *Investigações* ocorre, em primeiro lugar, com o intuito de nos fazer perceber os inúmeros desdobramentos desta concepção e, em seguida, como forma de caracterizar a ilusão que aprisiona a prática filosófica. Ao assumir estes mesmos pressupostos em sua descrição inicial da lógica, os parágrafos 89-90 anunciam um embate que mais poderia ser descrito como o contraste entre perspectivas.

De um lado, uma concepção específica da atividade filosófica, que em desconforto com a vagueza da linguagem estabelece o lugar central do processo de análise lógica como a tentativa de evidenciar algo que não apenas a determine rigorosamente, mas que também se configure como:

a priori order of the world: that is, the order of possibilities, which must be common to both world and thought (PU §97).

E é justamente porque este “algo” não está dado, mas encontra-se misteriosamente “oculto”, que se requer uma investigação que o explicita. Qualquer que seja os desdobramentos deste processo, entretanto, trata-se da consequência de se assumir este pressuposto metafísico: o mundo possui uma natureza essencial que pode ser representada pelas formas lógicas do pensamento e da linguagem. A leitura do que seja a sublimação da

lógica, portanto, teria correlação direta com o papel que estes pressupostos desempenham na atividade filosófica, como eles se desdobram e como alcançam ares tão elevados.

Por sua vez, a recusa que na sequência será montada contra estes pressupostos, ou ainda, a perspectiva oposta de Wittgenstein, levará adiante a ideia de um uso ordinário da linguagem que prescindia a estas características, uma postura que se satisfaz “com aquilo que na vida cotidiana se chama ‘frase’, ‘palavra’, ‘signo’”, e que considere o jogo de linguagem no qual elas são empregadas.

3.2.2 CRÍTICA AO CONCEITO DE ANÁLISE: §§ 90-91

A partir do parágrafo 90 e 91, a questão que começa a ser desdobrada no texto, para além do fato de intensificar a interlocução com as concepções do *Tractatus*⁶⁰, acentua a apresentação das primeiras contraposições diretas à ilusão que leva até a sublimação da lógica. Conforme a descrição do parágrafo 91, a suposta *necessidade* de sujeição das expressões a um processo de decomposição pode produzir uma visão equivocada do que representa a análise da linguagem, como acreditar que alcançamos a estrutura essencial do mundo⁶¹,

As if there were something like a final analysis of our forms of language, and so a single completely resolved form of every expression. That is, as if

⁶⁰ Ao caracterizar a função da análise lógica da linguagem como o meio a partir do qual se explicita o seu “fundo oculto”, o *Tractatus* teria caído na ilusão de que “o especial, o profundo, o essencial” de sua investigação era “compreender a essência incomparável da linguagem” (§97).

⁶¹ Conforme o comentário crítico de Baker e Hacker: “The conception of analysis that underpinned logical atomism is chimerical. Such analytic paraphrase may, for some purposes, be of elucidatory use, but the idea that it penetrates to the ultimate logical structure of the world is an illusion. The world has no logical structure” (Vol. I; Part II. p.9).

our usual forms of expression were, essentially, unanalysed; as if there were something hidden in them that had to be brought to light. When this is done the expression is completely clarified and our problem solved (PU §91).

Como esta é a base para a caracterização de uma exigência projetada sobre a linguagem, é justamente contra esta imposição que o texto começa a se voltar. Descrito desta forma, como um *requerimento* desdobrado de uma observação equivocada da linguagem ordinária, é como se o ideal adotado produzisse um estado de insatisfação em relação à linguagem comum, que devido ao seu modo “vago” de ser, seria concebida como impura.

It can also be put like this: we eliminate misunderstandings by making our expressions more exact; but now it may look as if we were moving towards a particular state, a state of complete exactness; and as if this were the real goal of our investigation (PU §91).

Em um primeiro passo, a exigência de decomposição das formas de expressões ordinárias se dirigiria em direção a um simbolismo mais exato, capaz de evitar os mal-entendidos que decorrem de um uso equivocado da linguagem. Porém, um segundo passo, ainda mais definitivo, envolve a própria configuração da atividade filosófica como a tentativa de atingir este estado de perfeita exatidão, como se o seu objetivo fosse precisamente este.

De acordo com a descrição do texto, o que se supõe é que a análise lógica da linguagem, além de visar desde a linguagem usual alcançar os seus fundamentos mais profundos, especifica os elementos capazes de determinar com precisão o sentido das sentenças. Trata-se igualmente de investigar a questão relativa a essência da linguagem, da proposição e do pensamento, exatamente como no contexto da análise proposta pelo

Tractatus, cujo postulado era decompor as proposições complexas até os seus constituintes mais simples, uma “última análise das nossas formas de linguagem” (*IF* §91).

O que a recusa das *Investigações* demonstrará, levando adiante muito das observações feitas sobre a noção de semelhanças de família, é que não há nada oculto sob as formas expressões habituais que devesse vir à luz pelo processo de análise. Ou seja, o esclarecimento do significado das proposições usuais não depende necessariamente da análise de suas proposições componentes, que como pensava o *Tractatus*, ao constituírem-se por nomes em ligação direta aos objetos, fundamenta o significado das proposições como representação de um estado de coisas,

4.2 O sentido da proposição é sua concordância e discordância com as possibilidades de existência e inexistência dos estados de coisas.

4.21 A proposição mais simples, a proposição elementar, assera a existência de um estado de coisas.

4.221 É óbvio que devemos, na análise das proposições, chegar a proposições elementares, que consiste em nomes em uma ligação imediata (TLP).

Em uma ilustração da objeção a esta concepção, montada a partir do parágrafo 60 das *Investigações*, Wittgenstein pede ao seu interlocutor que considere a proposição “Minha vassoura está no canto”. Esta poderia ser analisada e, ao final, vista como a conjunção de várias afirmações, como a asserção “que indicasse a posição do cabo e da escova”, isto é, o cabo no canto, a escova no canto e, por fim, o cabo fixo na escova. De que modo, pergunta Wittgenstein, esta descrição é “mais analisada?”, como se estivesse oculta no sentido da frase e, agora, explícita pela análise.

Pensamos algo como: quem conhece apenas a forma não analisada priva-se da análise; mas quem conhece a forma analisada, possui tudo. - Mas não

posso dizer que um aspecto da coisa escapa tanto a *este* como àquele? (*IF* §63).

A recusa se dá exatamente contra a suposição de algo oculto que possibilite oferecer um significado exato para a proposição. Não por acaso, uma das formas de dizer isso poderia ser caracterizando a análise como a apreensão da essência da linguagem, da proposição e do pensamento:

'The essence is hidden from us: this is the form our problem now assumes. We ask: "What is language?", "What is a proposition?" And the answer to these questions is to be given once for all; and independently of any future experience (PU §92).

O pano de fundo, mais uma vez, revela a profunda interlocução do texto com o *Tractatus* e, não por acaso, a análise do que seja a “proposição” surge nos parágrafos seguintes como o objeto central da reflexão – assim como o caráter figurativo e as condições lógicas pelas quais linguagem e mundo se relacionam. O que ocorre é que, ao rejeitar a concepção de análise do *Tractatus*, Wittgenstein também repudia o seu *essencialismo*, isto é, a intenção de explicitar a característica essencial de toda proposição ou da linguagem, como o fez a partir do §65.

É precisamente neste ponto que se acentua uma das principais e mais diretas contraposições das *Investigações* em relação à visão anterior do *Tractatus* e, conseqüentemente, a alguns dos elementos que configuram a sublimação da lógica. Segundo o §93, é a caracterização da linguagem nos termos de um processo inusual que conduz à suposição de que a proposição realiza “algo estranho”, como expressar um sentido rigorosamente determinado através de um elemento que se encontra *entre* os signos e os fatos representados.

Why do we say a proposition is something remarkable? On the one hand, because of the enormous importance attaching to it. (And that is correct).

On the other hand this, together with a misunderstanding of the logic of language, seduces us into thinking that something extraordinary, something unique, must be achieved by propositions.—A misunderstanding makes it look to us as if a proposition did something queer (PU §93).

Neste caso, seria preciso *purificar* a linguagem, ou mais especificamente o signo proposicional, postulando algo que além de vivificá-lo realize uma intermediação entre ele e o fato. Este “algo” misterioso, por sua vez, remeteria a suposição de uma ordem *a priori* do mundo, compartilhada pelo pensamento e revelada pela lógica. Trata-se de algo completamente desencarnado das experiências usuais, embora pressuposta, pois é isso que as garantem.

Uma vez adotada esta perspectiva, olhando a proposição como *uma forma estranha*, a consequência quase inevitável é supor que os signos proposicionais, mediante o pensamento que os vivificam, espelham a essência do mundo. Concebido segundo a tradição – aqui já completamente imersa na sublimação – o pensamento seria um “fundo oculto” ou “puro intermediário” capaz de refletir a “ordem das *possibilidades*”, aquilo que é comum ao mundo e a linguagem.

3.2.3 SOBRE O CONCEITO DE PROPOSIÇÃO, PENSAMENTO E IMAGEM DO MUNDO: §§94-95

Ecoando o interesse do *Tractatus* de compreender o modo pelo qual uma proposição é capaz de representar a realidade⁶², os parágrafos 94-95 caracterizam mais um dos cernes

⁶²Conforme os cadernos de notas que serviram de base para a composição do *Tractatus*, o interesse de Wittgenstein era justamente o de “clarificar a essência da proposição. Isso significa especificar a essência de todos os fatos, dos quais a proposição é figuração. Especificar a essência de todo ser. (E aqui ser não significa existir – pois isso seria um contrassenso) (NB, p. 39).

da sublimação, que é determinar o papel desempenhado por aquilo que o texto caracteriza como “puro ser intermediário”. Partindo do pressuposto isomórfico do *Tractatus*, o que se supõe é que entre o signo proposicional e o que ele representa encontra-se o pensamento. Este vivifica a significação e caracteriza a linguagem como uma “imagem do mundo”.

A compreensão da natureza da proposição necessariamente passaria pela suposição da existência de uma *ordem* que se estende por toda a experiência, como ordem das *possibilidades*, por assim dizer, que é espelhada pela linguagem e mediada pelo pensamento. A questão que aparece nesta e outras passagens das *Investigações*, como o exemplo do parágrafo 38, é saber como relacionar os termos da proposição e a realidade, ou seja, dados os seus pressupostos, é como se fosse necessário alguma mediação entre o signo proposicional e o fato, a linguagem e o uso correto. Neste caso, o pensamento aparece como a principal alternativa, pois seguindo o exemplo do *Blue Book*, é como se:

The action of language consists of two parts; an inorganic part, the handling of signs, and an organic part, which we may call understanding these signs, meaning them, interpreting them, thinking. These latter activities seem to take place in a queer kind of medium, the mind; and the mechanism of the mind, the nature of which, it seems, we don't quite understand, can bring about effects which no material mechanism could.
[BB, 3]

Segundo a interpretação de Carvalho (2006), é justamente a suposta necessidade do recurso ao intermediário, entendido como a essência da significação, que o pensamento é “sublimado” e atrelado à ordem do mais puro cristal: “Trata-se de uma inversão que remete a significação no contexto da experiência, da linguagem ordinária, variável, incompleta e instável, a uma estrutura de significação fixa e estável que a sustentaria, para além do terreno da aparência” (2006. p.106).

A arquitetura que se arma seria completamente independente de qualquer experiência, anterior a ela, e que precisaria estar “no foco do nosso olhar” (§113). A garantia de sua apreensão, no entanto, só se estabeleceria graças a uma estrutura em que a linguagem é tomada como *espelho* do mundo:

Thought, language, now appear to us as the unique correlate, picture, of the world. These concepts: proposition, language, thought, world, stand in line one behind the other, each equivalent to each (PU §96).

A sublimação, nestes termos, se apresenta como a gradação de uma “ilusão”, que em seu ápice compreende que o pensamento não só espelha a ordem *a priori* do mundo, garantindo a significação dos signos proposicionais, mas que sua estrutura é anterior a qualquer experiência concreta, “nenhuma perturbação e nenhuma incerteza empírica deve afetá-la” (*IF* §97).

Assim, a contraposição entre a ordem *a priori* que é apresentada pela lógica, que garante o sentido das proposições de maneira irrepreensível, e o emprego ordinário das palavras passa a ser mais diretamente indicada, o que permite, novamente, que a questão sobre o estatuto da linguagem ordinária e como entendê-la nos termos de sua vagueza seja colocado em discussão na segunda parte deste conjunto de parágrafos.

3.2 SOBRE A CONTRAPOSIÇÃO DO TEXTO NOS §§ 98-108

A explicitação dos pressupostos que desenham a sublimação da lógica adquire o seu ápice já no §94. Neste contexto aparece a ideia de uma “purificação” dos signos proposicionais a fim de que ele represente de maneira adequada a “ordem *a priori*” do mundo. O auge desta determinação é postular esta esfera como:

utterly simple. It is prior to all experience, must run through all experience; no empirical cloudiness or uncertainty can be allowed to affect it—It must rather be of the purest crystal (PU §97).

Ainda como pano de fundo, supõe-se que esta ordem, apesar de oculta (no segundo plano – no meio da compreensão (IF §102)), é o que garante a significação e, fundamentalmente, o faz porque é definida de maneira *a priori* e fixa. Tem que ser assim (IF §101), na medida em que se supõe que na lógica o sentido não pode conter nenhuma vagueza. Nos termos propostos por Carvalho (2006),

Como mais se poderia conceber o funcionamento da proposição senão por referência a uma ordem estável que ela sempre supõe e que garante sua significação, a estabilidade e objetividade da relação entre signo e fato? “Não há nenhum lá fora; lá fora falta o ar” [PU, 103]. Investigar essa ordem oculta seria o papel da lógica, tal qual a concebe o *Tractatus* e a tradição à qual este se liga (p.108).

A segunda parte deste conjunto de parágrafos retoma este ponto como uma estratégia fundamental da contraposição que se arma no texto. A instabilidade e a contingência da linguagem experimentada ordinariamente seria definitivamente o oposto da demanda então pressuposta quando se assume que há uma ordem *crystalina* capaz de determinar rigorosamente o significado das sentenças. Na realidade, até então a ilusão que vem sendo descrita e criticada parece afirmar que a experiência cotidiana da linguagem só se sustenta tendo como referência um modelo ideal. Nestes termos,

The more narrowly we examine actual language, the sharper becomes the conflict between it and our requirement. (For the crystalline purity of logic was, of course, not a result of investigation: it was a requirement.) The conflict becomes intolerable; the requirement is now in danger of becoming empty (PU §107).

Este aspecto será constantemente explorado nas passagens que se seguem, explicitando um tipo de ansiedade gerada pelo mal entendido em relação ao papel que o

ideal desempenha em nosso modo de expressão. Uma vez equivocados sobre a função destes pressupostos, a busca por purificação, ou mesmo a sublimação do próprio signo proposicional (*IF* §94), se desdobra espontaneamente, pois diante da constatação de que a experiência usual da linguagem é vaga e contingente, querer encontrar um sentido rigorosamente determinado é quase que um desdobramento “natural”.

Assim, no núcleo da imagem que precisa ser refutada encontra-se a ilusão de que o que importa são coisas mais profundas, inquietações filosóficas profundas, como a investigação da linguagem em termos de sua essência, e não o seu emprego, “humilde”, marcado por experiências *contingentes*. A contraposição, portanto, torna-se explícita:

We are not striving after an ideal, as if our ordinary vague sentences had not yet got a quite unexceptionable sense, and a perfect language awaited construction by us (IF §98).

Neste ponto, a reintrodução da discussão sobre a indeterminação do sentido ganha uma nova dimensão, e se mantém como o grande mote para a apresentação do contraponto de Wittgenstein. Em primeiro lugar, o texto mais uma vez caracteriza que o que é concebido como “ideal” não deve ser compreendido como se “tivéssemos que construir uma linguagem perfeita”, como queria Russell, por exemplo. Este ponto já havia sido indicado baseando-se na prescrição do *Tractatus* de que a deficiência da linguagem é apenas aparente, e que sob sua superfície *deve* existir uma ordem perfeita, uma estrutura lógica ou um sistema de regras fixas que delimita com precisão o sentido dos enunciados.

The sense of a sentence—one would like to say—may, of course, leave this or that open, but the sentence must nevertheless have a definite sense. An indefinite sense—that would really not be a sense at all (PU §99).

A grande pergunta que se desdobra, agora, carregada de pressuposições, é saber se uma delimitação com algum tipo de lacuna perderia completamente o seu valor e função, pois o pressuposto de pureza que constitui o ideal descrito até então tem prescrito que é

necessário eliminar completamente a vagueza da linguagem. Este é, justamente, o cerne da investigação, ou seja, especificar e compreender, sob outra luz, o papel que o “ideal” tem desempenhado nas determinações de nosso olhar sobre a linguagem, bem como suas implicações para a filosofia e lógica, pois “não pode haver – diríamos – uma vagueza na lógica” (*IF* §101).

Isto é possível graças à acentuação do contraste entre a linguagem ordinária e a sua idealização, que apesar de desde o início do recorte já ser algo marcante no texto, agora se revelará ainda mais importante para o desprendimento em relação ao preconceito da pureza cristalina da lógica, tirando os “óculos” através dos quais esta perspectiva é determinada (*IF* §103).

O que configura essa nova abordagem da linguagem ordinária é que, se antes a descrição de sua vagueza ou instabilidade servia para justificar o uso dos critérios inalteráveis da lógica, agora isso não será mais visto como uma deficiência que remete a busca de algo perfeito. Pautada pelo rigor do ideal, portanto, parece que é a um outro tipo de “palavra” que a lógica visa, algo que se destaca do ordinário, o que torna o confronto com a linguagem real e sua indeterminação ainda mais dramático, tornando “a pureza cristalina da lógica” não uma dádiva, mas uma exigência *necessária* (*IF* §107).

De maneira mais explícita, o que o parágrafo 106 adverte é para que esta tentação seja ponderada com cuidado, antes de tudo, que o cotidiano e as reais “necessidades” sejam visadas, e não a descrição de sutilezas. Enfatizando o que logo na sequência será uma “mudança” radical na perspectiva do texto em relação ao preconceito da pureza cristalina, o parágrafo 107 solicita para que “Retornemos ao solo áspero!”,

We have got on to slippery ice where there is no friction and so in a certain sense the conditions are ideal, but also, just because of that, we are unable to walk. We want to walk: so we need friction (*PU* §107).

Esta é uma das chaves para interpretar o que se segue, e o §108 mantém-se como pivô no texto, afirmando que o que é chamado de “sentença” e “linguagem” não dispõe da unidade formal pressuposta, por exemplo, pelo *Tractatus*, mas está relacionada a uma família de estruturas mais ou menos aparentada entre si. Seu rigor é antes de tudo um pressuposto, e muito raramente a linguagem é usada nestes termos.

Na verdade, o reconhecimento é o de que a lógica não dirá de “frases e das palavras em um sentido diferente daquilo que atribuímos na vida ordinária” (*IF* §108), o que se desdobra em uma pergunta sobre o seu rigor ou pureza, que parece se desfazer completamente. Fundamentalmente, expõe o texto, é preciso uma mudança de comportamento em relação ao preconceito da pureza cristalina, fixando-se não em postulados sublimados, mas na verdadeira necessidade.

No núcleo da caracterização proposta pelas *Investigações* estará a posição de que a investigação lógica não deve se estruturar a partir de um ideal que é pensado de maneira transcendental e fora de nossas experiências (*IF* §108). Seguir por este caminho é deixar-se enfeitiçar por uma superstição, “e sobre essas ilusões, sobre esses problemas é que recai o *pathos*” (*IF* §110).

O que efetivamente representa a mudança de perspectiva assinalada pelo §108, por exemplo, é que não se trata de negar que a lógica é *a priori*, mas que devemos perceber que o que importa é o modo como lidamos com esta característica. Para as *Investigações*, não é a sua natureza supostamente misteriosa ou atrelada a uma esfera supranatural que deve ganhar o centro de nossas atenções, mas a função que isto desempenha em nossa experiência com a linguagem.

As proposições da lógica, da matemática ou mesma a ideia de uma sintaxe de nossa linguagem desempenham papéis específicos nos jogos de linguagem em que eles aparecem,

indicando o que deve ser feito. A questão é que não precisamos compreender “mal o papel que o Ideal desempenha em nossos modos de expressão”, ou seja, não devemos achar que se trata de uma forma desencarnada ou um fundo oculto que determina o funcionamento da linguagem.

Exatamente quando a filosofia adota esta postura, acreditando ter encontrado uma forma de expressão ideal, ou arrancando ela de uma esfera etérea, sublime e transcendental, que se vê a ilusão. O conceito de “proposição”, por exemplo, tradicionalmente posto em um lugar privilegiado em nossa linguagem traz como implicação que seja rigorosamente determinada, oposta aos fatos contingentes da experiência ordinária e, por isso mesmo, detentora de uma natureza *ideal*. A sublimação se concretiza em passos como esses, olhando para a linguagem e vendo mais do que o que está dado.

Apesar disto, o filósofo ainda parece supor que conseguiu determinar algo de essencial na linguagem e no mundo, como a forma geral da proposição, por exemplo. O que ele não percebe, entretanto, é que tudo o que se consegue é andar ao longo da “forma através da qual” contemplamos a natureza (*IF* §114). Em outros termos, trata-se dos limites da linguagem, regras arbitrárias sem nada de essencial.

Uma metáfora que é incorporada às formas de nossa linguagem causa uma falsa aparência; esta nos inquieta: “não é assim!” - dizemos. “Mas é preciso que *seja assim!*”. “*É assim*” - não paro de repetir. É como se eu devesse aprender a essência da coisa, como se eu pudesse fixar *agudamente* esse fato e situá-lo no foco de meu olhar (*IF* §113).

Segundo o §118, estas observações podem dar a entender que tudo o que é grande, tudo o que é valioso parece ser destruído. A questão não é essa. Conforme o texto, todas as questões até então postas contra a ilusão de certas formas de se proceder com a linguagem e com a lógica buscaram apenas “reconduzir” as palavras de seu uso metafísico para um emprego cotidiano. O trabalho da filosofia não seria outro senão o de descrever o uso da

linguagem e indicar, para usar o vocabulário do §38, quando as palavras estão de “férias”, sem nenhuma pretensão metafísica.

“A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo. Pois também não pode fundamentá-lo. A filosofia deixa tudo como está” (*IF* §124).

3.3 OBSERVAÇÕES FINAIS SOBRE O PERCURSO

Segundo o percurso proposto pela seção de parágrafos que se estende do 89 ao 133, um dos principais elementos que caracterizava a visão “sublime” do *Tractatus* consistia em projetar equivocadamente uma forma de representação sobre a realidade, como se ela tivesse que se conformar a um tipo de ideal. “É preciso que *seja assim!*”, dizem aquele que adotam esta concepção (Cf. *IF* §112).

Em que medida Wittgenstein havia se deixado guiar por um ideal nestes termos? Principalmente por supor que a linguagem, entre outras coisas, necessariamente deveria ser fundamentada por nomes reais, uma determinação plena do sentido, uma relação inequívoca com a ordem estável do mundo e assim por diante. Como a experiência ordinária não satisfazia estas exigências, na verdade ela parecia contaminá-la, ele pressupôs que estes termos ideais deveriam estar ocultos sob a superfície da linguagem, e que era preciso um processo de análise para revelá-los. De acordo com Baker e Hacker,

These misconceptions concerning the a priori order of things in the world were one aspect of misunderstandings concerning the role of the ideal. They were presuppositions consequent upon misunderstanding about language and logic. The sublimations of names, propositions, determinacy of sense, etc., in the Tractatus involved, as we have seen, projecting a form of representation on to language (p.266).

Tendo estes elementos como fundamento da linguagem, determinar em quê eles consistem, em qual lugar residem, como se relacionam com os signos proposicionais e assim por diante tornou-se parte dos objetivos da filosofia do *Tractatus* e de toda a tradição na qual ele estava vinculado.

A maneira como Wittgenstein se contrapõe a esta ilusão, sobretudo no contexto desta seção (embora também leve em consideração as outras discussões, como as que envolve a noção de semelhanças de família, por exemplo) nos coloca diante de um quadro bastante interessante. Particularmente, evidencia em que medida a ilusão que estes elementos trazem representam o desejo filosófico de generalizar certas características sobre a lógica de nossa linguagem, como supor uma estrutura subjacente, uma rigidez na determinação do sentido, o papel que as regras desempenham e assim por diante.

A consequência, quase que inevitável, é que sob o jugo dessa ilusão o próprio cotidiano se verá *determinado* por estes preceitos ou enviesados por certas fantasias, como supor a existência de regras que sirvam para todos os contextos, que abarquem todas as possibilidades e acabem com qualquer dúvida em sua aplicação (*IF* §84). Neste caso, a dinâmica de sublimação se torna tão absoluta que a independência de todos os propósitos particulares e todas as necessidades humanas concretas se veem totalmente comprometidas.

De acordo com o desenvolvimento desta seção, aqueles que estão presos a estas fantasias simplesmente não conseguem reconhecer o sentido cotidiano, ou perceber que elevaram de tal maneira os seus ideais que o próprio caminhar se tornou impossível. Direcionados pela ilusão desse ideal de lógica, o nível de perfeição, de rigor e exatidão requerido tornou-se tão grande que é difícil “ver que precisamos nos ater às coisas do pensamento cotidiano” (*IF* §106). Por isso o texto tem um tom notadamente terapêutico, voltado para a reorientação de um comportamento.

De forma semelhante, sujeitos à ideia de uma pureza cristalina e à unidade formal que ela representa, a crítica aos seus princípios parecerá um convite ao caos, pois o que resta para a lógica depois de toda a crítica? “Seu rigor parece desfazer-se” (*IF* §108). Valorizar o cotidiano seria quase que contaminar a “ordem mais concreta que existe” (*IF* §97) com as mazelas do ordinário.

Mas é exatamente este cotidiano, essa necessidade concreta, que surge no texto como o grande pivô. Neste sentido, o que o texto chama de “necessidades reais” aparece como o único ponto a partir do qual a ilusão pode ser colocada em suspensão, o que também significa que esta insatisfação ou desconfiança para com a linguagem ordinária, vinda justamente de um mal entendido em relação ao papel que o ideal deve desempenhar, precisa ser superada. Ainda que o texto não explicita quais são as “necessidades reais” e que de fato devem estar no centro de nossa atenção, ele indica com plena certeza que não é compreender a essência de todas as coisas (*IF* §89).

A “clareza” que a lógica nos oferece tem a ver apenas com as nossas formas de representação, e não com a ilusão que o ideal criticado nestas passagens postulava. Certamente a lógica mantém-se como uma reflexão que se distingue das demais ciências (*IF* §89), mas como uma forma de representação, para usar o vocabulário mais destacado por Baker e Hacker,

The a priori must have its nimbus removed, for it is no more than a form of representation. That red is darker than pink is a grammatical proposition, a rule for the use of the words 'red', 'pink' and 'darker than' - a rule that allows us to infer without more ad that if A is red and B is pink, then A is darker than B. But when we present a rule for the use of words, a norm of representation, in the guise of a proposition about what is represented, we produce an a priori proposition that appears to be a description of the objective nature or essence of things (Vol 1. p.265).

Trata-se, neste caso, de algo que a filosofia produz para caracterizar a linguagem, e por estar envolvida na gramática, e não no mundo, não se submete aos seus princípios. O problema surge exatamente quando isto é generalizado e usado para conformar o real de maneira “dogmática”, como se o mundo devesse se submeter a estes princípios de representação. A reorientação do ponto de vista possibilitado por estas passagens consiste em nos fazer conscientes disso, entendendo que mais importante do que buscar determinar a natureza da lógica é nos atermos às descrições de como ela opera com suas regras em nossos jogos de linguagem.

Seria um equívoco, no entanto, continuarmos presos à ilusão de que estas regras estão ocultas e determinando as nossas práticas. Embora se trate da especificação de uma forma de representação da realidade, o anúncio destas “regras” ainda encontra-se inserido em uma forma de vida, e só possui sentido se cumprir uma função *neste* contexto. Como demonstram as *Investigações*, em várias passagens, não existem “superconceitos”, e uma regra alienada de sua prática e contexto é tão inócua quanto uma roda que gira em falso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações de Wittgenstein a respeito da sublimação da lógica nos §§89-133 das *Investigações* são tradicionalmente interpretadas pelos comentadores como parte de uma discussão sobre o método correto em filosofia. Sob esta perspectiva, a “lógica” descrita nestas passagens representa um tipo de investigação lógico-filosófica da linguagem cuja principal característica é supor que as formas de expressão cotidiana possuem uma estrutura subjacente rigorosamente determinada. Uma vez que esta estrutura é exposta pelo processo de análise, nos tornamos capazes de compreender a linguagem como um cálculo com regras fixas.

Esta concepção de lógica, fundamentalmente representada pelo *Tractatus*, tem como principal pressuposto e origem da sublimação querer investigar a ordem *a priori* do mundo, e como entende que isto é algo distinto das contingências empíricas, vendo a estrutura lógica como condição para essas experiências, pressupõe que há algo oculto sob as formas aparentes da linguagem. A sublimação, neste caso, consiste primeiramente em ver as expressões ordinárias não só como desprovidas de rigor, mas como um convite ao erro.

Visto sob este ângulo, sublimar a lógica significa atribuir a ela e a sua forma de representação uma posição mais elevada e livre da contaminação do cotidiano, cuja significação das palavras, mais uma vez, é vista como imprecisa e contrária à “ordem mais concreta que existe” (cf. *IF* §97). No âmbito da literatura construída sobre o tema, os comentários de Baker e Hacker consolidaram esta perspectiva, adotando tanto a ideia de que os parágrafos 89-133 constituem a única reflexão de Wittgenstein sobre o método em filosofia, quanto a tese de que a sublimação da lógica é uma forma equivocada de ver a investigação da linguagem, sobretudo, buscando um rigor que não é encontrado na linguagem ordinária.

A questão que tentamos destacar, contudo, é que o sentido em que a lógica é vista como sublime nestas passagens não pode estar limitado apenas a um recorte pontual, notadamente, a ideia de uma investigação voltada para a precisão dos termos na linguagem. Isto porque o texto claramente debate o próprio sentido em que a linguagem é de algum modo ratificada por um pressuposto teórico, principalmente se este princípio estiver alienado de uma prática efetivamente imersa em determinadas formas de vida.

Com a ampliação das possibilidades de leitura do trecho que se estende do §89 ao §133 é possível compreendermos que a “lógica” e o problema de sua sublimação são representados com nuances ainda mais substanciais, explicitando estas passagens como um debate que rearticula o seu papel depois do percurso trilhado desde o início das *Investigações*, isto é, desde os primeiros passos em direção à dissolução da imagem agostiniana da linguagem e aos supostos “problemas” filosóficos que ela impõe. Neste caso, particularmente, a reconfiguração do papel e do sentido da necessidade lógica em um contexto em que a prática dos jogos de linguagem, apesar de possuir suas regras, não é definida por nenhum domínio teórico.

De igual modo, amplia-se o leque de interlocuções destas passagens, isto é, apesar de o texto ser uma crítica ao *Tractatus*, ele também acaba por mostrar como a maior parte da tradição filosófica se ampara em fundamentos que são mais como castelos de areia, e isto inclui, igualmente, o contexto intermediário dos trabalhos de Wittgenstein, além de toda tradição filosófica.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.
- BAKER, G. “Wittgenstein: Concepts or Conceptions?”. *The Harvard Review of Philosophy*, ix, 2001.
- BAKER, G. P. & HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Understanding and Meaning*, Volume 1 of an Analytical Commentary on the Philosophical Investigations. Oxford: Blackwell, 2005.
- BAKER, G. P. & HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Rules, Grammar and Necessity*, Volume 2 of an Analytical Commentary on the Philosophical Investigations. Oxford: Blackwell, 1985.
- BAKER, G. P. and HACKER, P.M.S. *Scepticism, Rules and Language*. Oxford: Basil Blackwell, 1984.
- BAKER, G. P. & HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Understanding and Meaning*, Volume 1 of an Analytical Commentary on the Philosophical Investigations. Oxford: Blackwell, 1980.
- BOUVERESSE, J. *La force de la règle*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.
- CARVALHO, Marcelo. *Imagem e dissolução: Entre as Investigações e Da Certeza*. São Paulo: 2006. Tese de doutorado – USP.
- CARVALHO, Marcelo. *Linguagem sem regras fixas: A normatividade da linguagem e a recusa do modelo de cálculo nas Investigações*. Artigo disponível em: https://www.academia.edu/23412656/Linguagem_sem_Regras_Fixas
- CARVALHO, Marcelo. *El medio y el fin: Wittgenstein y los cambios en el concepto de gramática entre 1930 y 1936*. Artigo disponível em <https://www.academia.edu>

- CARVALHO, M; CUTER, J. V.; ENGELMANN, M.; PRADO NETO, B. *Fenomenologia, Análise e Gramática: Comentário às Observações Filosóficas de Wittgenstein*. São Paulo: Ed. Mundareu. 2017.
- CHILD, William. *Wittgenstein: uma introdução*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- DIAMOND, C. *Realism and the Realistic Spirit*. Cambridge, MA.: The M.I.T. Press, 1991.
- ENGELMANN. *Wittgenstein's philosophical development: phenomenology, Grammar, method, and the anthropological view*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- ENGELMANN. "As filosofias da matemática de Wittgenstein: Intensionalismo sistêmico e a aplicação de um novo método (sobre o desenvolvimento da filosofia da matemática de Wittgenstein) – Curitiba/São Carlos: Revista DoisPontos, vol. 6. n.2. 2009. p.165-184.
- ENGELMANN. *Wittgenstein's new method and Russell's the analysis of mind*. Journal of Philosophical Research. Vol. 37. 2012. pp. 283-311.
- FOGELIN, R. J. *Wittgenstein*. London: Routledge & Kegan Paul, 1976, 2nd edition 1987.
- FORSTER, Michael. *Wittgenstein on family resemblance concepts*. In *Wittgenstein's philosophical investigations: a critical guide*. Cambridge University Press, 2010.
- GLOCK, Hans-Johann. *A Wittgenstein Dictionary*. Oxford: Blackwell, 1996.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998
- GOLDFARB, Warren . 'I Want You to Bring Me a Slab: Remarks on the Opening Sections of the "*Philosophical Investigations*". *Synthese* 56: 265-82. Reprinted in Canfield 1983.
- HACKER, P., *Insight and Illusion*. Revised Edition. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- HACKER, P.M.S. *Wittgenstein: Meaning and Mind*, Volume 3 of an Analytical Commentary on the Philosophical Investigations – Part I - Essays. Oxford: Blackwell, 1990.
- HACKER, P.M.S. *Wittgenstein: Mind and Will*, Volume 4 of an Analytical Commentary on the Philosophical Investigations. Oxford: Blackwell, 1996.
- HACKER. *Wittgenstein's place in twentieth-century analytic philosophy*. Oxford: Blackwell, 1996.
- HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: connections and controversies*. New York: Oxford University Press, 2001.
- HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Comparisons and Context*. Oxford University Press, 2013.
- LAERTIOS, Diogenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: UnB, 2008.
- McGINN, Colin. *Wittgenstein on Meaning*. Oxford: Blackwell, 1984.

- McGINN, Marie. *Wittgenstein and the Philosophical Investigations*. London: Routledge, 1997.
- MONK, Ray. *Ludwig Wittgenstein: O dever do gênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MEDINA, José. *The unity of Wittgenstein's philosophy: necessity, intelegibility and normativity*. State University of New York Press. 2002
- MILLER, A. & WRIGHT, C. (eds.). *Rule-Following and Meaning*. Chesham: Acumen, 2002.
- PLATÃO. *Sofista*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA. 1980.
- PLATÃO. *Teeteto-Crátilo*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA. 2001.
- PRADO JÚNIOR, Bento. *Erro, ilusão, loucura*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- PRADO NETO, Bento. *Fenomenologia em Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- RUSSELL, Bertrand. *The Analysis of Mind*. 1997
- SANTOS, L. H. L. . “A Essência da Proposição e A Essência do Mundo”. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001.
- SAVIGNY, EIKE VON. *No chapter “On philosophy” in the Philosophical Investigations*. *Metaphilosophy* 22, 1991.
- STERN, David. *Wittgenstein on Mind and Language*. New York, Oxford University Press, 1995.
- STERN, David. *As Investigações filosóficas de Wittgenstein: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2012.
- SLUGA, Hans D. & STERN, David G. (eds.). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. Cambridge University Press, 1996.
- WITTGENSTEIN, L. *The Blue and Brown Books*. Oxford: Basil Blackwell, 1998.
- WITTGENSTEIN, L. *O livro azul*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- WITTGENSTEIN, L. *Culture and Value*. Edited by Georg Henrik von Wright in collaboration with Heikki Nyman. Revised Edition of the Text by Alois Pichler. Translated by Peter Winch. Oxford: Blackwell, 1998.
- WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Remarks*. Edited from his posthumous writings by Rush Rhees and translated into English by Raymond Hargreaves and Roger White. Oxford: Blackwell, 1975.
- WITTGENSTEIN, L. *The Big Typescript*. Edited and translated by C. Grant Luckhardt and Maximilian A. E. Aue. Oxford: Blackwell. 2005.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Pensadores, Os).

- WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell, 1997.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. trad. Luiz H. L dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001.
- WITTGENSTEIN, L. *Gramática filosófica*. São Paulo: Loyola. 2003.
- WITTGENSTEIN, L. *Wittgenstein's Lectures, Cambridge 1930–32*. Oxford: Blackwell, 1979.
- WITTGENSTEIN, L. *Notebooks – 1914-1916*. 2^a ed. G.H. von Wright & G.E.M. Anscombe (eds.). Trad. G.E.M. Anscombe. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- WITTGENSTEIN, L. *Some Remarks on Logical Form*. Indianapolis-Cambridge: Hackett Publishing Company, 1993.
- WITTGENSTEIN, L. *Wittgenstein and the Vienna Circle. Conversations recorded by Friedrich Waismann*. Brian McGuinness (ed.). Trad. Schulte, Joachim & McGuinness, Brian. Oxford: Basil Blackwell, 1979.